

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA MECÂNICA

UNIVERSIDAD DE LA REPUBLICA, URUGUAY  
FACULTAD DE INGENIERIA

ESTUDO DA FORMAÇÃO DE GELO DURANTE O ARMAZENAMENTO  
A GRANEL DE VEGETAIS CONGELADOS

por

Ana Urquiola Mujica

Dissertação para obtenção do Título de  
Mestre em Engenharia Mecânica

Porto Alegre, Março de 2017

ESTUDO DA FORMAÇÃO DE GELO DURANTE O ARMAZENAMENTO  
A GRANEL DE VEGETAIS CONGELADOS

por

Ana Urquiola Mujica

Engenheira Industrial Mecânica

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia Mecânica, da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de

Mestre em Engenharia

Área de Concentração: Fenômenos de Transporte

Orientador: Prof. Dr. Paulo Smith Schneider

Aprovada por:

Prof. Dr. Cirilo Seppi Bresolin ..... DEMEC / UFRGS  
Prof. Dr. Pedro Curto ..... UDELAR/ Uruguai  
Prof. Dr. Letícia Jenisch Rodrigues ..... PROMEC / UFRGS  
Prof. Dr. Graciela Álvarez ..... IRSTEА / França

Prof. Dr. Jakson Manfredini Vassoler

Coordenador do PROMEC

Porto Alegre, 21 de Março de 2017

*A mi familia y amigos*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradezco enormemente a la Dra. Graciela Álvarez y al Dr. Paulo Schneider por el apoyo, el acompañamiento y la dedicación en la dirección mi trabajo de maestría. Agradezco también a todo el equipo de trabajo del IRSTEA, GPAN, y de la UFRGS quienes me recibieron muy amablemente y colaboraron en este proyecto.

También agradezco a la Agencia Nacional de Investigación e Innovación, quien me otorgó la beca que me permitió realizar el presente trabajo, con actividades en Francia, Brasil y Uruguay.

Finalmente agradezco a la UDELAR y especialmente mis compañeros del IIMPI quienes me apoyaron en esta etapa.

## ABSTRACT

A model of heat and mass transfer is proposed in order to predict frost formation into a closed container filled with frozen vegetables. The physical problem is modeled as a macroporous media composed by the product itself and the surrounding air. Natural convection air flow is assumed into the container, who promotes water mass transport. As a first validation, the model is simulated for several exterior air temperatures, under environmental fluctuations (boundary conditions). Results of four temperature cycles were compared, varying average air temperature, amplitude and frequency of oscillation, one by one. As a general result, it is observed that the product temperature behavior is as expected, and it is directly associated with frost formation into the container. Frost formation increases with large amplitude of oscillation, but decreases with higher frequencies and higher mean temperatures. Model parameters were obtained for two assembling: frozen slices of carrots and air, and frozen extra thin green beans and air. Parameter definition and evaluation combines literature review, measurements and numerical simulation. In general, parameters which characterize these porous media were similar for both products, even though they display different geometries. The experimental validation is performed for carrot slices with two temperature cycles. The numerical model is able to predict air velocity field, air and product temperatures, and local frost formation. Results are validated in respect to a set of independent experimental results that shown a good agreement. Air flow circulation is as expected due to natural convection. Product temperature simulated behavior agrees with measurements, and temperature values differ by less than 12%. Respect to frost formation predictions, the model predicts correctly the most susceptible regions to frost formation. However, the quantity of frost formed predicted by the model ( $1.56\text{ g/week}$ ) is lower than the experimental one ( $4.67\text{ g/week}$ ), despite being of the same order of magnitude. The effect of each parameter in the model is study in order to detect how to improve the model. The most important parameters affecting total frost formation are effective mass diffusivity and convective heat coefficient into the storage container. Adjusting these parameters to twice, better results in terms of frost formation could be obtained ( $3.09\text{ g/week}$ ).

Keywords: Frozen food; Porous media; Heat and mass transfer; Temperature fluctuation; Natural convection; Frost formation.

## RESUMO

Este trabalho propõe um modelo de transferência de calor e massa para prever a formação de gelo em um container preenchido com legumes congelados. O problema físico é modelado como um meio poroso composto pelo próprio produto e o ar em seu entorno. O regime de convecção natural é assumido dentro do container, o qual promove o transporte de massa. Como uma primeira validação, o modelo é simulado considerando diferentes temperaturas de ar externo, causadas por flutuações da vizinhança. Resultados para quatro ciclos de temperaturas foram comparados, variando separadamente a temperatura média do ar, amplitude e frequência de oscilação. De modo geral, é observado que a temperatura do produto se comporta assim como era esperado e este resultado é diretamente associado à formação de gelo dentro do container. A formação de gelo cresce com uma maior amplitude de oscilação, porém decresce com um aumento na frequência e na temperatura média. Os parâmetros do modelo foram obtidos para dois diferentes produtos: fatias de cenouras congeladas e vagens congeladas, ambos em meio ao ar. As definições de parâmetros são oriundas de revisão bibliográfica, medições experimentais e simulações numéricas. Os parâmetros encontrados para a caracterização desses meios porosos foram similares para ambos os produtos, mesmo eles possuindo diferentes geometrias. A validação experimental foi feita para as fatias de cenoura considerando dois ciclos de temperatura. O modelo numérico é capaz de prever o campo de velocidades do ar, as temperaturas do produto e a formação de gelo local. Os resultados foram validados em relação a um grupo independente de resultados numéricos, tal comparação apresentou uma boa concordância. A circulação de ar encontrada é, de fato, devido à convecção natural. O comportamento da temperatura dos produtos simulados concorda com os valores medidos e os valores de temperaturas diferem por menos de 12%. Com respeito à formação de gelo, o modelo é capaz de prevê-la corretamente nas regiões mais suscetíveis a este fenômeno. Porém, a quantidade de gelo formado prevista pelo modelo (1,56 g/semana) é menor do que a experimental (4,67 g/semana), apesar de serem de mesma ordem de magnitude. O efeito de cada parâmetro no modelo é estudado visando detectar maneiras de aprimorar o modelo. Foi encontrado que os parâmetros mais importantes para a formação de gelo total são a difusividade de massa efetiva e o coeficiente de transferência de calor convectivo dentro do container. Ajustando estes parâmetros duas vezes foi possível encontrar resultados melhores com respeito à formação de gelo (3,09 g/semana).

Palavras-chave: Comida congelada; Meio poroso; Transferência de calor e massa; Flutuação de temperatura; Convecção natural; Formação de gelo.

# ÍNDICE

1.	<b>INTRODUCTION</b> .....	1
1.1.	Context.....	1
1.2.	Literature Review .....	2
1.2.1.	Transport phenomena in macroporous media .....	2
1.2.1.1	Natural convection in macroporous media.....	3
1.2.1.2	Temperature fluctuation effects in frozen products .....	3
1.2.1.3	Frost formation phenomena .....	4
1.3.	Objectives .....	5
1.4.	Structure.....	5
2.	<b>AIRFLOW, HEAT AND MASS TRANSFER AND FROST FORMATION MODELING</b> .....	6
3.	<b>PARAMETERS IDENTIFICATION</b> .....	28
4.	<b>MODEL EXPERIMENTAL VALIDATION</b> .....	60
5.	<b>CONCLUSION</b> .....	94
5.1.	General conclusion and perspectives.....	95
	<b>BIBLIOGRAPHY</b> .....	97

## LISTA DE FIGURAS

Figure 2.1	Scheme of the geometry used for the model.....	14
Figure 2.2	Scheme of calculation domain .....	15
Figure 2.3	Domain points to evaluate temperature .....	20
Figure 2.4	Simulation results. Exterior air and product temperatures versus time, for different exterior air temperature cycles: a. Cycle I. b. Cycle II. c. Cycle III. d. Cycle IV .	22
Figure 2.5	Simulation results, cumulative frost formation versus time for cycles I to IV .....	24
Figure 3.1	a. Comparison of freezing curves for pure water and an aqueous solutions containing one solute; b. Schematic illustration of the phase change in a food product during freezing. From Food Process Engineering [Amara et al., 2004] ..	30
Figure 3.2	Scheme of experimental device used for permeability measure.....	35
Figure 3.3	Scheme of experimental device used for conductivity measurement.....	37
Figure 3.4	Scheme of experimental device used for convective coefficient estimation .....	38
Figure 3.5	Experimental device used for convective coefficient estimation, for each vegetable .....	38
Figure 3.6	Experimental curve from DSC measure, for carrots.....	41
Figure 3.7	Apparent specific heat from Food Process Engineering [Amara et al., 2004] .....	41
Figure 3.8	Comparison between enthalpy experimental measure and values from [Verboven et al., 2006].....	42
Figure 3.9	Comparison between values obtained from Eq. (3.18) and from the ASHRAE ..	43
Figure 3.10	Experimental device used for permeability measure .....	44
Figure 3.11	Product distribution in the experimental device for permeability measure .....	45
Figure 3.12	Experimental measures of pressure drop in a carrots bed (length 40 cm) for different air velocities and its curve fitting .....	45
Figure 3.13	Experimental measures of pressure drop in a green beans bed (length 31 cm) for different air velocities and its curve fitting .....	46
Figure 3.14	Comparison between temperatures measured in experiments 1 (Exp 1) and 2 (Exp 2), for carrot slices .....	47
Figure 3.15	Comparison between experimental and simulated temperatures versus time, for carrot slices, with $k_{eq_c} = 0.12W.m^{-2}.K^{-1}$ .....	48
Figure 3.16	Mean quadratic error versus equivalent conductivity for carrot bed .....	49
Figure 3.17	Comparison between experimental and simulated temperatures in the center of the box (T2) versus time, for carrot slices, with $k_{eq_c} = 0.14W.m^{-2}.K^{-1}$ .....	50

Figure 3.18	Comparison between experimental and simulated temperatures in the center of the box (T2) versus time, for green beans, to determine equivalent conductivity of the porous media, with $k_{eq_{gb}} = 0.10W.m^{-2}.K^{-1}$ .	51
Figure 3.19	Experimental temperature measurement of aluminum probe and surrounding air versus time.	53
Figure 3.20	Aluminum probe dimensionless temperature versus time and its curve fitting, for carrot slices.	53
Figure 3.21	Aluminum probe dimensionless temperature versus time and its curve fitting, for green beans	55
Figure 4.1	Simulation domain for the numerical simulation of airflow, heat and mass transfer and frost formation filled with slices of carrots	63
Figure 4.2	Scheme of calculation domain of the cylindrical container	64
Figure 4.3	Experimental workbench built to measure bulk product permeability	69
Figure 4.4	Experimental pressure drops in respect to air velocity in a carrot bed and its linear fitting	70
Figure 4.5	Insulated box built to acquire data to calculate the equivalent or effective conductivity of the bulk of frozen carrots	71
Figure 4.6	Comparison between experimental and simulated temperatures versus time, to determine equivalent conductivity of the porous media	72
Figure 4.7	Experimental device used for convection coefficient measure	73
Figure 4.8	Air and probe temperatures measured in the experimental device depicted in Figure 4.5	74
Figure 4.9	Plastic grids used into the container to measure frost in each region	77
Figure 4.10	Comparison between experimental and simulated temperatures for cycle 1	79
Figure 4.11	Comparison between experimental measured and simulated temperatures for cycle 2	79
Figure 4.12	Experimental values of cumulative frost formation for cycles 1 and 2, experiment 1	81
Figure 4.13	Simulation results for cycle 1, 1 hour time simulation: a. Product temperature ( $^{\circ}C$ ) and velocity field, b. Rate of frost formation ( $mol.m^{-3}.s^{-1}$ ) and velocity field	83
Figure 4.14	Simulation results for cycle 1, 2 hours time simulation: a. Product temperature ( $^{\circ}C$ ) and velocity field, b. Rate of frost formation ( $mol.m^{-3}.s^{-1}$ ) and velocity field	83
Figure 4.15	Schematic air circulation into the container: a. Time 1 hour, b. Time 2 hours	84
Figure 4.16	Frost concentration ( $mol.m^{-3}$ ) after one day (86400 s) of cycle 1	85
Figure 4.17	Simulated cumulative frost formation during one day, for cycle 1	86

Figure 4.18	Percentage of frost measure experimentally in each region .....	87
Figure 4.19	Effect on product temperature at region A due to model parameter variation, for Cycle 1.....	88
Figure 4.20	Effect on total frost formation due to model parameter variation, for Cycle 1 ..	89

## LISTA DE TABELAS

Table 2.1	Parameters used for the model prove .....	19
Table 2.2	Temperature cycles for the first model validation .....	20
Table 3.1	Summary of correlations for the equivalent conductivity $k_{eq}$ of a porous media ..	32
Table 3.2	Model parameters and its determination method .....	39
Table 3.3	Vegetables composition and density of each component as a function of temperature, from [Verboven et al., 2006] .....	40
Table 3.4	Equivalent conductivities obtained with different correlations, for carrot slices and green beans .....	52
Table 3.5	Results of parameters for carrot slices and green beans porous media .....	56
Table 4.1	Porous media parameters selected for the frost formation modeling of stored frozen carrots exposed to temperature fluctuations .....	67
Table 4.2	Elements number for different meshes .....	75
Table 4.3	Results comparison between meshes fine and finer .....	76
Table 4.4	Temperature cycles 1 and 2 .....	77
Table 4.5	Maximum difference between experimental and numerical values of temperatures .....	80
Table 4.6	Frost formation rate for experiment repetitions .....	82
Table 4.7	Relative temperature deviation due to parameter variation effect in the model, at region A for Cycle 1 .....	88
Table 4.8	Relative frost formation deviation due to parameter variation effect in the model, for Cycle 1 .....	89
Table 4.9	Comparison in frost formation for different scenarios .....	90

## LISTA DE SÍMBOLOS

$A$	Heat transfer surface, $m^2$
$A_{spec}$	Specific surface of carrots bed, $m^{-1}$
$a_w$	Water activity
$Bi$	Biot number
$C$	Water vapor concentration in air, $kg \cdot m^{-3}$
$C'$	Nusselt constant
$C_1$	Water vapor concentration in air, $kg \cdot m^{-3}$ of porous medium
$C_2$	Water (ice) content in frost, $kg \cdot m^{-3}$ of porous medium
$C_3$	Water (ice) content in carrots, $kg \cdot m^{-3}$ of porous medium
$c_p$	Specific heat at constant pressure, $J \cdot kg^{-1} \cdot K^{-1}$
$D$	Interior diameter of the plastic container, $m$
$D_d$	Mass dispersion of water vapor in air, $m^2 \cdot s^{-1}$
$D_{eff}$	Effective mass diffusivity of water vapor in air, $m^2 \cdot s^{-1}$
$D_m$	Molecular mass diffusivity of water vapor in air, $m^2 \cdot s^{-1}$
$d$	Particle diameter, $m$
$e_j$	Error
$e_{cm}$	Mean quadratic error, %
$F$	Forchheimer coefficient
$FF$	Frost formation, $g$
$f$	Function
$Gr$	Grashoff number

$g$	Gravitational acceleration, $m. s^{-2}$
$H$	Enthalpy, $J. kg^{-1}$
$h$	Convective heat transfer coefficient, $W. m^{-2}. K^{-1}$
$h_m$	Convective mass transfer coefficient, $m. s^{-1}$
$K$	Permeability, $m^2$
$k$	Thermal conductivity, $W. m^{-1}. K^{-1}$
$L$	Height of the plastic container, $m$
$Le$	Lewis number
$M$	Molecular mass, $kg. kmol^{-1}$
$m$	Mass, $kg$
$m'$	Reynolds exponent
$m'''$	Mass generation rate per unit volume, $kg. m^{-3}. s^{-1}$
$Nu$	Nusselt number
$n$	Prandlt exponent
$P$	Pressure, $Pa$
$Pr$	Prandlt number
$\dot{Q}$	Heat power, $W$
$R$	Universal gas constant, $J. mol^{-1}. K^{-1}$
$Re$	Reynolds number
$R_{skin}$	Skin mass transfer resistance, $s. m^{-1}$
$r$	Radial position, $m$
$S$	Permeability factor

$T$	Temperature, $K$
$T_F$	Initial freezing point, $K$
$t$	Time, $s$
$U$	Global heat transfer coefficient, $W \cdot m^{-2} \cdot K^{-1}$
$V$	Volume, $m^{-3}$
$v$	Fluid velocity, $m \cdot s^{-1}$
$X$	Mass fraction
$x$	Position, $m$
$Y$	Variable
$z$	Vertical position, $m$

### **Greek letters**

$\alpha$	Thermal diffusivity, $m^2 \cdot s^{-1}$
$\beta$	Thermal coefficient of volumetric expansion, $K^{-1}$
$\varepsilon$	Porosity
$\Delta$	Relative difference, %
$\mu$	Dynamic viscosity, $Pa \cdot s$
$\mu'$	Effective dynamic viscosity, $Pa \cdot s$
$\nu$	Kinematic viscosity, $m^2 \cdot s^{-1}$
$\rho$	Density, $kg \cdot m^{-3}$
$\tau$	Time constant, $s^{-1}$

### **Subscripts**

$A$	Container region A
-----	--------------------

<i>a</i>	Air
<i>B</i>	Container region B
<i>bed</i>	Porous bed
<i>C</i>	Container region C
<i>c</i>	Carrots
<i>D</i>	Container region D
<i>eq</i>	Equivalent
<i>ext</i>	Exterior
<i>F</i>	Fine mesh
<i>Fr</i>	Finer mesh
<i>f</i>	Final
<i>fluid</i>	Fluid phase
<i>fr</i>	Frozen product
<i>fus</i>	Water fusion
<i>gb</i>	Green beans
<i>I</i>	Ice
<i>i</i>	Product component
<i>L</i>	Latent
<i>max</i>	Maximum
<i>o</i>	Initial
<i>p</i>	Product
<i>ref</i>	Reference condition
<i>S</i>	Sensible

*sat* Saturated  
*sim* Simulation  
*solid* Solid phase  
*sub* Water sublimation  
*U* Unfrozen  
*w* Free water  
*wall* Container wall

# 1 INTRODUCTION

## 1.1 Context

Nowadays, there is a world scale effort towards the efficient use of energy and to reduce carbon emissions, by adapting consume behaviors to renewable energies limitations. The European project Horizon 2020<sup>1</sup> states to obtaining “Secure, clean and efficiency energy” as one of its objectives. The European Union's objective is to increase the share of renewable energies in energy matrix from 8% in 2014 to 20% in 2020. In this context, the French *Agence de l'Environnement et de la Maitrise de l'Energie* (ADEME) offers financial benefits for industrial consumers that are capable of disconnecting from the energy network. In the other hand, consumers must be able to adapt then to a more flexible energy matrix, based on different sources, like solar or wind. When it concerns the food industry, that procedure may respect a compromise, since energy disconnection leads to temperature fluctuation into the storage environment, affecting directly product quality, which is an important restriction.

In frozen food industry, products, and in the particular case of vegetables, are stored at low temperature in cold rooms, packed in box pallets covered with a plastic bag. Storage duration can range from few months up to one year, before being transfer to small packages, in order to be commercialized. During long term storage into cold rooms, frozen products are exposed to air temperature fluctuations that impact product quality, like ice recrystallization, dehydration, frost formation, etc. Therefore, losses can be expected due to the quality of temperature management.

Flexifroid<sup>2</sup> project, financed by ADEME and carried out by the *Institut National de Recherché en Sciences et Technologies pour l'Environnement et l'Agriculture* (IRSTEA) of France and by the frozen food company Bonduelle S.A., wants to answer two questions:

- Which is the impact of longer or shorter-term periods of energy disconnection on product quality?
- Does energy disconnection cause a final overconsumption? In which circumstances?

---

<sup>1</sup><https://ec.europa.eu/programmes/horizon2020/>

<sup>2</sup>[www.projetflexifroid.fr](http://www.projetflexifroid.fr)

In this way, the aim of the project is to develop a model to optimize the refrigeration system operation and to predict product quality in different conditions. Results are seen as a tool for industry and they can, eventually, help to decide on the disconnection of the power supply network.

In order to understand the behavior of bulk storage of frozen vegetables, and to avoid quality losses, it is necessary to analyze multiphysical phenomena involved inside a pallet box, such as heat transfer, airflow, and frost formation.

Slices of frozen vegetables and the air trapped inside can be modeled as a porous media. That macroporous domain is submitted to temperature fluctuations of the external air, caused by the operation of the storage facility refrigerating system. Heat transfer, airflow by natural convection, and mass transport lead to product dehydration and frost formation inside the pallet.

Unsteady heating and cooling induced by exterior air fluctuations may produce a non-uniform field of properties on the pallet box. Close to external walls, products and air temperature would react or respond more rapidly than in the middle of the pallet, due to thermal inertia. Water from the warmer product is sublimated from hotter regions and then is deposited and frozen at the surface of cooler product regions, where temperature is lower than the air dew temperature, and frost formation takes place. As a result, product dehydration and frost formation are the major quality losses to be avoided, generating changes in product appearance, color, texture and taste. Moreover, frost deposition generates “blocks” of product-frost.

A literature review on airflow, heat transfer and frost formation in frozen porous media is presented.

## **1.2 Literature review**

### **1.2.1 Transport phenomena in macroporous media**

Macroporous media are defined as the porous media in which the ratio of container diameter to particle diameter is smaller than 10. Under these conditions, the effect of the container walls and airflow entrance region cannot be neglected [Alvarez et al., 2003, Amara et al., 2004 and Verboven et al., 2006]. There are several studies supporting the use of heat and mass transfer models for a porous media, applied to a bulk of food products (macroporous

media). A possible approach is direct CFD simulation, which consist on numerically solving the Navier-Stokes and local energy and mass transfer equations [Verboven et al., 2006 and Laguerre et al., 2008]. This method is limited as it requires large computational hardware [Laguerre et al., 2008]. Alternatively, good results are obtained by the porous media approach, based on space average velocity (Darcy velocity) and different methods developed for the energy equation, with one and two temperatures models [Rohsenow, 1998].

#### **1.2.1.1 Natural convection in macroporous media**

Some of these works were focused on transport phenomena in porous media under natural convection conditions. In this case, a buoyancy term is add to Darcy equation (momentum equation), coupled to the energy equation. Laguerre et al., 2008, studied transient heat transfer by free convection in a packed bed of spheres. They developed a packed bed approach and compared it to direct CFD simulation. They concluded that both approaches were in good agreement with experimental values of product and air temperatures. However, the CFD approach was harder to mesh and required more computational time, but it was able to predict fluid flow and temperature in details. Beukema et al., 1982, developed a two dimensional two phase model of temperature and moisture distribution during cooling and storage of fresh agricultural products in cylindrical containers, under natural convection. Model results showed good agreement with experimental measures for potatoes. Dona and Sewart Jr, 1988, applied the porous media approach to solved numerically natural convection heat transfer inside a cylindrical grain bin filled with stored corn. The effect of container aspect ratios was also analyzed.

#### **1.2.1.2 Temperature fluctuation effects in frozen products**

Constant temperature storage conditions in frozen food cold stores are very difficult to attain in practice. It is well known that product can display weight losses due to temperature fluctuation. As a consequence, sublimated water induces changes in food appearance, color, texture and taste [Poovarodom, Tocci and Mascheroni, 1995, and Campañone et al., 2001]. Studies have shown the effect of temperature fluctuations and temperature heterogeneity on the quality of the product. For example, Martins et al., 2004, studied the behavior of ascorbic acid, vitamin C, color and flavor on frozen green beans, and found that thermal fluctuations are detrimental at higher storage temperatures.

Numerous studies show that frozen food weight loss depend on several factors like freezing method, storage average temperature and amplitude of temperature fluctuation, relative humidity, packaging, etc. Pham et al., 1982, Pham and Willix, 1985, and Méndez Bustabad, 1999, studied experimentally the weight loss of lamb, beef and pork frozen carcasses. Phimolsiripol et al., 2011, worked with frozen bread dough into a polyethylene bag; they proposed a kinetic, physical and artificial neural network model and compared their results to experimental measures. Pham and Willix, 1984, developed simple equations to describe the ratio of desiccation of frozen food, taking into account the dehydrate layer. Pham, 1987, presented equations and graphical methods to predict the maximum possible moisture change between product and air. Tocci and Mascheroni, 1995, proposed a heat and mass transfer model for frozen food storage, capable to predict product (spheres) weight loss, based on an explicit finite difference method. Campaño et al, 2005, proposed a numerical model solved with implicit finite difference method Campaño et al, 2001, and a simplified analytical model Campaño et al, 2005, for prediction of weight loss during freezing and storage of unpacked frozen food, taking into account the changes on the dehydrated layer in the product surface. All authors agreed in the fact that product weight loss increases at high temperatures, large amplitudes of fluctuations and low frequencies. They also stated that packaging may reduce product weight loss. However, none of them studied the posterior frost formation.

### **1.2.1.3 Frost formation phenomena**

Most studies in this area are focused on frost formation in air coolers. In these conditions, frost layer thickness and density are key parameters, since they affect significantly the heat transfer rate and airflow through the fins. Some of these studies analyzed the effect of air relative humidity, air temperature and surface temperature [Cheng et al., 2001, Amini et al., 2014, Haijie et al., 2014, and Wu et al., 2016].

As a result of this literature review, it was seen that there are few studies in frost formation in frozen food. Poovarodom studied experimentally the influence of temperature (averaged, amplitude and frequency of fluctuations) and the role of packing in the storage of frozen meat. She analyzes the product quality and frost formation into the package for different storage temperature, amplitudes and frequency of fluctuations. Laguerre and Flick, 2007, studied frost formation on frozen products (packed bed of potato and melon balls) inside hermetic packages in domestic freezers. They compared the results for four different insulation packages and two types of refrigerator (different frequency and amplitude of

temperature oscillations). They proposed a qualitative model to explain the phenomenon observed experimentally. Both studies [Poovarodom, Laguerre and Flick, 2007] concluded that frost formation is higher at high storage temperatures, large amplitudes of fluctuations and low frequencies. Studies on the modeling of frost formation into a container with frozen product in conditions of natural convection were not found on the open literature.

### 1.3 Objectives

The main goal of this work consists on the prediction of frost formation of frozen product packed on a container submitted to temperature fluctuations under natural convection.

Complementary objectives are:

- Perform an experimental characterization of frost formation.
- Modeling and simulation of heat and mass transfer of the packed frozen products.
- Experimental validation of the model against measured data from temperature and frost in different regions of the product container, in two different temperature cycles.

### 1.4 Structure

The work is organized in five chapters. The first chapter, *Introduction*, presents a general review about frost formation in porous media. *Modeling airflow, heat and mass transfer, and frost formation* presents a review of theoretical foundations and literature review, about modeling airflow in porous media, heat and mass transfer in porous media and frozen food storage (dehydration and frost formation). A numerical model for a cylindrical container was proposed, implemented in the software CFD COMSOL and test for simple cases. *Parameters identification* presents materials and methods used to measure, calculate and identified parameters that characterized two porous media: slices of frozen carrots and frozen green beans. Experimental values were compared between them. *Experimental validation* presents materials and methods for the experimental validation and compares experimental measures and simulation results, for two temperature cycles, with slices of carrots. Temperature and frost formation were tested and a study of the influence of different parameters was done.

# BULK STORAGE OF FROZEN VEGETABLES AS A MACROPOROUS MEDIA: AIRFLOW, HEAT AND MASS TRANSFER AND FROST FORMATION MODELING

## **Abstract**

A model of heat and mass transfer is proposed in order to predict frost formation into a closed container filled with frozen vegetables. The physical problem is modeled as a macroporous media composed by the product itself and the surrounding air. Natural convection airflow is assumed into the container, who promotes water mass transport. The model is simulated for several exterior air temperatures, under environmental fluctuations (boundary conditions). Results of four temperature cycles were compared, varying average air temperature, amplitude and frequency of oscillation, one by one. As a general result, it is observed that the product temperature behavior is as expected, and it is directly associated with frost formation into the container. The bigger is the change on the product temperature, the bigger is the amount of frost formation. Frost formation increases with large amplitude of oscillation, but decreases with higher frequencies and higher mean temperatures.

**Key words:** modeling heat and mass transfer; temperature fluctuation; natural convection; CFD simulation; frost formation.

**Index**

1. Transport phenomena in porous media.....	8
1.1. Airflow in a porous media .....	8
1.2. Heat transfer in a porous media .....	10
1.2.1. One temperature model .....	10
1.2.2. Two temperatures model .....	11
1.3. Mass conservation and frost formation in a porous media .....	12
2. Existing models.....	12
3. Proposed numerical model .....	14
3.1. Problem description .....	14
3.2. Governing equations.....	16
3.2.1. Continuity and Momentum equations .....	16
3.2.2. Energy .....	16
3.2.3. Water mass balance .....	17
3.3. Initial conditions .....	18
3.4. Boundary conditions.....	18
4. Results .....	19
5. Conclusion.....	25
Bibliography.....	26

## 1. Transport phenomena in porous media

A porous medium is a material consisting on a fixed solid matrix with interconnected void spaces, called pores. The interconnection of pores allows fluid to flow through the material.

Natural porous media is composed by particles of irregular sizes and shapes, so on pore scale (microscopic) flow quantities, like velocity and pressure, are irregular. A modeling approach is based on space averaged quantities (macroscopic), like permeability and equivalent conductivity, which simplify the description of the flow through the porous medium.

The spatial average consists on assigning the average quantity value over a representative elementary volume, to the centroid of it, and the average fluid velocity over a volume element of the medium is defined as a superficial velocity or the Darcy velocity.

The porosity  $\varepsilon$  of a porous medium is defined as the fraction of the total volume ( $V_{bed} = V_{void} + V_{solid}$ ) that is occupied by the fluid  $V_{void}$ , as follows:

$$\varepsilon = \frac{V_{void}}{V_{void} + V_{solid}} \quad (2.1)$$

In an isotropic porous media, surface porosity is equal to volumetric porosity. In natural porous media, the porosity is in general smaller than 0.6. In the case of a bed of uniform spheres, porosity varies between 0.2595 and 0.4764 [1].

A porous media placed into a container with rigid and impermeable walls increases its porosity near the walls, because solid particles are unable to pack together as efficiently as elsewhere. Experiments have shown that the porosity is a damped oscillatory function of the distance from the wall, varying from a value near unity at the wall to nearly core value at about five particle diameters away from it [1].

Macroporous media is defined as the porous media in which the ratio of container diameter to particle diameter is smaller than 10.

### 1.1. Airflow in a porous media

The fluid flow through a porous media was at firstly studied experimentally by Darcy. His experiments consisted on a column filled with solid particles (sand) and an impose water flow along; pressure drop was measured with mercury manometers. Darcy proposed an equation that established the proportionality between flow rate and pressure drop for a steady state unidirectional flow. For an isotropic porous media, the Darcy's equation can be written as:

$$\nabla p = -\frac{\mu}{K} \vec{v} + \rho \vec{g} \quad (2.2)$$

Where  $\nabla p$  is the pressure gradient through the porous bed,  $\vec{v}$  is the Darcy velocity, defined as the average of the fluid velocity over the total volume of the porous media,  $\mu$  is the dynamic viscosity of the fluid and  $K$  is the permeability of the porous media. This last parameter depends only on the porous media geometry, but not on fluid nature. There are different equations to determine the permeability of a porous media, according to its geometry. For example, for a packed bed of spheres, the permeability was related to the porosity and to the particle diameter ( $d$ ) by the following equation.

$$K = \frac{d^2 \varepsilon^3}{S(1-\varepsilon)} \quad (2.3)$$

Where  $d$  is the particle diameter and  $S$  is an experimental factor related to particle shape. Several values between 150 and 199 can be found in literature [1, 2].

The increase in fluid velocities isn't followed by a linear increase in the flow pressure drop. Dupuit and Forchheimer proposed to add a quadratic velocity term to Darcy's equation, to take into account the drag due to the solids obstacles, which is of the same order than the linear term. This term can be neglected for small velocities, with Reynolds number of the order of one or smaller [1]. An extension of the Darcy's law can be used to consider the effects of boundary friction, inertia and acceleration. This equation was obtained by analogy with the Navier-Stokes equation. In [2], a macroscopic momentum equation is proposed for natural convection in enclosed porous cavities, with Boussinesq approximation, as follows:

$$\underbrace{\frac{\rho_{fluid}}{\varepsilon} \frac{\partial \vec{v}}{\partial t}}_{(I)} + \underbrace{\frac{\rho_{fluid}}{\varepsilon^2} (\vec{v} \cdot \nabla) \vec{v}}_{(II)} = -\underbrace{\nabla p}_{(III)} + \underbrace{\frac{\mu'}{\varepsilon} \nabla^2 \vec{v}}_{(IV)} - \underbrace{\frac{\mu}{K} \vec{v}}_{(V)} - \underbrace{\rho \beta (T_{fluid} - T_{ref}) \vec{g}}_{(VI)} + \underbrace{\rho_{fluid} \frac{F |\vec{v}| \vec{v}}{\sqrt{K}}}_{(VII)} \quad (2.4)$$

Terms in that last equation stand for: (I) Acceleration term, (II) Inertia term, (III) Pressure gradient, (VI) Brinkman term, (V) Darcy term, (VI) Gravitational force, (VII) Forchheimer term.

The Brinkman term (IV) is similar to the Laplacian one in Navier-Stokes, but  $\mu'$  is the effective viscosity, which depends on the fluid viscosity  $\mu$  and the geometry of the porous media. In cases of high porosity, it can be assumed that  $\mu' = \mu$ . The empirical  $F$  coefficient in Forchheimer term (VII) varies with the porous media nature.

## 1.2. Heat transfer in a porous media

Heat transfer in a porous media depends on the thermal and physical properties of both the solid and the fluid phase. There are two types of approaches for this phenomenon: the one temperature model and the two temperature model.

### 1.2.1. One temperature model

This model is based on the hypothesis that the medium is isotropic, and radiant effects, viscous dissipation and work done by pressure changes, are negligible. One temperature model assumes local thermal equilibrium between solid and fluid phases, and it displays good accuracy whenever temperature differences between solid and fluid phases at pore scale are much lower than at global scale. When it is subjected to an airflow, heat transfer occurs due to conduction and convection, and it is characterized by the effective or equivalent thermal conductivity tensor ( $k_{eq}$ ) and the dispersion tensor ( $D^d$ ). In case of isotropic materials, the equivalent thermal conductivity tensor is a scalar, placed in the energy equation as follows:

$$(\rho c_p)_{eq} \frac{\partial T}{\partial t} + (\rho c_p)_{fluid} \vec{v} \cdot \vec{\nabla} T = \vec{\nabla} \cdot (k_{eq} \cdot \vec{\nabla} T) + (\rho c_p)_{fluid} \vec{\nabla} \cdot (\varepsilon D^d \cdot \vec{\nabla} T) \quad (2.5)$$

where

$$(\rho c_p)_{eq} = (1 - \varepsilon)(\rho c_p)_{solid} + \varepsilon(\rho c_p)_{fluid} \quad (2.6)$$

The equivalent thermal conductivity  $k_{eq}$  is obtained by considering the porous medium as homogeneous. In case of solid and fluid phases arranged in parallel, it can be defined in a similar way that the equivalent heat capacity per unit volume of the medium,  $(\rho c_p)_{eq}$ . Other correlations for the equivalent conductivity are presented in Chapter III. *Parameters identification*, depending on fluid and solid thermal conductivities and porosity.

The thermal dispersion tensor  $D^d$  appears in cases of forced convection or vigorous natural convection, to take into account convective heat transfer due to mixing of interstitial fluid at pore scale. This mixing phenomenon can occur due to the nature of the porous media: obstructions, recirculation, wall effect and eddies, etc [1]. The dispersion tensor is a complex function of matrix structure, porosity, and thermal properties of both phases and its hydrodynamic characteristics [4].

### 1.2.2. Two temperatures model

In cases of transient heat transfer, significant heat generation or large differences in thermal properties between phases, the one temperature model can no longer be used, and the two temperatures model is introduced. This model assumes that each phase have a different local temperature, and the coupling of the energy equations for both phases was formulated by several authors using averaged local volume, and reviewed by Kaviany [4] (Eqs. (2.7) and (2.8)).

$$\begin{aligned} \frac{\partial T_{fluid}}{\partial t} + \vec{v}_{ff} \cdot \vec{\nabla} T_{fluid} + \vec{v}_{fs} \cdot \vec{\nabla} T_{solid} = \\ \vec{\nabla} \cdot D_{ff} \cdot \vec{\nabla} T_{fluid} + \vec{\nabla} \cdot D_{fs} \cdot \vec{\nabla} T_{solid} + \frac{A_{spec}}{V_{void}(\rho c_p)_{fluid}} h(T_{solid} - T_{fluid}) \end{aligned} \quad (2.7)$$

$$\begin{aligned} \frac{\partial T_{solid}}{\partial t} + \vec{v}_{sf} \cdot \vec{\nabla} T_{fluid} + \vec{v}_{ss} \cdot \vec{\nabla} T_{solid} = \\ \vec{\nabla} \cdot D_{sf} \cdot \vec{\nabla} T_{fluid} + \vec{\nabla} \cdot D_{ss} \cdot \vec{\nabla} T_s + \frac{A_{spec}}{V_{solid}(\rho c_p)_{solid}} h(T_{fluid} - T_{solid}) \end{aligned} \quad (2.8)$$

This formulation adds four total thermal diffusivity tensors  $D_{ff}$ ,  $D_{fs}$ ,  $D_{sf}$ ,  $D_{ss}$  and the convective heat transfer coefficient between fluid and solid phases,  $h$ . Total thermal diffusivity tensors include the effective thermal conductivity tensor and the dispersion tensor. Four velocities appear in these equations, but only  $\vec{v}_{ff}$  have a simple interpretation, which is the fluid velocity [3].

There are different simplified models, where neglected terms are included in the convective coefficient  $h$ , which is experimentally obtained for particular cases. Some simplified models for a packed bed of spherical particles are proposed. The ‘‘Schuman model’’ is the simplest one and the less accurate of the two temperatures models, only used for transient problems. It considers only convection between solid and fluid phases. The ‘‘Continuous solid model’’ includes the effective thermal conductivities of solid and fluid phases, which must be experimentally determined with the convective heat transfer coefficient. The ‘‘Dispersion-particle-based model’’ is the most complex and accurate one. It takes into account the thermal dispersion in the air, conduction into the solid particles, and convective heat transfer coefficient in the interphase. It can be only used for transient state [4], but becomes a one temperature model for steady state regime.

### 1.3. Mass conservation and frost formation in a porous media

Unlike the case of energy balance equation, mass conservation in a porous media is only applied for the fluid phase, and can be written as in Eq. (2.9).

$$\varepsilon \frac{\partial C}{\partial t} + v \cdot \nabla C = \nabla \cdot (D_{eff} \nabla C) + \dot{m}''' \quad (2.9)$$

Where  $C$  is the specie concentration,  $v$  is the Darcy velocity,  $D_{eff}$  is the effective mass diffusivity and  $\dot{m}'''$  is the mass generation per unit volume of this specie. Analog to heat transfer, the effective mass diffusivity is composed by the molecular diffusivity and the dispersion mass diffusivity. Mass diffusivity depends on pressure, temperature and composition of the species mixture.

In order to model mass transfer between fluid and solid phases, it could be consider in the source term  $\dot{m}'''$  as in Eq. (2.10).

$$\dot{m}''' = h_m (C_{solid} - C_{fluid}) \quad (2.10)$$

where  $h_m$  is the mass transfer convective coefficient,  $C_{solid}$  is the specie concentration in the solid surface and  $C_{fluid}$  is the specie concentration in the fluid. In cases of forced convection, the mass transfer coefficient could be obtained from the heat transfer convective coefficient making use of the Lewis analogy, presented in Eq. (2.11).

$$h_m = \frac{h}{(\rho c_p)_{fluid}} Le^{n-1} \text{ with } Le = \frac{\alpha}{D_m} \quad (2.11)$$

where  $n$  is the Prandlt number exponent in the Nusselt equation for these conditions (geometry, fluid and flux), and varies between 0 and 1. A usual value is 1/3.

## 2. Existing models

There are several works on heat and mass transfer models for a porous media. Laguerre et al. [5] studied the transient heat transfer by free convection in a packed bed of spheres, and developed a dispersed particle based model (including radiation between solid surfaces) and compared it to direct CFD model and experimental values. Both models were in agreement with the experimental values. The developed model for a packed bed requires less computational time than direct CFD, but it does not predict the details of the fluid flow and temperature at pore scale. Beukema et al. [6] developed a two dimensional two phase model

of temperature and moisture distribution during cooling and storage of fresh agricultural products in cylindrical containers (porous media), subjected to natural convection. The model results agree with experimental measures with potatoes. Dona and Sewart Jr [7] studied numerically heat transfer by natural convection into a cylindrical grain bin which contained stored corn, with a porous media approach, and analyzed the effect of different container aspect ratios.

Pham and Willix [8] developed simple equations to describe the ratio of desiccation of frozen food, taking into account the dehydrate layer. Pham [9] presented equations and graphical methods to predict the maximum possible moisture change between product and air. Tocci and Mascheroni [10] proposed a model for heat and mass transfer during the storage of frozen food, to predict product (spheres) weight loss, using explicit finite difference methods. Campaño et al. propose a numerical model [11] and a simple analytical model [12] for the prediction of weight loss during freezing and storage of unpacked frozen food, taking into account the dehydrated varying layer in the product surface. They compare both, the numerical and analytical models, to experimental data and among them. Weight loss during storage depends on the freezing method, because of the mass transfer resistance of the dehydrate layer. They concluded that the weight loss is lower for lower temperatures, weight loss increase with air circulation and there is a linear increase of weight loss with relative humidity [11].

All authors agree to the fact that product weight loss increase with large amplitudes of fluctuations and low frequencies. In cases where package was used, it was found that it reduced product weight loss. However any of them studied the posterior frost formation.

Most studies in modeling frost formation were developed for air coolers. In these conditions, it is important to predict the thickness of the frost layer as well as its density, since these factors affect significantly the rate of heat transfer and the airflow through the fins. For example, Wu et al. [13] developed a phase change mass transfer CFD model to predict the frost layer growth and densification. They concluded that the averaged frost thickness increased gradually with time, with the growth rate slowing down; and the average frost density increased with time, with the increases rate getting faster.

Few works were found in the literature modeling heat and mass transfer and natural convection flow into enclosure porous media, and even less particularly on frost formation in frozen food porous media.

### 3. Proposed numerical model

#### 3.1. Problem description

In this section, a numerical model is proposed to predict airflow, heat and mass transfer and frost formation into a close container with a bulk of frozen product, during the storage in a cold room. Exterior air temperature fluctuations, lead to product and air temperature variations, natural convection airflow, and energy and water vapor transport from one region to another into the container.

In the industry, bulk product is storage into cubic pallets, cover by a plastic bag. The pallets are placed one above another forming towers into the cold room. For the model an intermediate container was taken, and it was assumed that the geometry was symmetric in the top and in the bottom. In order to simplify the model, cubic containers were replaced by cylindrical ones. Figure 2.1 presents a scheme of the geometry used in the propose model. It is compound by a cylindrical plastic container filled with frozen slices of carrots, perfectly isolated in the top and in the bottom (intermediate container). Product and air into the container were model as a macroporous media. The cylinder is affected by the exterior air temperature fluctuation only through the lateral wall. This geometry was chosen in order to simplify the model and to reduce the simulation time. The calculation domain is shown in Figure 2.2. The model outputs will be the product and air temperatures, the rate of frost formation, and the cumulative frost during a period of time.

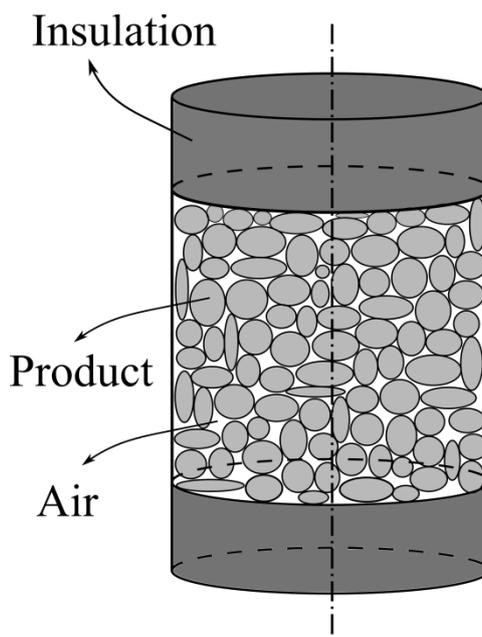


Figure 2.1 - Scheme of the geometry used for the model.

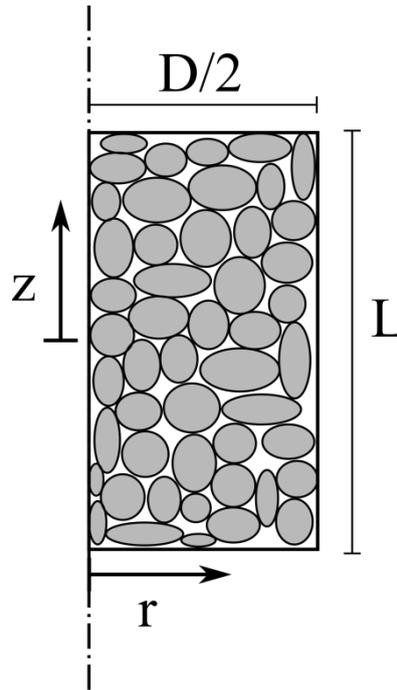


Figure 2.2- Scheme of calculation domain.

The attention will be first drawn to the modeling assumptions:

- The problem is axisymmetric, so a 2D model is implemented. Top and bottom of the container are perfectly isolated.
- The airflow is considered as laminar.
- The Boussinesq approximation is used, since the change in air density is small within the working temperature range. The density variation under natural convection regime is taken as  $\rho = \rho_{ref}[1 - \beta(T_a - T_{ref})]$  for the buoyancy term.
- Air thermal inertia is neglected in respect to the product thermal inertia:  $\frac{\varepsilon\rho_a c_{p_a}}{(1-\varepsilon)\rho_p c_{p_p}} \ll 1$ .
- Internal thermal resistance into carrots slices is neglected, since Biot number (calculated using: frozen carrot conductivity at  $-12^\circ\text{C}$ :  $2 \frac{\text{W}}{\text{mK}}$ ; convective heat transfer coefficient:  $2.4 \frac{\text{W}}{\text{m}^2\text{K}}$  and characteristic length: half of the thickness,  $3.5 \text{ mm}$ ) is  $0.0042 < 0.1$ .
- Internal water mass transfer resistance into carrots is neglected.

- Temperature at the container external lateral wall is known as a function of time, by measurements.
- Radiation heat transfer is neglected inside the container.
- The dispersion term in the energy equation for the porous medium is neglected, because of the low fluid velocities.
- Forchheimer term in momentum equation is neglected as the Reynolds number is smaller than one [1] (simulated air velocity of  $v \cong 1 \text{ mm/s}$ ; pore diameter  $D = 0,01 \text{ m}$ ; and air kinetic viscosity,  $\nu = 1,2 \times 10^{-5} \text{ m}^2/\text{s}$ ).

### 3.2. Governing equations

The following equations, momentum, energy and mass transfer will be solved according to the previous assumptions.

#### 3.2.1. Continuity and Momentum equations

Continuity and momentum equations are written for the fluid phase, assuming the Boussinesq approximation. The momentum equation integrates also the Darcy term for fluid flow in porous media.

$$\nabla \cdot \vec{v} = 0 \quad (2.12)$$

$$\frac{\rho_a}{\varepsilon} \frac{\partial \vec{v}}{\partial t} + \frac{\rho_a}{\varepsilon^2} (\vec{v} \cdot \nabla) \vec{v} = -\vec{\nabla} P + \mu \nabla^2 \vec{v} - \frac{\mu}{K} \vec{v} - \rho_a \beta (T_a - T_{ref}) \vec{g} \quad (2.13)$$

where  $\varepsilon$  is the porosity,  $\vec{v}$  is the Darcy superficial air velocity into the porous medium,  $K$  is the permeability of the porous media and  $\beta$  is the thermal coefficient of volumetric expansion.

#### 3.2.2. Energy

Energy equation is written for the air, Eq. (2.14), and for the product, Eq. (2.15). These equations are coupled by the convective heat transfer between air and product. The specific surface,  $A_{spec}$ , is defined as the total heat transfer surface of product over the bed volume of porous medium.

$$\rho_a c_{Pa} \varepsilon \frac{\partial T_a}{\partial t} + \nabla \cdot (\vec{v} \rho_a c_{Pa} T_a) = k_a \nabla^2 T_a + h A_{spec} (T_p - T_a) \quad (2.14)$$

$$\rho_p c_{p_p} (1 - \varepsilon) \frac{\partial T_p}{\partial t} = k_{eq} \nabla^2 T_p + h A_{spec} (T_a - T_p) + \left( \frac{\partial C_2}{\partial t} + \frac{\partial C_3}{\partial t} \right) H_{sub} \quad (2.15)$$

where  $k_{eq}$  is the equivalent conductivity of the carrots bed and  $h$  is the convective heat transfer coefficient inside the container (product - air). Last term of Eq. (2.15) takes into account latent heat of ice sublimation, where  $C_2$  and  $C_3$  are ice contents in frost and product per unit volume of porous medium respectively.

### 3.2.3. Water mass balance

Total water mass balance inside product container is written as follows:

$$\frac{\partial(\varepsilon C_1 + C_2 + C_3)}{\partial t} + \nabla \cdot (-D_{eff} \nabla C_1) + \vec{v} \cdot \nabla C_1 = 0 \quad (2.16)$$

where  $C_1$ , is water content in air and  $D_{eff}$  is the vapor effective or total mass diffusivity in the porous media.

Eq. (2.17) describes the frost formation. If water concentration in air is higher than the saturation limit at product temperature ( $C_1 > C_{sat}(T_p)$ ), frost is formed.

$$\frac{\partial C_2}{\partial t} = h_m A_{spec} (C_1 - C_{sat}(T_p)) \quad (2.17)$$

Eq. (2.18) describes product dehydration, which occurs when water vapor concentration in air is smaller than water vapor concentration in air in equilibrium with the product ( $C_1 < a_w C_{sat} T P$ ).

$$\frac{\partial C_3}{\partial t} = \frac{1}{\frac{1}{h_m} + R_{skin}} A_{spec} (C_1 - a_w C_{sat}(T_p)) \quad (2.18)$$

In these equations,  $h_m$  is the convective mass transfer coefficient, obtained by Lewis analogy from the convective heat transfer coefficient, and assuming that the airflow is imposed externally for one single slice, and it could be consider as forced convection.  $R_{skin}$  is the mass transfer resistance at the vegetable skin, and  $a_w$  is the water activity of the product. For peeled carrots, there is no skin resistance, but this term can be used to take into account the mass transfer resistance due to the thin layer of dehydrated product near the surface [8, 10, 12, 13].

### 3.3. Initial conditions

Air mechanical and thermal inertia are small, and therefore initial air velocity can be assumed to be zero and initial air temperature can be considered equal to that of product. Product initial temperature profile was obtained from initial temperature measurements at the center of the container and near the wall, by interpolation.

It is assumed that initial water vapor concentration in air is zero ( $C_1 = 0$ ) and there is not frost on product surface ( $C_2 = 0$ ). Although the first one is a strong hypothesis, it haven't got relevant effect in the model, because the elapsed time is long and air and product reaches equilibrium.

### 3.4. Boundary conditions

The following equations represent the boundary conditions of the problem

$$\left. \frac{\partial T_a}{\partial z} \right]_{z=\pm L/2} = 0 \quad (2.19)$$

$$\left. \frac{\partial T_p}{\partial z} \right]_{z=\pm L/2} = 0 \quad (2.20)$$

$$k_a \left. \frac{\partial T_a}{\partial r} \right]_{r=D/2} = (T_{wall} - T_a)U\varepsilon \quad (2.21)$$

$$k_{eq} \left. \frac{\partial T_p}{\partial r} \right]_{r=D/2} = (T_{wall} - T_p)U(1 - \varepsilon) \quad (2.22)$$

Perfect insulation was assumed for the container top and bottom surfaces (Figure 2.1). The heat flux at the lateral wall was obtained by measuring the external wall temperature, along cycles, and the heat transfer coefficient of the wall,  $U$ . In order to consider that the lateral wall was in contact with air and product, each heat flux (wall/air, wall/product) was weighted with surface fractions assuming an isotropic media (same values as volume fractions:  $\varepsilon, 1 - \varepsilon$ ) [1].

As the container is completely close, there is not mass exchange between interior and exterior air, though the walls.

$$\left. \frac{\partial C_1}{\partial z} \right]_{z=\pm L/2} = \left. \frac{\partial C_1}{\partial r} \right]_{r=D/2} = 0 \quad (2.23)$$

The air velocity is zero on the container surfaces.

$$\vec{v}\left(r, z = -\frac{L}{2}\right) = \vec{v}\left(r, z = \frac{L}{2}\right) = \vec{v}(r = D/2, z) = 0 \quad (2.24)$$

#### 4. Results

The proposed model was submitted to different operational conditions, by changing the problem exterior air temperature and initial conditions, and compared to literature results. The parameter values used for the test presented in Table 2.1, were obtained by different methods explain in detail in Chapter III. *Parameters identification*. Simulations were applied to a cylindrical container of dimensions: diameter  $D = 0.179 \text{ m}$  and height  $H = 0.156 \text{ m}$ .

Table 2.1– Parameters used for the model prove

Parameter	Symbol	Value
Product density	$\rho_p$	$997 \text{ kgm}^{-3}$
Apparent specific heat	$c_{p_p}$	Function of temperature
Porosity	$\varepsilon$	0.55
Specific surface	$A_{spec}$	$235 \text{ m}^{-1}$
Permeability	$K$	$7.21 \times 10^{-8} \text{ m}^{-2}$
Equivalent conductivity	$k_{eq}$	$0.14 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$
Convective coefficient	$h$	$2.4 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$
Effective mass diffusivity	$D_{eff}$	$1.97 \times 10^{-5} \text{ m}^2 \text{ s}^{-1}$

The problem was solved using COMSOL ® CFD software running on a Ubuntu 16.04 LTS computer in a PC Intel® Core™ i7-6700K CPU @ 4.00GHz with 15.6 GB RAM. COMSOL automatic meshing “Fine” was used for the discretization of the computational domain. Physics-controlled mesh discretize on triangular and quadrilateral elements, with refined near walls (3501 domain elements and 179 boundary elements). The mesh independence was done for the most complex problem, presented in Chapter IV. *Experimental validation*, where “Fine” mesh was adequate.

Four temperature cycles, presented in Table 2.2, were proposed as external input. Simulations were performed for two hours and a half long period.

Table 2.2– Temperature cycles for the first model validation.

Cycle	Exterior air temperature			Initial conditions	
	Mean temperature (°C)	Amplitude (°C)	Frequency (1/s)	Temperature (°C)	Humidity (g/kg dry air)
I	-18	5	1/1800	-18	0
II	-18	10	1/1800	-18	0
III	-10	5	1/1800	-10	0
IV	-18	5	1/900	-18	0

Temperature was evaluated at four points into the domain, two in the symmetry axis (points A and C) and two at 1.3 cm from the wall (points B and D), centered in the middle of the upper and lower regions, as in the Figure 2.3. Temperature results for all cycles are shown in Figure 2.4.

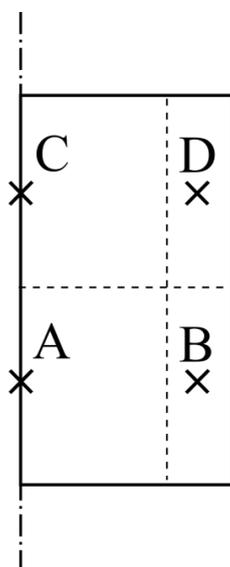
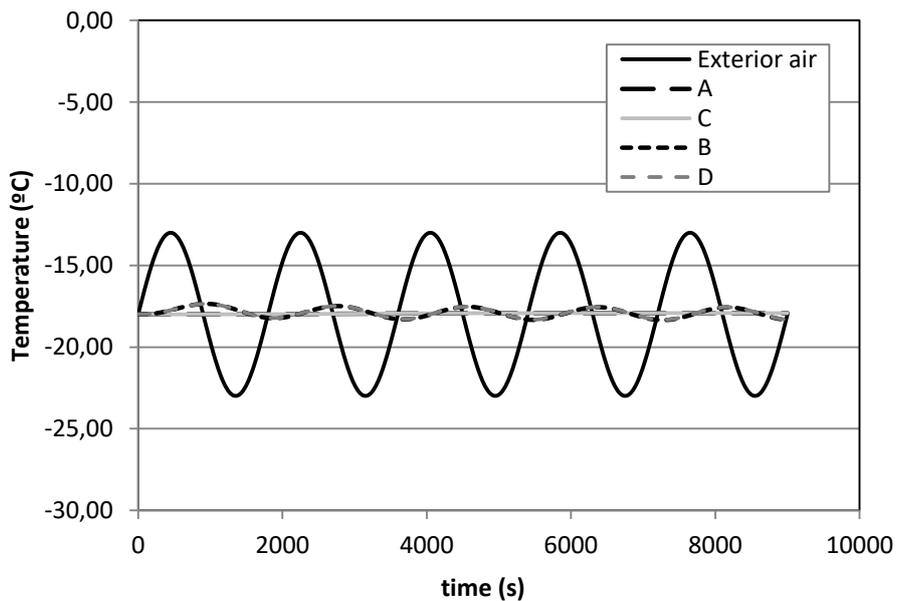
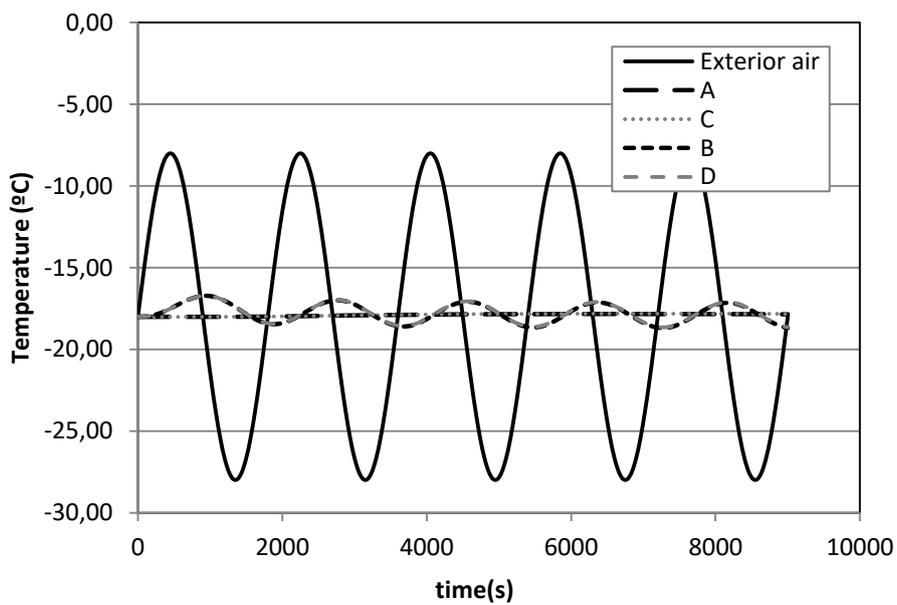


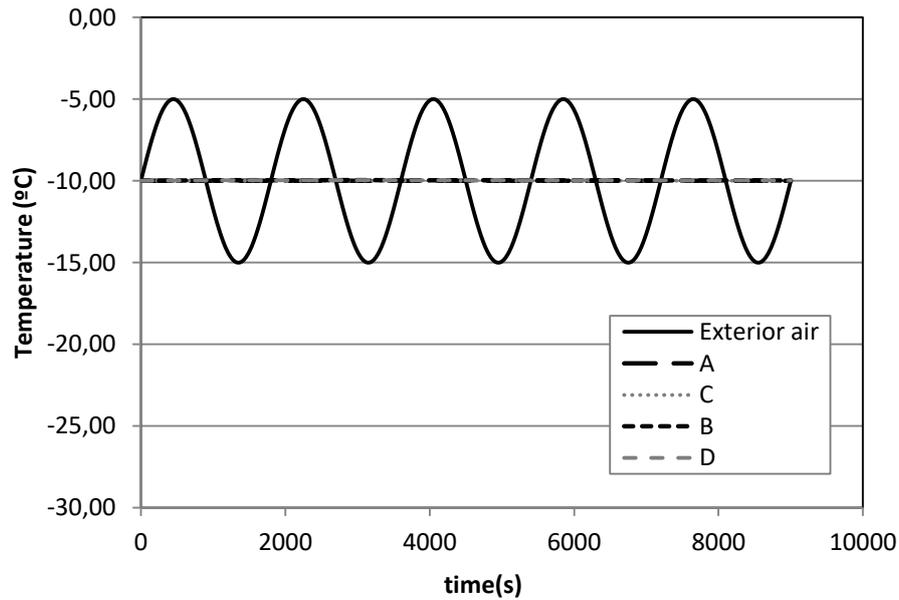
Figure 2.3–Domain points to evaluate temperature



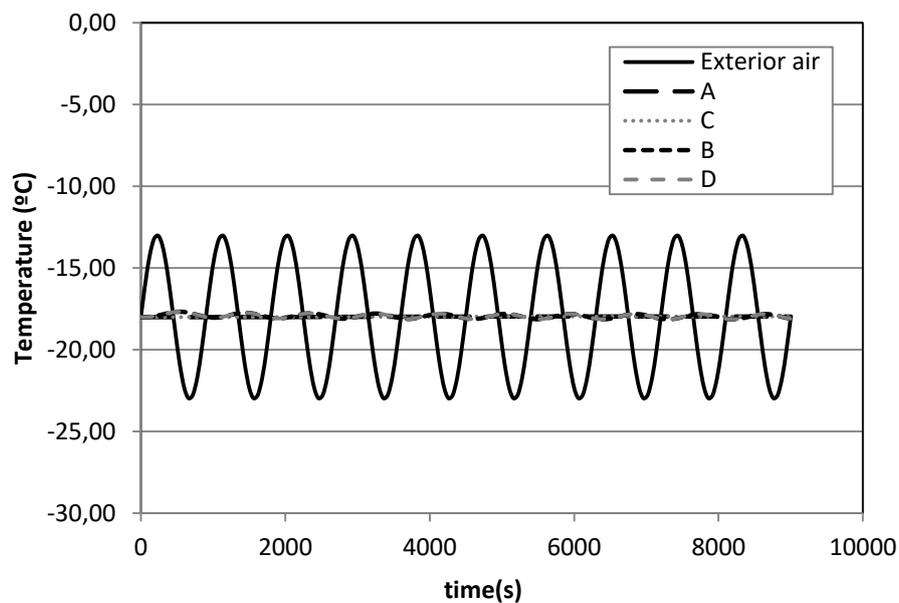
a.



b.



c.



d.

Figure 2.4 - Simulation results. Exterior air and product temperatures versus time, for different exterior air temperature cycles: **a.** Cycle I. **b.** Cycle II. **c.** Cycle III. **d.** Cycle IV.

As can be seen, in all cycles, temperature varies into the domain only in radial direction, so temperatures in the top and in the bottom are practically the same ( $T_A = T_C$  and  $T_B = T_D$ ). This means that conduction heat transfer is dominant over natural convection heat transfer, as was expected, since convective heat transfer coefficient is very low. Another observation is that with this air temperature cycles, product at the center of the domain is not affected by the

exterior air temperature fluctuation, so it is practically constant in all cycles. The effect of thermal inertia is observed in the gap between air and product fluctuations. Results could be compared by taking the first cycle (I) as the reference one, and changing the mean temperature, amplitude and frequency of oscillation for the following three proposed cases.

As it was expected, the increases of air temperature fluctuations keeping the same mean temperature and frequency (comparison cycle I to II), lead to changes of the product temperature, since there was an increase in the heat transfer rate. Comparing cycles I to III, it was observed that the increase of the mean temperature, but keeping the same amplitude and frequency of oscillation, caused the product to decrease its temperatures fluctuation, becoming practically null. This can be explained by the change in thermal diffusivity, due to apparent specific heat variation. Using the propose approach for apparent specific heat, and taking into account that it is assumed a constant density and thermal conductivity of the product, the thermal diffusivity ranged from  $\alpha = 1.0 \times 10^{-6} m^2/s$  at  $-18^\circ C$  to  $\alpha = 1.4 \times 10^{-7} m^2/s$  at  $-10^\circ C$ . In case of frequency increase, with the same mean temperature and amplitude (comparison between cycles I to IV), product temperature fluctuations decreased, since there was less time to perform the heat transfer.

The calculation of the total frost formed in the container was obtained from volume integration in COMSOL, and plotted in Figure 2.5 for all cycles.

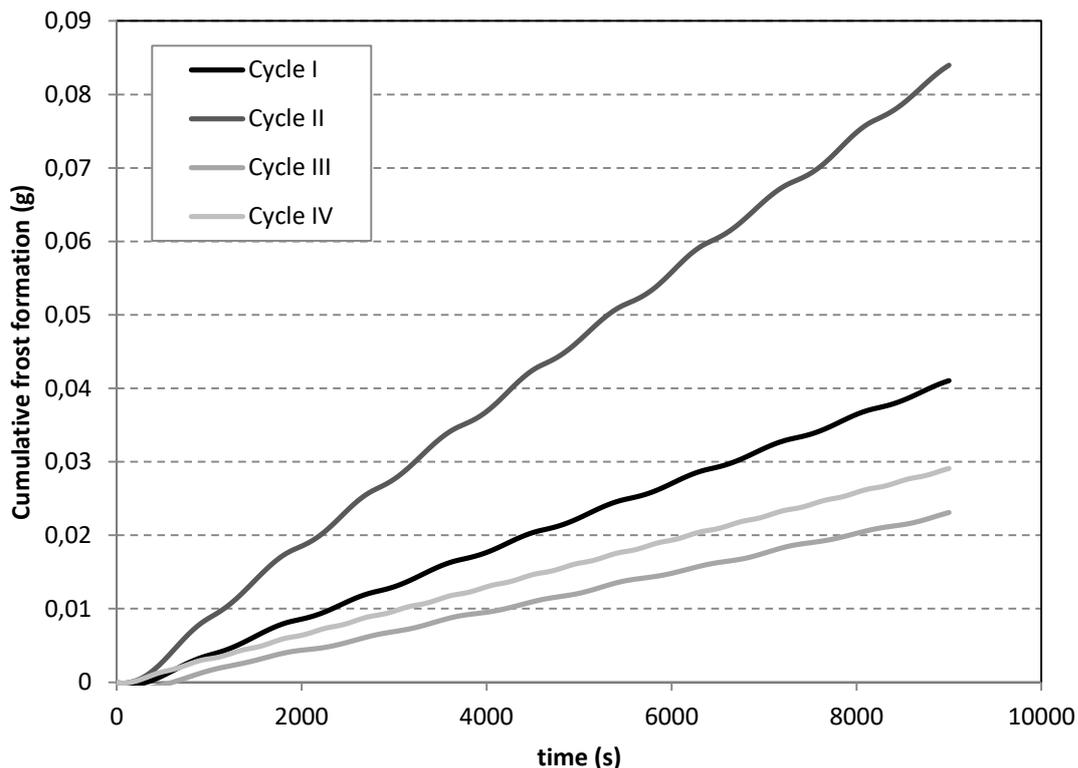


Figure 2.5-Simulation results, cumulative frost formation versus time for cycles I to IV.

A first observation is that frost formation displayed approximately a linear growth with time, independently of mean temperature, amplitude and frequency of oscillation of exterior air. This result was also found experimentally by Phimolsiripol et al. [14] and Pham et al. [15]. However, it is important to recognize that all these parameters have an important effect in total frost formed. Cycles could be compared, once again, taking cycle I as a reference, with the aid of temperatures evolution in Figure 2.4. In cycle II, the amplitude of oscillation increased two times in comparison to cycle I. As the total frost increase twice, it seems to be directly proportional to oscillation amplitude, as it was found in others works: Phimolsiripol et al. [14], Poovarodom [16] and Laguerre and Flick [17]. In cycle III, the mean temperature decrease to  $-10^{\circ}\text{C}$ , and total frost decrease approximately proportionally. It means that the same temperature fluctuation (amplitude and frequency) have less effect on frost formation at higher temperatures. This result could be explained by the change in product specific heat, which increases significantly between  $-18^{\circ}\text{C}$  to  $-10^{\circ}\text{C}$  due to the phase change. Laguerre and Flick [17] proposed a model that showed that, the higher the thermal inertia, the lower frost formation. In cycle IV frequencies increased twice respect to cycle I, and total frost formation

decrease, since product temperature varies less than in cycle I. This result agrees with the one obtained by Poovarodom [16] and Laguerre and Flick [17]. Finally, it can be said that product temperature variation had a very important effect on frost formation, increasing with each other.

## **5. Conclusion**

A model of heat and mass transfer was proposed in order to predict frost formation into a closed container filled with frozen vegetables. The problem was study as a macroporous media compose by the product and the surrounding air. Natural convection air flow was assumed into the container, who promotes water mass transport. The model was developed in the commercial software CFD COMSOL, and it was test imposing different exterior air temperature fluctuations (boundary conditions). Results of four temperature cycles were compared, varying one by one: average temperature, amplitude and frequency of oscillation. As general result it was observed that product temperature behavior is as expected, and it is directly associated with frost formation into the container. The bigger the product temperature variation, the bigger the amount of frost formed. Frost formation increase with large amplitude of oscillation, but decrease with higher frequencies and mean temperatures.

## Bibliography

- [1] Donald A. Neild and Adrian Bejan, *Convection in porous media*, Third Edition, Springer Science + Business Media, Inc., 2006.
- [2] Derek B. Ingham and Iacono Pop, *Transport phenomena in porous media*, Elsevier Science Ltd., 1998.
- [3] S. Ben Amara, *Écoulements et transferts thermiques en convection naturelle dans les milieux macroporeux alimentaires: Application aux réfrigérateurs ménagers*, Thèse doctorant de l'Institut National de Paris-Grignon, 2005.
- [4] Warren M. Rohsenow, James P. Hartnett, Young I. Cho, *Handbook of Heat Transfer*, Third Edition, The McGraw-Hill Companies, Inc., 1998. M. Kaviany, Chapter 9: *Heat Transfer in Porous Media*
- [5] O. Laguerre, S.B. Amara, G. Alvarez, D. Flick, Transient heat transfer by free convection in a packed bed of spheres/ Comparison between two modelling approaches and experimental results, *Applied Thermal Engineering*, 28 (2008) 14-24
- [6] K.J. Beukema, S. Bruin, J. Schenk, Heat and mass transfer during cooling and storage of agricultural products, *Chemical Engineering Science*, 37 (1982) 291-298
- [7] C.L.G. Dona and W.E. Stewart Jr, Numerical analysis of natural convection heat transfer in stored high moisture corn, *Journal of Agricultural Engineering Research* 40 (1988) 275-284
- [8] Q.T. Pham and J. Willix, A model for food desiccation in frozen storage, *Journal of Food Science*, 49 (1984) 1275-1281
- [9] Q.T. Pham, Moisture transfer due to temperature changes or fluctuations, *J. Food Eng.* 6 (1987) 33-49
- [10] A.M. Tocci, R.H. Mascheroni, Numerical models for the simulation of the simultaneous heat and mass transfer during food freezing and storage, *International Communications of Heat and Mass Transfer*, 22 (1995) 251-260
- [11] L.A. Campañone, V.O. Salvadori, R.H. Mascheroni, Weight loss during freezing and storage of unpackaged foods, *Journal of Food Engineering*, 47 (2001) 69-79

- [12] L.A. Campañone, V.O. Salvadori, R.H. Mascheroni, Food freezing simultaneous surface dehydration: approximate prediction of weight loss during freezing and storage, *International Journal of Heat and Mass Transfer*, 48 (2005) 1195-1204
- [13] X. Wu, Q. Ma, F. Chu, S. Hu, Phase change mass transfer model for frost growth and densification, *International Journal of Heat and Mass Transfer* 96 (2016) 11-19
- [14] Y. Phimolsiripol, U. Siripatrawan, D.J. Cleland, Weight loss of frozen bread dough under isothermal and fluctuating temperature storage conditions, *J. Food Eng.* 106 (2011) 134-143
- [15] Q.T. Pham, J.R. Durbin, J. Willix, Survey of weight loss from lamb in frozen storage, *Revue Internationale du Froid*, 5 (1982) 337-342
- [16] N. Poovarodom, *Modification de la qualité des denrées alimentaires surgelées au cours de leur conservation: le rôle de l'emballage et l'influence de la température de conservation*, Thèse doctorant de l'Université de Technologie de Compiègne
- [17] O. Laguerre, D. Flick, Frost formation on frozen products preserved in domestic freezers, *Journal of Food Engineering*, 79 (2007) 124-136

## BULK STORAGE OF FROZEN VEGETABLES MODELED AS A MACROPOROUS MEDIA: PARAMETERS IDENTIFICATION

### **Abstract**

This chapter deals with the parameter identification of stored frozen vegetables packed on pallets and submitted to heat and mass transfer phenomena. Products were modeled as a porous media. Parameters were obtained for two assembling: frozen slices of carrots and air, and frozen extra thin green beans and air. Parameter definition and evaluation combines literature review, measurements and numerical simulation. They were classified in three types, as: the ones that only depend on thermophysical properties (product density and apparent specific heat), which depends only on the geometry (porosity, specific surface and permeability) and the ones that depend on both (equivalent conductivity and convective heat transfer coefficient). In general, parameters which characterize these porous media, were similar for both products, even though they display different geometries.

**Key words:** frozen food; macroporous media; vegetables; parameter identification.

## Index

1. Introduction .....	30
1.1. Frozen food thermodynamic properties .....	30
1.2. Macroporous media characteristics .....	31
2. Materials and methods .....	33
2.1. Products.....	33
2.1.1. Carrot.....	33
2.1.2. Green beans .....	33
2.2. Frozen product properties .....	34
2.2.1. Product density.....	34
2.2.2. Enthalpy of phase change - Apparent specific heat .....	34
2.3. Porous media characteristics .....	34
2.3.1. Product bulk porosity .....	34
2.3.2. Specific surface .....	35
2.3.3. Bulk product permeability .....	35
2.3.4. Equivalent conductivity .....	36
2.3.5. Convective heat transfer coefficient into the porous media .....	37
3. Results .....	39
3.1. Frozen product density.....	40
3.2. Apparent specific heat.....	40
3.3. Product bulk porosity .....	43
3.4. Specific surface .....	43
3.5. Bulk product permeability .....	44
3.6. Equivalent conductivity .....	46
3.7. Convective heat transfer coefficient .....	52
4. Conclusion .....	57
Bibliography .....	58

## 1. Introduction

### 1.1. Frozen food thermodynamic properties

Food products, in particular vegetables, are mainly composed by water, around 90% (from Chapter 9, ASHRAE [1]), and a small fraction of solved solids. The water freezing process reduces the liquid water fraction, inhibiting microorganism's growth and enzymatic activity. Food freezing have two important engineering aspects: the enthalpy change during freezing, and freezing time, which directly affects the product properties and its quality, in accordance to the ice crystallization into the product.

In the study of frozen food, the water phase change must be taken into account. The presence of solved solids in product solution reduces the initial freezing point, in respect to pure water. This behavior is important since there is not a unique phase change temperature as is shown in Figure 3.1.a. The scheme in Figure 3.1.b presents the food phase change process. Over the initial freezing point, the food product is compound by unfrozen water ( $U$ ) and solids ( $S$ ). When the initial freezing point ( $T_F$ ) is achieved, a fraction of water becomes ice ( $I$ ), and the solution, unfrozen water and solids (mainly sugar), increases its concentration reducing even more the solution freezing point.

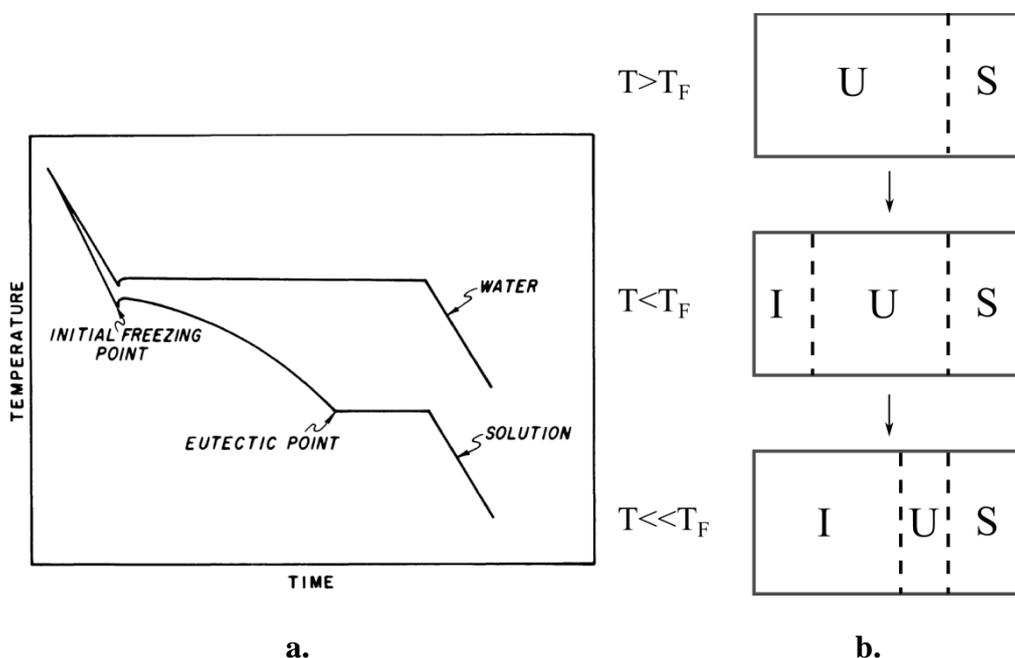


Figure 3.1 - a. Comparison of freezing curves for pure water and an aqueous solutions containing one solute; b. Schematic illustration of the phase change in a food product during freezing. From Food Process Engineering [2].

The energy embedded on a freezing process was predicted by Eq.(3.1)

$$\Delta H = \Delta H_S + \Delta H_U + \Delta H_L + \Delta H_I \quad (3.1)$$

where  $\Delta H_S$  is the solid particles sensible enthalpy,  $\Delta H_U$  is the unfrozen water enthalpy,  $\Delta H_L$  is the latent enthalpy and  $\Delta H_I$  is the ice water sensible enthalpy, defined as follows:

$$\Delta H_S = m_s c_{P_s} (T_o - T_F) + m_s c_{P_s} (T_F - T) \quad (3.2)$$

$$\Delta H_U = m_U c_{P_U} (T_o - T_F) + m_U(T) c_{P_U}(T) (T_F - T) \quad (3.3)$$

$$\Delta H_L = m_L(T) \cdot H_{fus} \quad (3.4)$$

$$\Delta H_I = m_I(T) c_{P_I}(T) (T_F - T) \quad (3.5)$$

Where  $m$  and  $c_P$  are the mass fraction and specific heat of each phase, and  $T_o$ ,  $T_F$  and  $T$  are initial temperature, product initial freezing point and product temperature, respectively.

In terms  $\Delta H_U$ ,  $\Delta H_L$  and  $\Delta H_I$ , the mass fractions are temperature functions. Once product temperature is lower than initial freezing point,  $c_{P_I}$  and  $c_{P_U}$  are temperature functions also. These temperature dependences and the lack of knowledge about product composition, turns difficult to calculate enthalpy changes. The enthalpy variation needed to reduce product temperature under the initial freezing point could be measured by a calorimeter test (Differential Scanning Calorimetry).

There are different methods to take into account the latent heat in simulations, Pham [3] review some of them: apparent specific heat method, enthalpy method and quasi-enthalpy method. In the apparent specific heat method, latent heat is merged with sensible heat to produce a specific heat curve with a large peak around the freezing point.

### 1.2. Macroporous media characteristics

A porous medium is a material consisting on a fixed solid matrix with interconnected void spaces, called pores, whose interconnection allows fluid flow through the material. Porous media are characterized by geometric parameters as porosity  $\varepsilon$  (void fraction), specific surface  $A_{spec} [m^{-1}]$  (rate of interior solid matrix surface to total volume) and permeability  $K [m^2]$  (hydraulic resistance). Equivalent thermal conductivity  $k_{eq} [Wm^{-1}K^{-1}]$  and interior convective heat transfer coefficient  $h [Wm^{-2}K^{-1}]$  depends on thermodynamic properties of solid and fluid phases and geometric characteristics of the porous medium.

In case of an enclosure porous medias it can be defined the macroporous media as the one in which the ratio of container characteristic length to particle characteristic length is smaller than 10.

In natural porous media, the porosity is in general smaller than 0.6. In common porous media it can vary close to limit values, 0 and 1. In the case of a bed of uniform spheres, porosity varies between 0.2595 and 0.4764 [4].

The permeability for common porous materials can be found in a wide range of orders of magnitude, from  $1m^2$  to  $1 \times 10^{-8}m^2$  [4]. Several authors proposed Eq. (3.6) to calculate the permeability of a packed bed of spheres, in respect to the porosity and particle diameter ( $d$ ). Each author found different values for the constant  $S$ , but all around 150 to 200 (Ben Amara [5]).

$$K = \frac{d^2 \varepsilon^3}{S(1-\varepsilon)^2} \quad (3.6)$$

However in our known there are no equations or experimental values for macroporous media with particles of others geometries and it was not found experimental values for macroporous media.

The equivalent conductivity of a porous medium depends on the thermal conductivity of each phase, the structure of the solid matrix and the contact resistance between particles. The limit values of equivalent conductivity were obtained from the composite layer models [6], solid and fluid layers in parallel arrangement and in series arrangement. A rough and ready estimation could be made from the weighted geometric mean [4]. Others correlations were reviewed by Kaviany [7], like the Krupiczka's correlation for the isotropic equivalent conductivity, obtained experimentally for a packed bed of particles. Table 3.1 summarizes some different correlations to predict the equivalent conductivity.

Table 3.1 - Summary of correlations for the equivalent conductivity  $k_{eq}$  of a porous media.

Model	Correlation	Remarks
Parallel[C]	$k_{eq} = k_f \varepsilon + k_s (1 - \varepsilon)$	Maximum value
Series[C]	$\frac{1}{k_{eq}} = \frac{\varepsilon}{k_f} + \frac{(1 - \varepsilon)}{k_s}$	Minimum value
Geometric[B]	$k_{eq} = k_f^\varepsilon \cdot k_s^{(1-\varepsilon)}$	$k_f$ and $k_s$ same order of magnitude
Krupiczka, reviewed by Kaviany [I]	$\frac{k_{eq}}{k_f} = \left(\frac{k_s}{k_f}\right)^{0.280 - 0.757 \log \varepsilon - 0.057 \log \left(\frac{k_s}{k_f}\right)}$	$0.2 \leq \varepsilon \leq 0.6$

In respect to the convective heat transfer coefficient into a porous media, Wakao and Kaguei [8] carried out a critically review of experimental values obtained for steady-state and unsteady-state measurements. They re-evaluated the heat transfer coefficients, considering only the data they found reliable, and proposed a Nusselt correlation as a function of the Reynolds number. Alvarez [9] and Ben Amara et al. [10] measured experimentally the convective heat transfer coefficient into a macroporous media, in steady state regime, by

neglecting conduction and radiation between solid particles. They placed a sphere of high conductivity material into a packed bed of spheres of very small conductivity. An electrical resistance heated the sphere and temperature was measured by a thermocouple, assuming uniform temperature. Alvarez [9] established a Nusselt correlation for turbulent flow. Ben Amara et al. [10] studied the influence of the operational parameters on the convective coefficient, and proposed a correlation for Reynolds in the range from 74 to 495 (low velocities), similar to the one proposed for Wakao and Kaguei.

Ben Amara et al. [10] performed an experimental study of convective heat transfer during cooling with low air velocity in a stack of objects. They found that for low velocities ( $<0.2\text{m/s}$ ) radiation and conduction could be of the same order of magnitude as convection.

There were several researches working with porous media, in general with spherical particles. However, few researches had been carried out the characterization and identification of macroporous media parameters, even less for confined porous media at very low air velocity.

## 2. Materials and methods

In this work, the porous media consists on frozen product and air. Properties and parameters of two porous media were determined by different ways, as it was explained in this section.

### 2.1. Products

Two types of frozen vegetables were studied: sliced carrots and extra thin green beans. These were chosen because they were the most susceptible to damage during frozen storage. For all measures and experiments, products were prepared from fresh vegetables.

#### 2.1.1. Carrot

Frozen slices of carrots were prepared from fresh carrots, peeled, cut, and frozen in a freezer at temperature of  $-30^{\circ}\text{C}$ .

Standard dimensions in the industry are diameter between  $15\text{ mm}$  and  $30\text{ mm}$ , and thickness between  $6\text{ mm}$  and  $7\text{ mm}$ .

A sample of 100 carrot slices was taken to measure their average diameter and thickness, with the correspondent uncertainties:  $24.3 \pm 5.4\text{ mm}$  and  $7.0 \pm 1.7\text{ mm}$  respectively.

#### 2.1.2. Green beans

Fresh extra thin green beans were prepared by removing the beans tips and then frozen at  $-20^{\circ}\text{C}$ .

Standard dimensions in the industry are diameter between  $6.5\text{ mm}$  and  $8\text{ mm}$ , and length between  $80\text{ mm}$  and  $120\text{ mm}$ .

Sample of 50 green beans was taken to measure their average diameter and length, with the correspondent uncertainties:  $6.6 \pm 1.0\text{ mm}$  and  $92.7 \pm 12.5\text{ mm}$  respectively.

## 2.2. Frozen product properties

### 2.2.1. Product density

Frozen product density was difficult to be measure experimentally, since it was not possible to use water, because it melts the product. For this work, product density was calculated using Eq. (3.7) and composition data from [1], for food products. Density depends on product composition and its mass fraction.

$$\rho = \frac{1}{\sum \frac{X_i}{\rho_i}} \quad (3.7)$$

where  $X_i$  was the mass fraction and  $\rho_i$  the density of each component (water, protein, fat, carbohydrate and ash). Density of each component and therefore product density depends on temperature.

### 2.2.2. Enthalpy of phase change - Apparent specific heat

A Differential Scanning Calorimetry (DSC) analysis of carrots was performed using the equipment Mettler Toledo DSC 822e by a thermo analytical technique in which the difference in the amount of heat power ( $\dot{Q}$ ) required to increase the temperature of a sample and a reference, is measured as a function of temperature.

Samples for the calorimetry test were prepared from fresh product. Approximately 5mg sample of product was placed in an aluminum pan, hermetically closed. Sample weight was recorded and then subjected to the DSC. Measures were made in the temperature range between  $-40^{\circ}\text{C}$  and  $25^{\circ}\text{C}$ , with a speed of  $0.5^{\circ}\text{C}/\text{min}$ .

Finally, the DSC software returned values of heat power versus temperature. The apparent specific heat of phase change could be obtained by Eqs. (3.8) and (3.9).

$$H(T) = \int_0^t \frac{\dot{Q}}{m} dt \quad (3.8)$$

$$c_p(T) = \left. \frac{\partial H}{\partial T} \right|_p \quad (3.9)$$

## 2.3. Porous media characteristics

### 2.3.1. Product bulk porosity

The porosity of a porous medium was defined as the ratio between air volume and total bed volume.

$$\varepsilon = \frac{V_a}{V_{bed}} \quad (3.10)$$

In an isotropic porous media, surface porosity is equal to volumetric porosity. A porous media into a container with rigid and impermeable walls increase its porosity near the walls, because solid particles are unable to pack together as efficiently as elsewhere. Experiments have shown that the porosity is a damped oscillatory function of the distance from the wall, varying from a value near unity at the wall to nearly core value at about five particle diameters from the wall [4].

Porosity was measured using a container filled with product. The void volume was obtained by measuring the water volume that was possible to put into the container up to complete it.

### 2.3.2. Specific surface

The specific surface is the ratio between product total heat transfer surface and product bed volume.

$$A_{spec} = \frac{A_T}{V_{bed}} \quad (3.11)$$

To determine the specific surface, the number of frozen product pieces was counted in a known volume. Then, using the averaged product dimensions presented in sections 2.1.1 and 2.1.2, total heat transfer surface was calculated. Knowing the container volume, the specific surface could be calculated.

### 2.3.3. Bulk product permeability

The permeability of a porous media is a parameter that depends on the geometry, but not on the fluid. An experimental bench was used to estimate the permeability of a product bed, submitted to very low flow velocities, comparable in order of magnitude to the natural convection ones.

The experimental device (Figure 3.2) was composed by a PVC suction duct of square section with dimensions  $0.19 \text{ m} \times 0.19 \text{ m} \times 0.40 \text{ m}$ , filled with product.

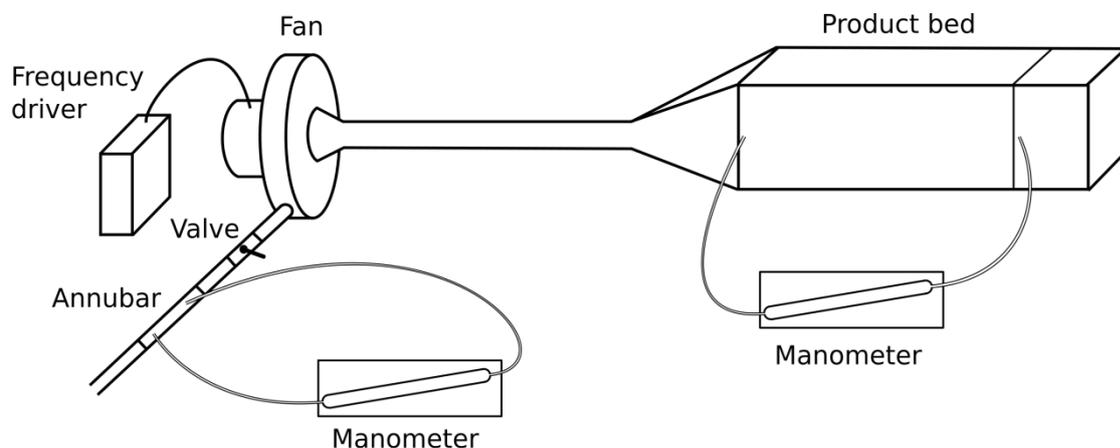


Figure 3.2 -Scheme of experimental device used for permeability measure.

The airflow was controlled by a variable frequency drive (SSD Drives 650) connected to the fan and with a valve installed in the discharge line. An Annubar (AWR-71) connected to an inclined tube manometer was used to measure airflow, and therefore the superficial velocity in the suction duct was obtained. The pressure drop in the carrots bed was measure with another inclined tube manometer. The range of velocities used varied between  $0.04 \text{ m.s}^{-1}$  and  $0.12 \text{ m.s}^{-1}$ , the same order of magnitude of natural convection ones.

The same method was previously used by Ben Amara [5] to measure product permeability. The momentum equation for a porous media, assuming the Bousinesq approximation and incompressible flow is similar to Navier Stokes but adding the Darcy and Forchheimer terms.

$$\frac{\rho_a}{\varepsilon} \frac{\partial \vec{v}}{\partial t} + \frac{\rho_a}{\varepsilon^2} (\vec{v} \cdot \nabla) \vec{v} = -\vec{\nabla} P - \frac{\mu}{K} \vec{v} - \rho \beta (T_a - T_{ref}) \vec{g} + \rho_a \frac{F |\vec{v}| \vec{v}}{\sqrt{K}} \quad (3.12)$$

Where  $\varepsilon$  was the porosity,  $K$  the permeability and  $F$  the Forchheimer coefficient. Since the experimental velocities were very small, the Forchheimer term became negligible in respect to the Darcy term. The air temperature was the same as the reference one ( $T_a = T_{ref}$ ), so the mass force term could be neglected too. Under these conditions, and assuming steady state regime, momentum equation was reduced to Darcy's equation, Eq. (3.13). Eq. (3.14) was a unidirectional version of Darcy's.

$$\vec{\nabla} P = -\frac{\mu}{K} u \quad (3.13)$$

$$\frac{\Delta p}{\Delta x} = -\frac{\mu}{K} u \quad (3.14)$$

In these conditions, the permeability was determined making use of Eq. (3.14), by measuring pressure drop through a bulk product bed for different velocities. The experiment was repeated at least twice for each vegetable.

#### 2.3.4. Equivalent conductivity

In this work the equivalent conductivity of the frozen product bed was identified from experimental measures, in the absence of convection, with a unidirectional transient pure conductive model in COMSOL.

A polyurethane box of  $7 \text{ cm}$  of thickness in the lateral walls and  $4 \text{ cm}$  in the bottom, was use to contain the product. The interior dimensions were length, width and height,  $15,5\text{cm} \times 10,7\text{cm} \times 9,5\text{cm}$  respectively. In the top of the box a thin steel plate was placed. Three pieces of product (slices of carrot or green beans) were fixed exactly at known positions into the box, at different heights and centered, and connected to thermocouples, as it is shown in Figure 3.3. Product and steel plate temperatures were measured by type T thermocouples (copper/constantan) connected to a data logger (Pico Technology TC-08) and a computer.

A eutectic substance (PCM) with a phase change temperature of the order of  $-10^\circ\text{C}$  was used to heat up the top surface of the box.

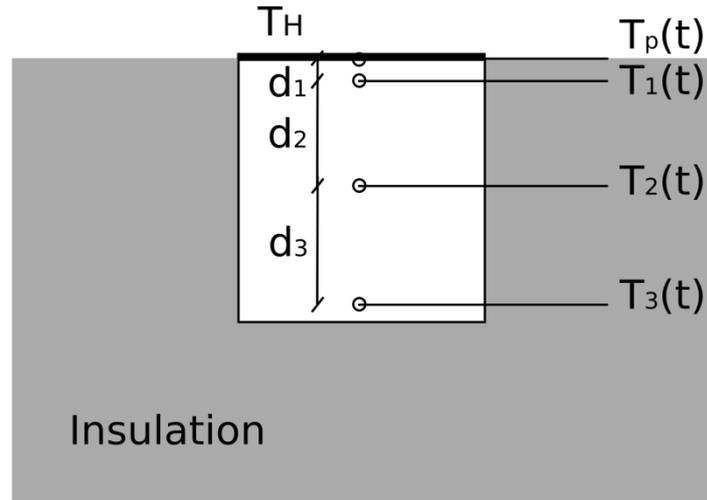


Figure 3.3 -Scheme of experimental device used for conductivity measurement.

Frozen product was placed in an insulated box at uniform initial cold temperature of approximately  $-20^{\circ}\text{C}$ . The box was then placed in the freezer at  $-20^{\circ}\text{C}$ , and the measurement started when the box was heated from the top with the PCM, allowing to impose a constant temperature ( $-10^{\circ}\text{C}$ ) over the steel plate. Product and steel plate temperatures were measured along two hours. The experiment was repeated twice.

This configuration (heating from the top), which does not generate any natural convection, was modeled in COMSOL considering unidirectional conductive heat transfer in transient regime, eq. (3.15).

$$(1 - \varepsilon)\rho_P c_{PP} \frac{\partial T_P}{\partial t} = k_{eq} \frac{\partial^2 T_P}{\partial x^2} \quad (3.15)$$

Imposed temperature at the top (measured experimentally  $T_H$ ) and no heat flux at the bottom of the box, were taken as boundary conditions. The equivalent conductivity of the porous medium was obtained by comparing the temperature from the model to the measured one, and the least square method was used to find the best conductivity value.

#### 2.3.5. Convective heat transfer coefficient into the porous media

With the objective of obtain an order of magnitude of the air-product natural convective heat transfer coefficient into a container, a transient experiment was mounted. The method was similar to the one reported by Alvarez [9] and Ben Amara [10] for macroporous media.

A cylindrical plastic container with  $17.9\text{ cm}$  of diameter and  $15.6\text{ cm}$  of height, isolated with  $8\text{ cm}$  polystyrene at the top and at the bottom (Figure 3.4), was filled with frozen product.

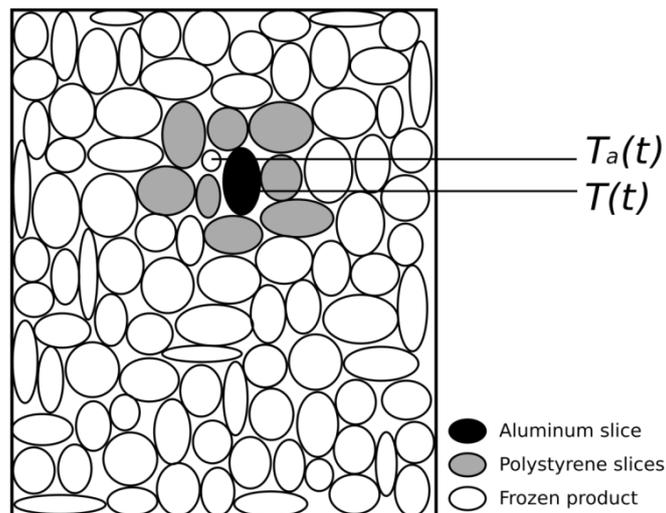


Figure 3.4 - Scheme of experimental device used for convective coefficient estimation.

An aluminum probe with dimensions close to the ones of product (diameter  $20.0\text{ mm}$  and thickness  $6.4\text{ mm}$  for carrots; diameter  $6.0\text{ mm}$  and length  $10.0\text{ mm}$  for green beans) and equipped with a type T thermocouple, was introduced into the container with an initial temperature hotter than the device. The probe was surrounded by isolated objects, such as polystyrene slices for carrots and hollow plastic tubes for green beans, chosen to avoid thermal contact between the probe and frozen product (Figure 3.4 and Figure 3.5). Under these conditions, it was assumed that convection was the unique heat transfer phenomenon affecting the aluminum slice.



Figure 3.5 - Experimental device used for convective coefficient estimation, for each vegetable.

The aluminum probe temperature variation and that of the surrounding air were measured during the transient heat transfer experiment.

As the aluminum conductivity was higher and the natural convection heat transfer coefficient was low, the Biot number (calculated using aluminum conductivity:  $273 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ ; convective heat coefficient:  $2.4 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$  and characteristic length as half of the thickness:  $3.0 \text{ mm}$ ) was smaller than 0.1, allowing to assume a unique temperature in the metallic slice. Therefore, the transient equation neglecting internal thermal resistance could be applied assuming a constant air temperature. Eq. (3.16) was used as follows:

$$T = T_a + (T_o - T_a)e^{-(t/\tau)} \text{ with } \tau = \frac{mC_p}{hA} \quad (3.16)$$

Where  $A$ ,  $m$  and  $C_p$  are heat transfer surface, mass and specific heat of the aluminum slice respectively;  $T_a$  is the air temperature;  $T_o$  is the aluminum initial temperature and  $T$  the slice temperature varying with time.

The convective heat transfer coefficient could be calculated by adjusting the experimental points with the aid of an exponential trend curve.

### 3. Results

In the governing equations for our model, presented in Chapter II, some parameters were not known and must be obtained from literature, calculated, measured or identified, to perform the simulation. Table 3.2 presents a summary of the parameters and the method use to evaluate them.

Table 3.2– Model parameters and its determination method

Parameter	Symbol	Methods
Product density	$\rho_p$	ASHRAE [1]
Apparent specific heat	$c_{p_p}$	Measured
Porosity	$\varepsilon$	Calculated
Specific surface	$A_{spec}$	Calculated
Permeability	$K$	Measured
Equivalent conductivity	$k_{eq}$	Measured and identified with COMSOL
Convective coefficient	$h$	Measured

### 3.1. Frozen product density

Product density depends on the product composition and its component individual density. Table 3.3 presents these data from [1]. Water in the product was a combination of ice and liquid water, depending on product and temperature. To simplify, it was assumed that all water was in solid phase.

Table 3.3 - Vegetables composition and density of each component as a function of temperature, from [1].

Components	Carrots	Green beans	Density $\rho(T)$ ( $kg/m^3$ )
	Mass fraction (%)	Mass fraction (%)	
Water (ice)	87.79	90.27	$9.1689 \times 10^2 - 1.3071 \times 10^{-1}T$
Protein	1.03	1.82	$1.3299 \times 10^3 - 5.1840 \times 10^{-1}T$
Fat	0.19	0.12	$9.2559 \times 10^2 - 4.1757 \times 10^{-1}T$
Carbohydrate	7.14	3.74	$1.5991 \times 10^3 - 3.1046 \times 10^{-1}T$
Fiber	3.0	3.4	$1.3115 \times 10^3 - 3.6589 \times 10^{-1}T$
Ash	0.87	0.66	$2.4238 \times 10^3 - 2.8063 \times 10^{-1}T$

Component density varies with temperature. However, for the working range of temperatures ( $-18\text{ }^{\circ}\text{C}$  to  $-5\text{ }^{\circ}\text{C}$ ), the calculated values varied slightly, less than 0.2%, so it was assumed a constant density. By taking  $-15\text{ }^{\circ}\text{C}$  as the reference temperature, the carrot density was found to be  $\rho_c = 997\text{ }kg.m^{-3}$  and  $\rho_{gb} = 976\text{ }kg.m^{-3}$  for green beans.

### 3.2. Apparent specific heat

There was not a unique phase change temperature in food products, since water was not pure, as it carried dissolved solids. This means that there was a range of temperatures (between approximately  $-1^{\circ}\text{C}$  and  $-18^{\circ}\text{C}$ ) in which coexisted sensible and latent heat. The concept of an apparent specific heat allows for taking into account these combined phenomena.

Figure 3.6 presents the experimental values of heat power versus temperature, for a  $8.7\text{ }mg$  sample. The shape of the curve presents the typical peak in the temperature range of phase change, similar to the one predicted by the apparent specific heat in Figure 3.7. However, the initial freezing point did not occur in the expected value, and it was slightly shifted to the right.

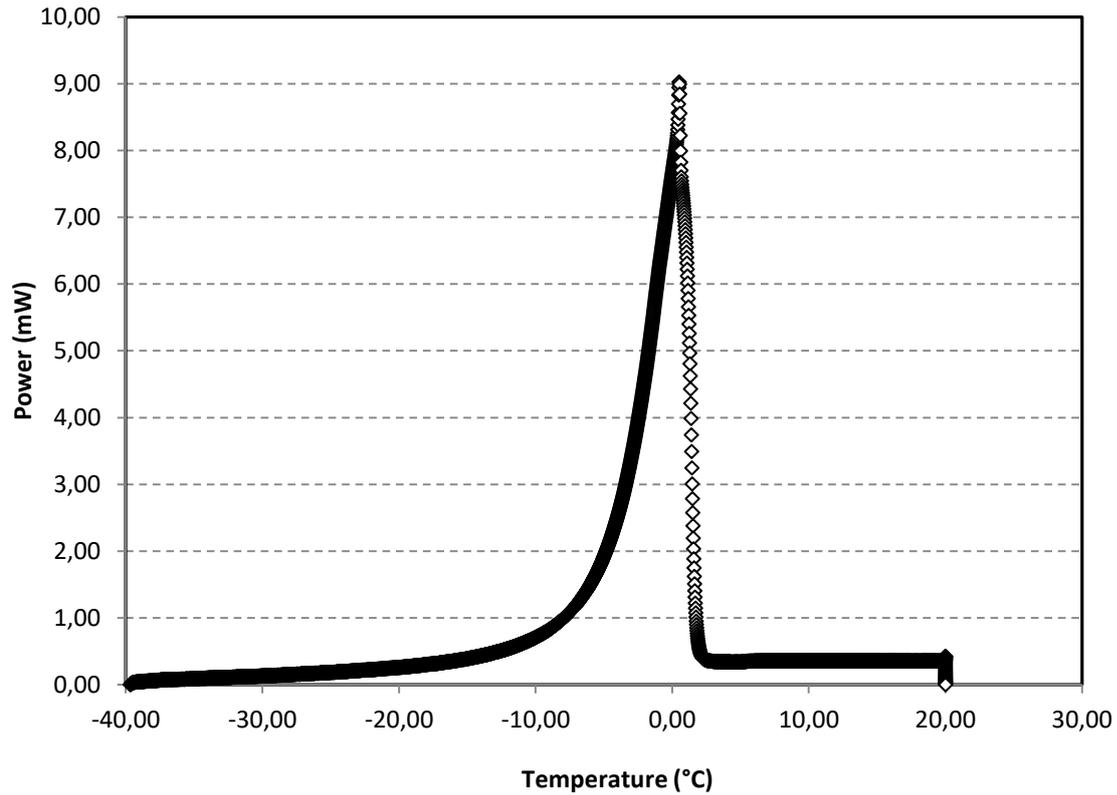


Figure 3.6 -Experimental curve from DSC measure, for carrots.

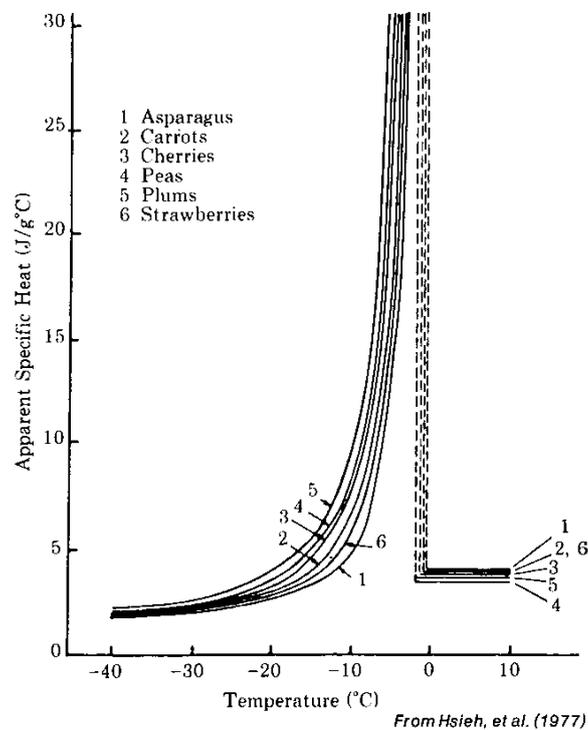


Figure 3.7 - Apparent specific heat from Food Process Engineering [2]

Phase change enthalpy was obtained by curve fitting, with the aid of Eqs. (3.8) and (3.9), starting with the initial freezing point ( $-1.4\text{ }^{\circ}\text{C}$ ) ([2]), as shown in Figure 3.8, with an enthalpy origin of  $-40\text{ }^{\circ}\text{C}$ .

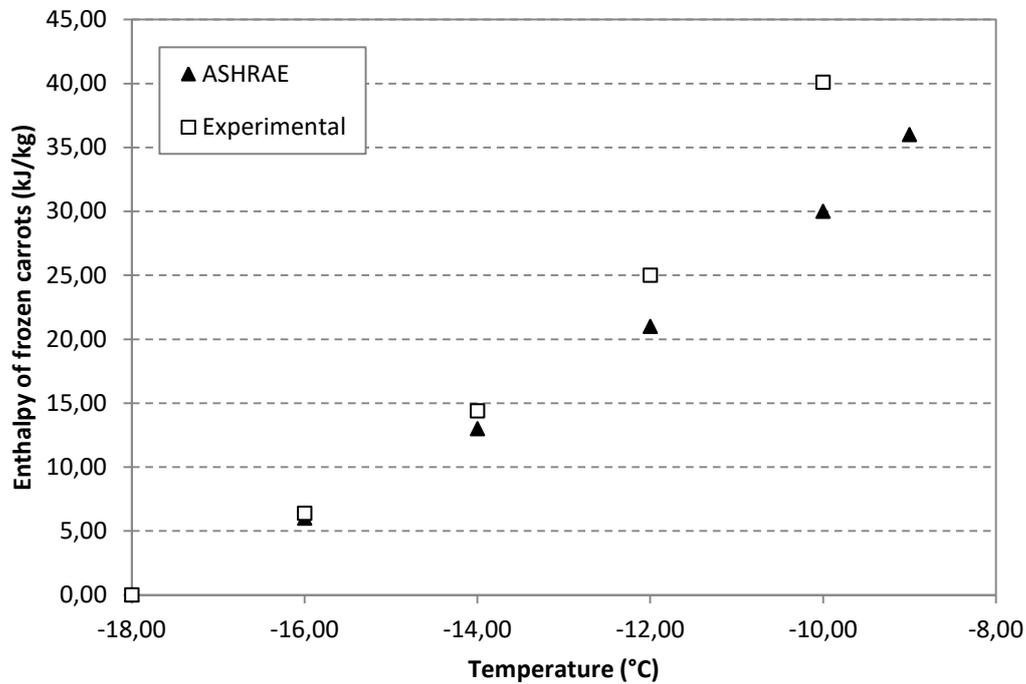


Figure 3.8 -Comparison between enthalpy experimental measure and values from [1].

As it can be seen, in the range of  $-40\text{ }^{\circ}\text{C}$  to  $0\text{ }^{\circ}\text{C}$ , there was a similar behavior between experimental values and the ones from Chapter 9, ASHRAE Handbook [1]. However the numerical values were a bit different.

The enthalpy balance approach was used in order to predict heat transfer with phase change and introduced in the numerical model. The apparent specific heat was modeled as in Eq. (3.17).

$$c_p(T) = c_{p_{fr}} + X_w H_{fus} \frac{\partial f}{\partial T} \quad (3.17)$$

where  $c_{p_{fr}}$  ( $2000\text{ J.kg}^{-1}$ ) is the specific heat of completely frozen product,  $X_w$  (0.8738) is the free water fraction in the product,  $H_{fus}$  ( $333000\text{ J/kg}$ ) is the water latent heat of fusion. The enthalpy of the product can be written from Eq. (3.18) as

$$H_p(T) = c_{p_{fr}}(T - T_{ref}) + X_w H_{fus} f(T) \quad (3.18)$$

Figure 3.9 presents the comparison between the model, experimental measures and values from [1], using  $-18\text{ }^{\circ}\text{C}$  as an enthalpy origin. The model tried to take into account the apparent specific heat in a large range of temperatures, even near the initial freezing point.

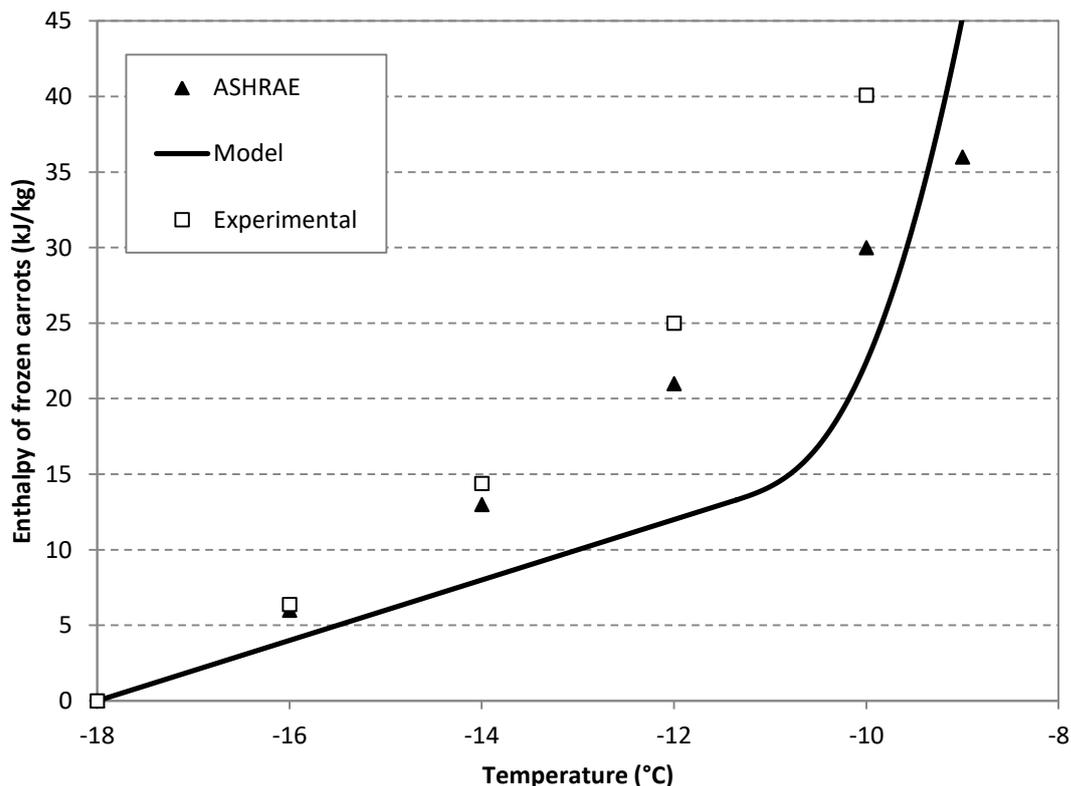


Figure 3.9 -Comparison between values obtained from Eq. (3.18) and from the ASHRAE.

### 3.3. Product bulk porosity

The porosity was measure several times, using different volume containers and fresh products. As it was expected, the porosity varies depending on the volume of the container and its geometry, mainly near the walls.

The porosity was evaluated by measuring the void volume of the porous media with water. The values obtained were  $\varepsilon_c = 0.55$  for carrots and  $\varepsilon_{gb} = 0.65$  for green beans. Both values were of the same order of magnitude, but green beans void volume was higher, and its porosity was 18% bigger.

It is important to recognize that product geometry could vary a little when the product is frozen, and therefore the porosity changes. An option to measure frozen product porosity, could be using another fluid at low temperatures (for example oil). For this work it was assume that the porosity is the same using fresh or frozen product.

### 3.4. Specific surface

The specific surface obtain for frozen products were  $A_{spec_c} = 235 \text{ m}^{-1}$  for carrots and  $A_{spec_{gb}} = 313 \text{ m}^{-1}$  for green benas.

### 3.5. Bulk product permeability

As was presented in section 2.33, in order to measure bulk permeability, bulk fresh product was placed into the square suction duct. A plastic seal was used to avoid air preferential pathways in particular between the top and the upper wall, as shown in Figure 3.10.

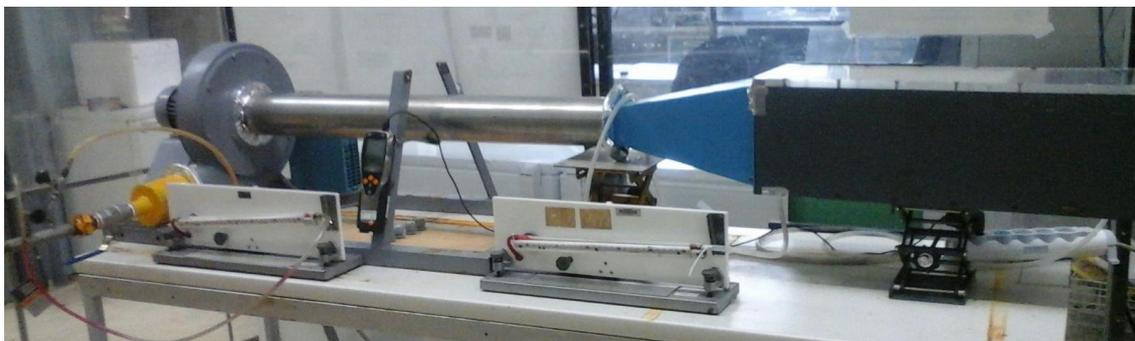


Figure 3.10 - Experimental device used for permeability measure.

As permeability is a geometric parameter, it is important to take into account the geometry disposition of product in the bed, for example parallel to airflow, cross to airflow or disorganized. As bulk storage condition was to be represented, product was placed randomly, as is shown in Figure 3.11.



Figure 3.11 – Product distribution in the experimental device for permeability measure.

A fan installed in the suction duct allowed imposing a constant airflow through the product bulk, with a superficial velocity at the inlet of the duct ranging from  $0.04 \text{ m} \cdot \text{s}^{-1}$  to  $0.12 \text{ m} \cdot \text{s}^{-1}$ .

Figure 3.12 and Figure 3.13 show measured pressure drop versus air velocity, for carrots and green beans respectively. The measures were repeated three times for carrots and two times for green beans, for the same velocities. In both cases, little data dispersion was noticed.

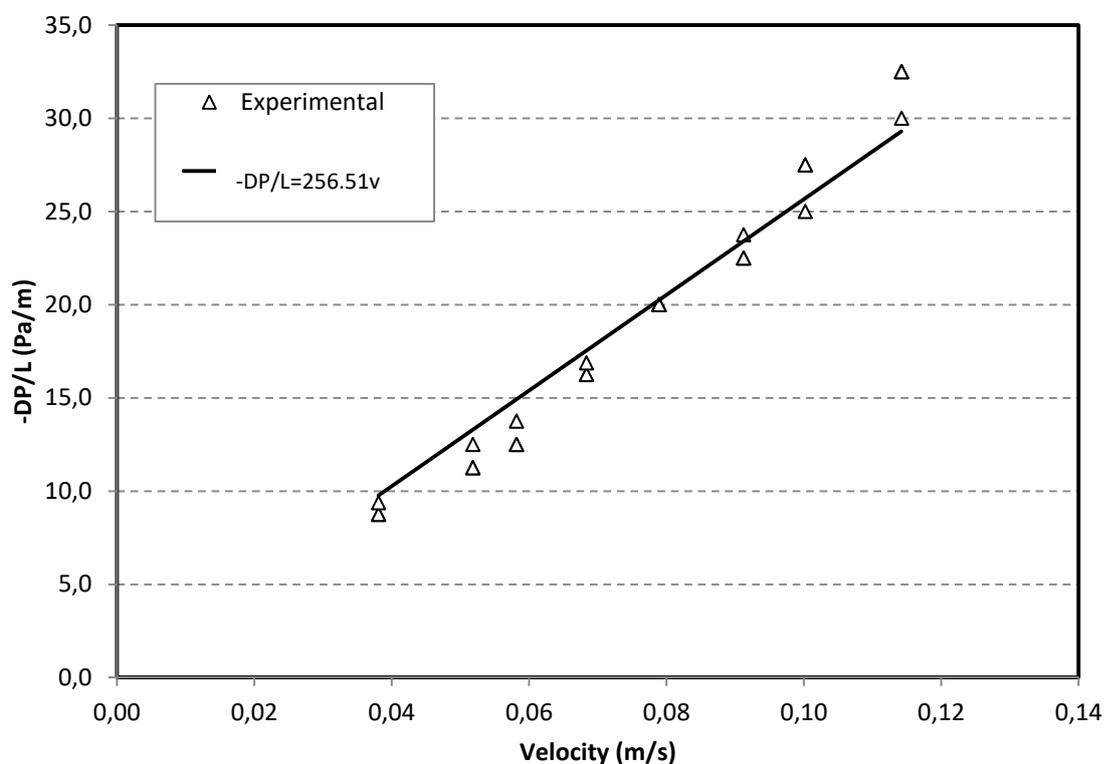


Figure 3.12 - Experimental measures of pressure drop in a carrots bed (length 40 cm) for different air velocities and its curve fitting.

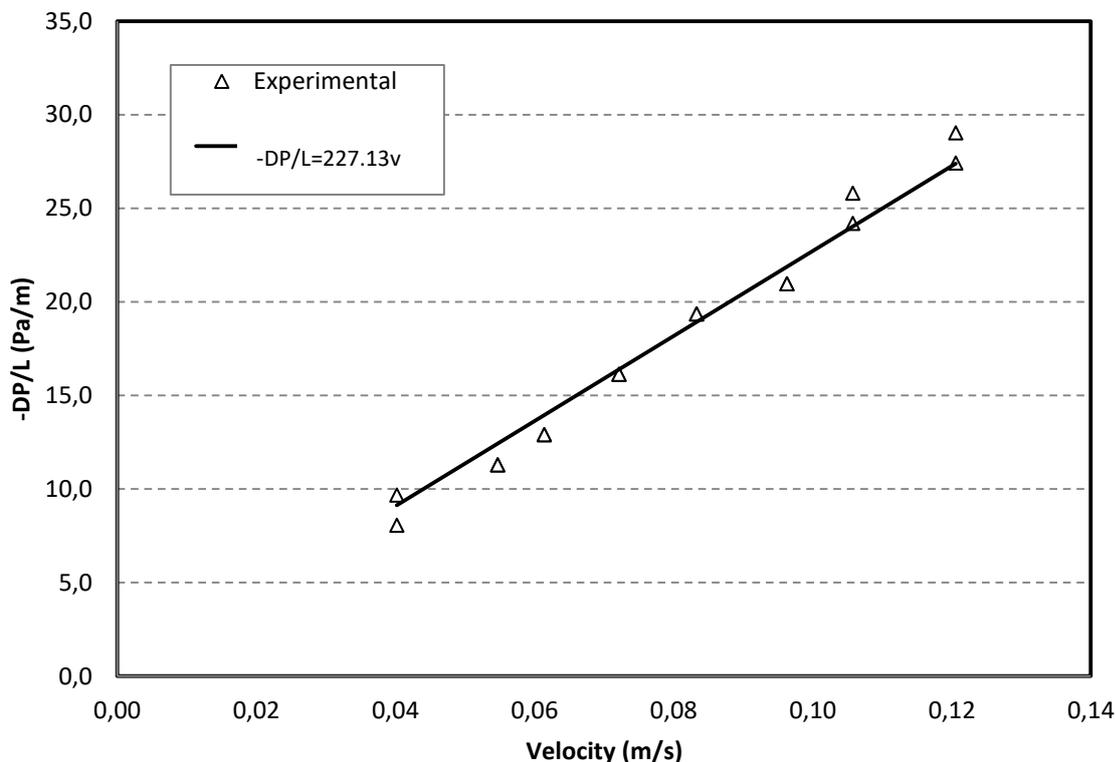


Figure 3.13 - Experimental measures of pressure drop in a green beans bed (length 31 cm) for different air velocities and its curve fitting.

Permeability could be calculated from the slope of the linear regressions, and taking the dynamic viscosity of air at  $20^{\circ}\text{C}$ ,  $\mu = 1.85 \times 10^{-5} \text{ Pa} \cdot \text{s}$ . In the case of carrots bed, the value obtained was  $K_c = 7.21 \times 10^{-8} \text{ m}^{-2}$ , while for green beans bed it was  $K_{gb} = 8.15 \times 10^{-8} \text{ m}^{-2}$ .

Both values were of the same order of magnitude, however, green beans permeability was 14% higher than carrots permeability. This result agrees with the measured porosities, since the bigger the porosity, the lowest the pressure drop along the porous bed and the larger the permeability.

Once again fresh product was used instead of frozen product. This experiment could be repeated into a cold room with frozen product. For this work it was assume that the permeability does not vary using fresh or frozen product.

### 3.6. Equivalent conductivity

To identify the equivalent thermal conductivity of each bulk of products (carrots and green beans) the thermal experiment described in section 2.3.4 was performed, repeated twice for each vegetable as shown in Figure 3.14.

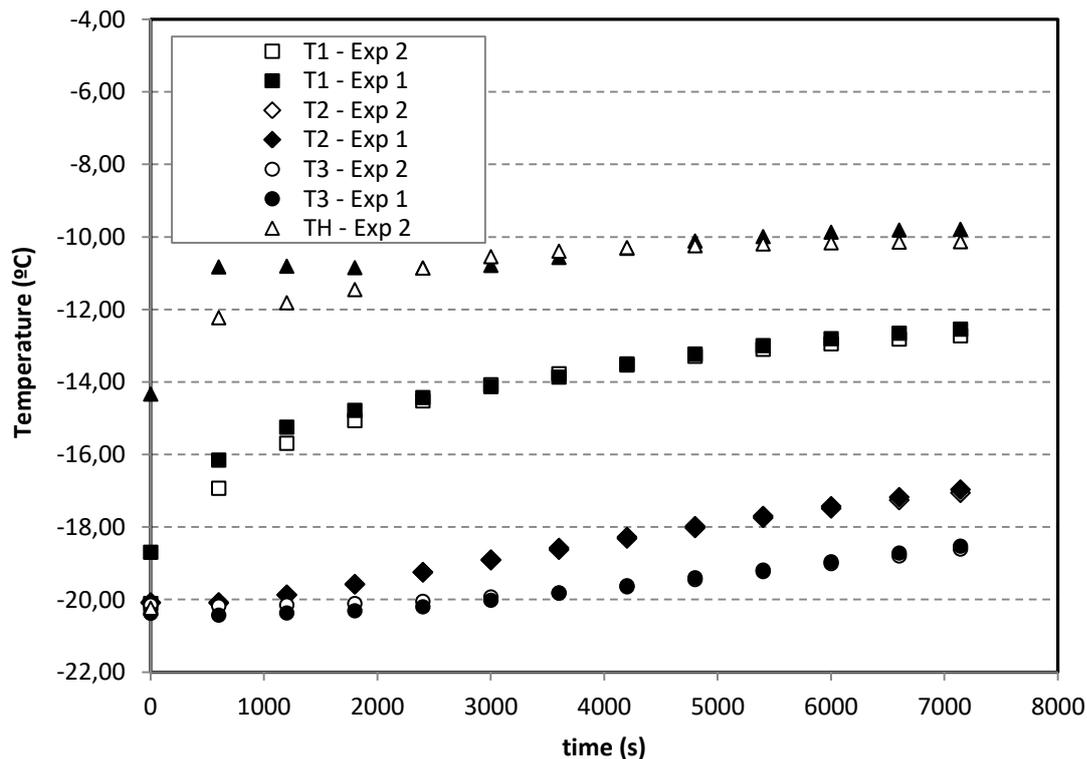


Figure 3.14 - Comparison between temperatures measured in experiments 1 (Exp 1) and 2 (Exp 2), for carrot slices.

A unidirectional conduction model was implemented in COMSOL software, with data from product density, product specific heat and porosity, calculated earlier in this work.

In order to estimate the range of equivalent conductivity, it was evaluate for the limit conditions, parallel and series arranged of air and product by using equations from Table 3.1. The limit values for carrot slices were  $0.05 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1} < k_{eq_c} < 0.91 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ , and  $0.04 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1} < k_{eq_{gb}} < 0.72 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$  for green beans.

Simulations were carried out by sweeping the equivalent conductivity in these ranges. Figure 3.15 shows the comparison between experimental measures and simulation results for carrot slices, for an imposed equivalent conductivity of  $k_{eq_c} = 0.12 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ . As it can be seen, the general shape of temperature evolution for different positions was similar. However, it was not possible to adjust all temperatures for the same value of equivalent conductivity. This was probably due to the porosity variation near the wall, which was not taken into account by the model since a uniform porosity was assumed for the entire domain. For this reason, only product temperature in the center of the box ( $T_2$ ) was used for the comparison.

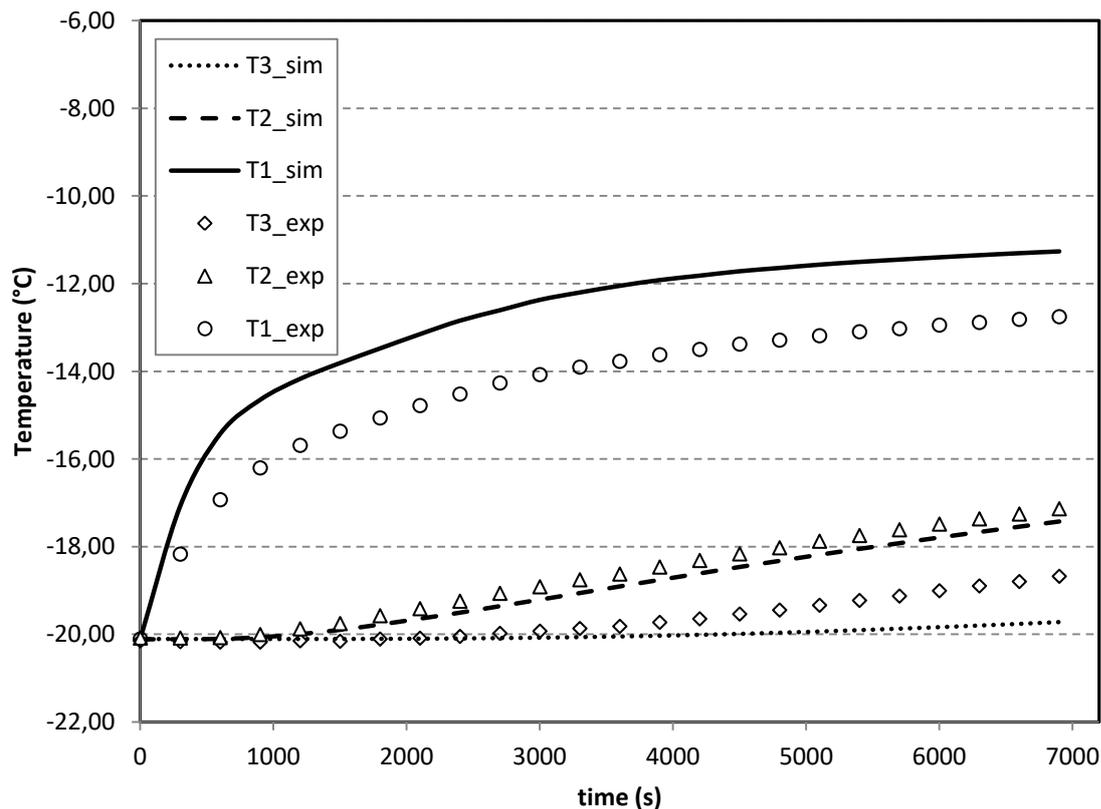


Figure 3.15 - Comparison between experimental and simulated temperatures versus time, for carrot slices, with  $k_{eq_c} = 0.12 W m^{-1} K^{-1}$

The minimum square method was used to obtain the better adjustment of equivalent conductivity. The error,  $e_j$ , was calculated for each temperature value as in Eq. (3.19), then the mean quadratic error,  $e_{cm}$ , was calculated for each equivalent conductivity and were plotted in Figure 3.16.

$$e_j = |T_{exp} - T_{sim}| \quad (3.19)$$

$$e_{cm} = \sqrt{\frac{\sum_{j=1}^n e_j^2}{n}} \quad (3.20)$$

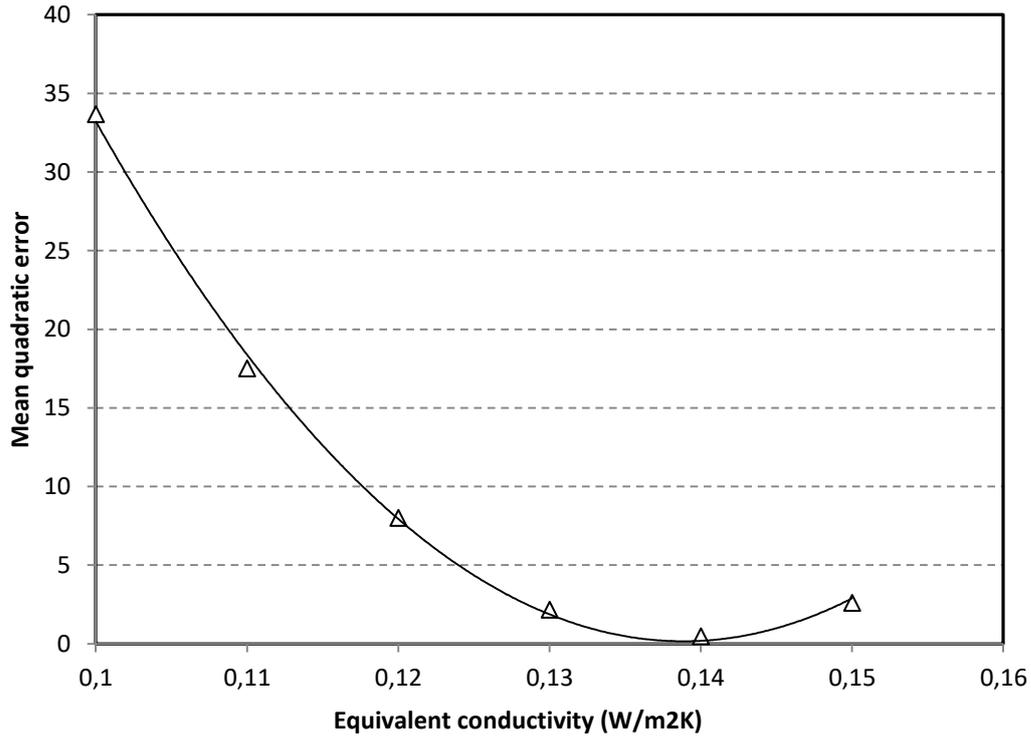


Figure 3.16 -Mean quadratic error versus equivalent conductivity for carrot bed.

The minimum error was obtained for  $k_{eq_c} = 0.14 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ . Figure 3.17 shows the comparison between measured and simulated temperatures ( $T_2$ ) in carrots bed, with this conductivity value. In these conditions, the maximum error was less than  $0.12^\circ\text{C}$ .

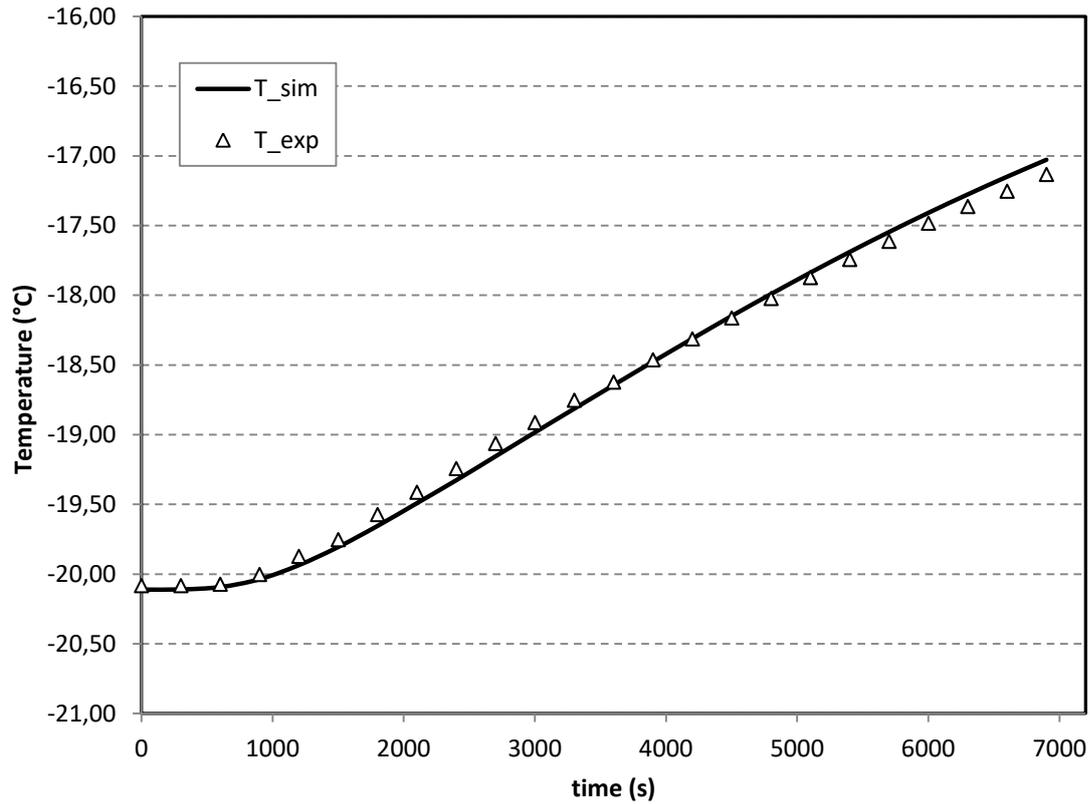


Figure 3.17 - Comparison between experimental and simulated temperatures in the center of the box ( $T_2$ ) versus time, for carrot slices, with  $k_{eq_c} = 0.14 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ .

The same procedure was applied for green beans equivalent conductivity, and the value obtained was  $k_{eq_{gb}} = 0.10 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ . The comparison between measured and simulated temperatures ( $T_2$ ) is present in Figure 3.18.

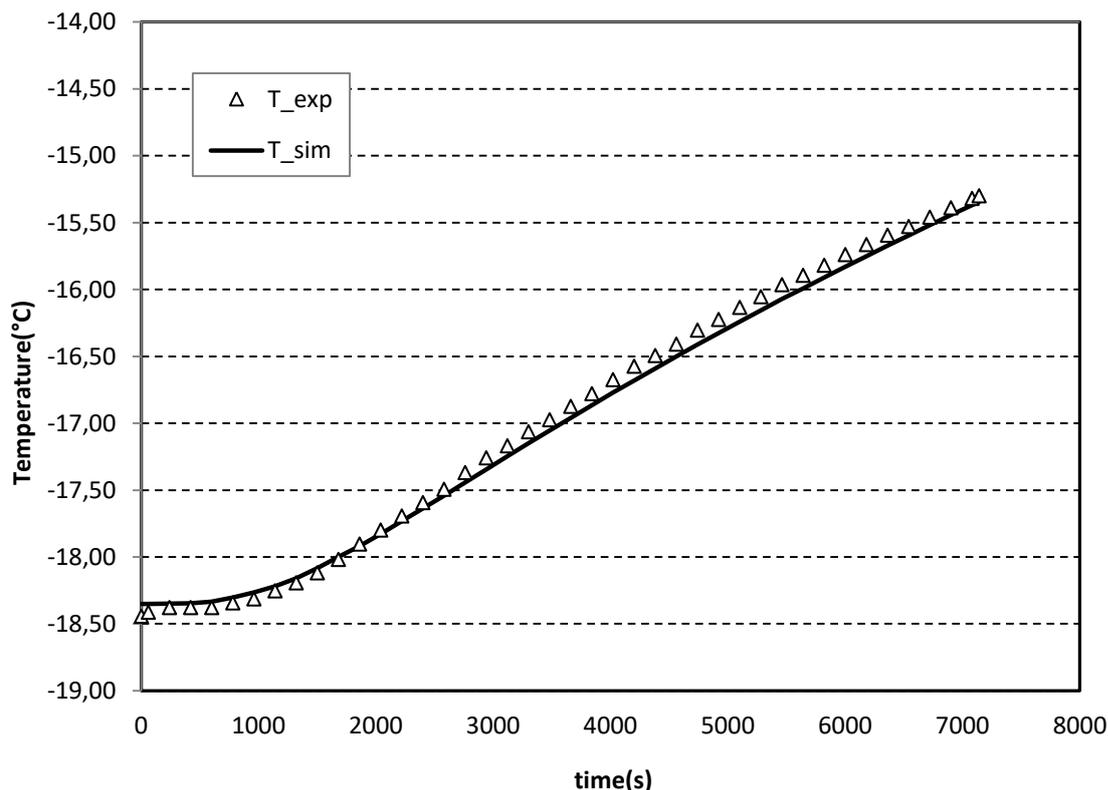


Figure 3.18 - Comparison between experimental and simulated temperatures in the center of the box (T2) versus time, for green beans, with  $k_{eq_{gb}} = 0.10 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ .

The identified values of equivalent conductivity can be validated by comparing to calculated values by different models. Table 3.4 presents calculated values for carrot slices and green beans, using air conductivity  $k_f = 0.026 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$  and product conductivities,  $k_{s_c} = 2.0 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$  for frozen carrots (from [2]) and  $k_{s_{gb}} = 1.3 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$  for frozen green beans (calculated from product composition, according to the equation propose in Chapter 9, ASHRAE Handbook [1]). The difference in products conductivities and porosities explains that the equivalent conductivity was bigger for carrots bed than for green beans bed.

As it can be seen, the identified equivalent conductivities were into the range established by parallel and series models. The others correlations also gave results between these limits. The geometric model gave a good approximation, as an order of magnitude. However, this model give better results the more similar were fluid and solid conductivities [4]. Using Krupiczka correlation, the values calculated in both cases were very similar to the experimental ones. The error, defined as in Eq. (3.21), was 7.1% for carrots and 10% for green beans.

$$e_k = \frac{k_{identified} - k_{model}}{k_{identified}} * 100 \quad (3.21)$$

Finally the method proposed to identify the equivalent conductivity of a porous medium was adequate.

Table 3.4- Equivalent conductivities obtained with different correlations, for carrot slices and green beans.

Model	Correlation	$k_{eq_c}$ ( $Wm^{-1}K^{-1}$ )	$k_{eq_{gb}}$ ( $Wm^{-1}K^{-1}$ )
Identified	-	0.14	0.10
Parallel	$k_{eq} = k_f \varepsilon + k_s(1 - \varepsilon)$	0.91	0.47
Series	$\frac{1}{k_{eq}} = \frac{\varepsilon}{k_f} + \frac{(1 - \varepsilon)}{k_s}$	0.05	0.04
Geometric	$k_{eq} = k_f^\varepsilon \cdot k_s^{(1-\varepsilon)}$	0.18	0.10
Krupiczka	$\frac{k_{eq}}{k_f} = \left(\frac{k_s}{k_f}\right)^{0.280 - 0.757 \log \varepsilon - 0.057 \log \left(\frac{k_s}{k_f}\right)}$	0.13	0.09

### 3.7. Convective heat transfer coefficient

The experiment was repeated twice for each vegetable, and it was checked that measures were repeatable. Air and product temperatures were measured during 50 minutes, but only temperature differences in the range of  $2^\circ C < T - T_a < 5^\circ C$  were taken, similar to expected values into the container. Figure 3.19 presents measured temperatures for air and aluminum slice, during the transient experiment into the carrot slices porous media.

The dimensionless temperature difference was calculated and plotted versus time in Figure 3.20. The adjustment of experimental points with an exponential trend curve is also presented in Figure 3.20, with a good correlation coefficient. The value of time constant was  $\tau = 5.0 \times 10^{-4}$ , and convective coefficient was  $h_c = 2.4 Wm^{-2}K^{-1}$ .

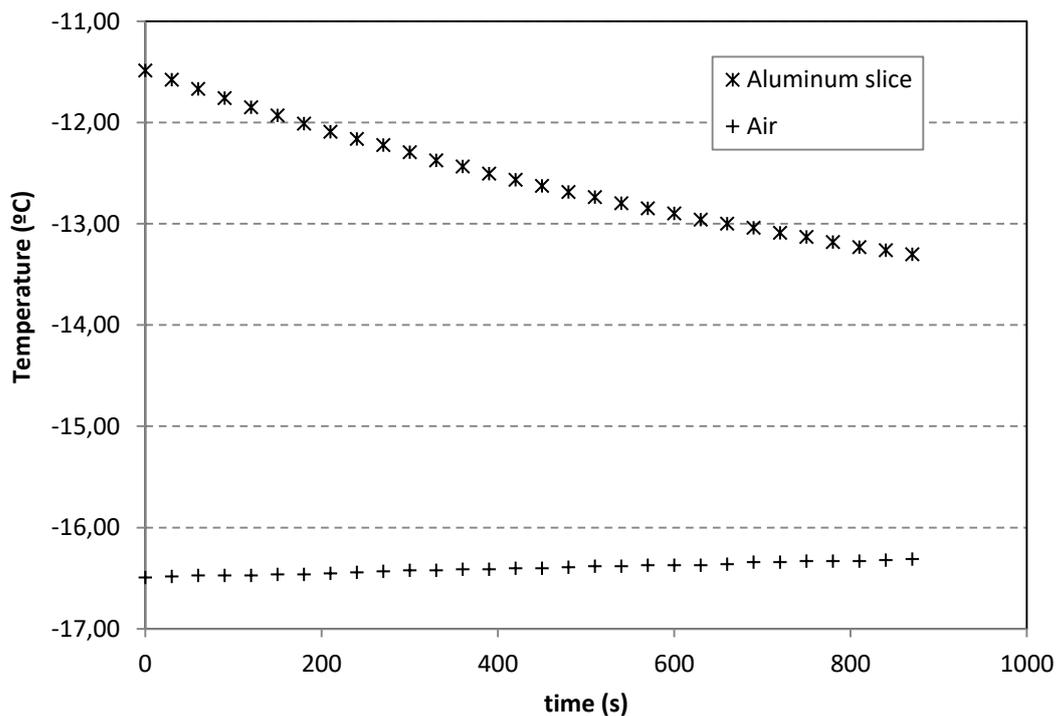


Figure 3.19– Experimental temperature measurement of aluminum probe and surrounding air versus time.

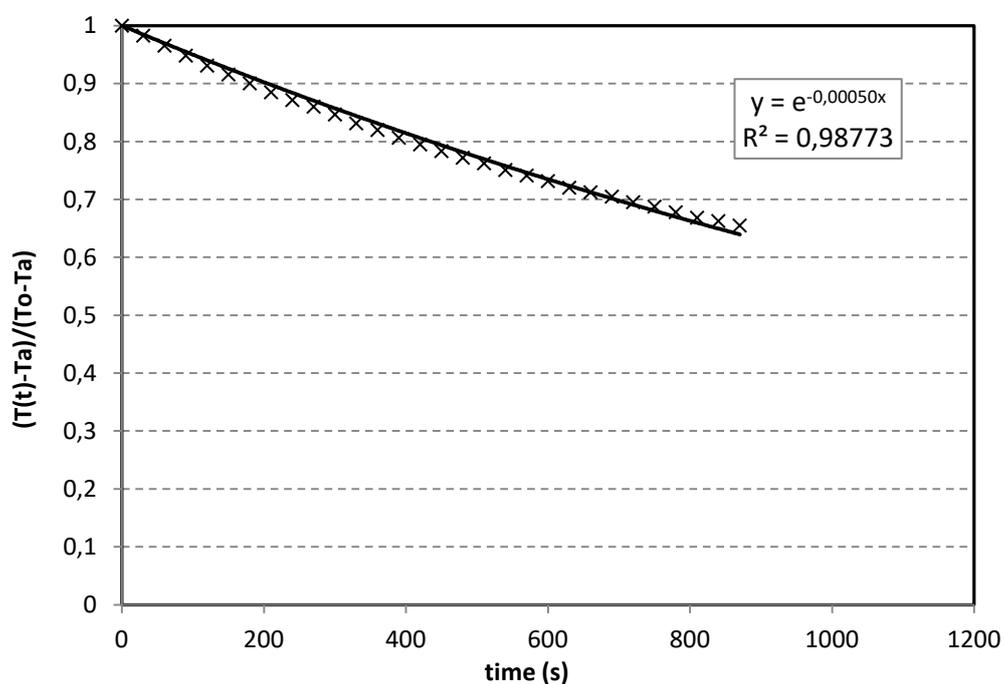


Figure 3.20– Aluminum probe dimensionless temperature versus time and its curve fitting, for carrot slices.

In order to evaluate the experimental convective coefficient obtained for carrot slices, it was compared to the convective coefficient for a sphere. Assuming the unique phenomena was

conduction in the air around the sphere (convection was neglected in respect to conduction), the Nusselt number for a single sphere was  $Nu = 2$ , and using the slice diameter as characteristic length, ( $D = 0.0243 \text{ m}$ ) and the air conductivity ( $k_{air} = 0.026 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ ), the convective coefficient was  $h = 2.14 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$ .

Considering the local natural convection, the correlation proposed by Yuge [11] for heat transfer between a single sphere and air could be used to obtain an order of magnitude.

$$Nu = 2 + 0,392Gr^{0,25} \quad (1 < Gr < 10^5) \quad (3.22)$$

Using the temperature difference obtained from the simulation of the order of  $1^\circ\text{C}$ , diameter as the characteristic length ( $D = 0.0243 \text{ m}$ ), and air properties at  $-15^\circ\text{C}$  ( $\nu = 1.2 \times 10^{-5} \text{ m}^2\text{s}^{-1}$ ,  $k_{air} = 0.026 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$  and  $\beta = 3.87 \times 10^{-3} \text{ K}^{-1}$ ) the Grashoff was  $Gr = 3779$ . Finally the Nusselt number was 5,1 and the convective heat transfer coefficient obtained was  $h = 5.4 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$ .

For a bed of spheres, Wakao and Kaguei [8] proposed the following correlation for forced convection.

$$Nu = 2 + 1,10 Pr^{1/3} Re^{0,6} \quad (3.23)$$

In the present experiment, the Reynolds number was of the order of 2, calculated after a simulated velocity ( $v \cong 1 \text{ mm.s}^{-1}$ ), the diameter as a characteristic length ( $D = 0.0243 \text{ m}$ ) and air kinematic viscosity ( $\nu = 1.2 \times 10^{-5} \text{ m}^2\text{s}^{-1}$ ). The convective heat transfer coefficient using Eq. (3.23) is  $3.7 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$ .

Ben Amara [10] proposed a correlation obtained for a macroporous media compose by spheres in cubic arrange, as follows.

$$Nu = 2 + 1,09 Pr^{1/3} Re^{0,53} \quad (3.24)$$

This correlation was obtained from an experimental measurement, similar to the one proposed here, and also similar to the one of Wakao and Kaguei (Eq. (3.19)). The convective heat transfer coefficient using Eq. (3.24) is  $3.6 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$ .

Despite these correlations were for spheres and in some cases for a single one, the values obtained were of the same order of magnitude than the experimental one.

The same procedure was repeated with green beans (Figure 3.21) and the time constant was  $\tau = 5.5 \times 10^{-4}$  and convective coefficient was  $h_{gb} = 2.3 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$ .

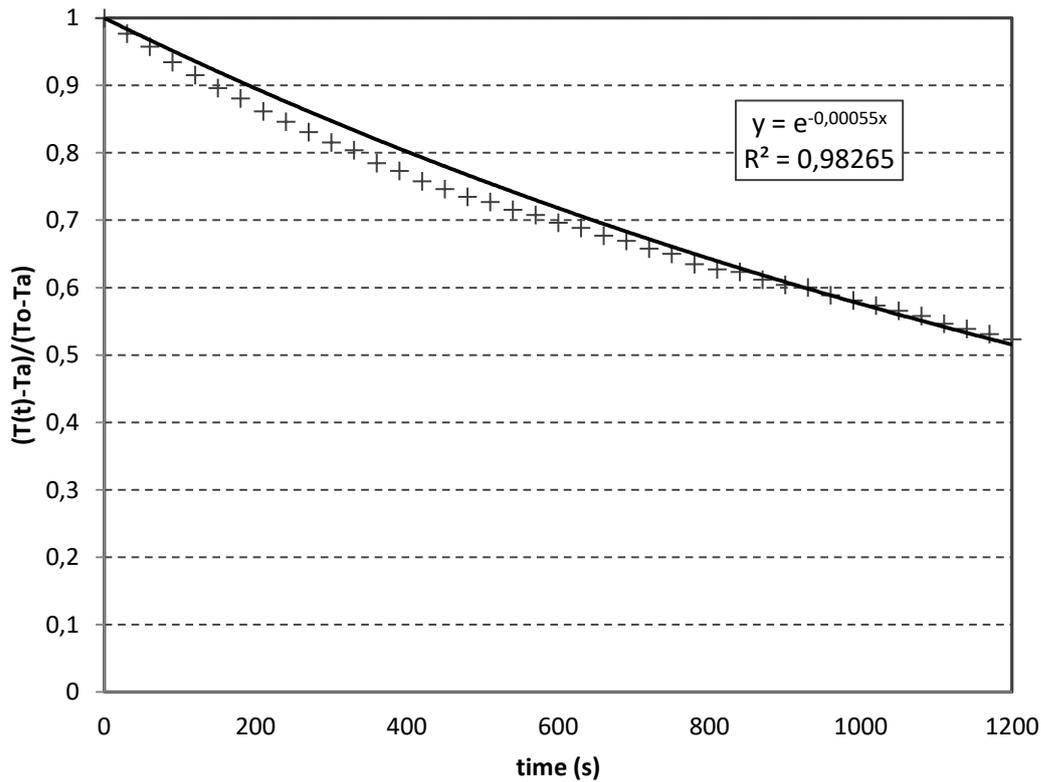


Figure 3.21 -Aluminum probe dimensionless temperature versus time and its curve fitting, for green beans.

Similar to carrots, this coefficient was compared to different correlations. Assuming a unique green bean in conditions of natural convection, the convective coefficient can be estimate as a horizontal and vertical cylinder. For horizontal cylinder, the Rayleigh number was 41, calculated from air properties at  $-15^{\circ}\text{C}$  ( $\nu = 1.2 \times 10^{-5} \text{m}^2 \text{s}^{-1}$ ,  $k_{air} = 0.026 \text{Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ ,  $\beta = 3.87 \times 10^{-3} \text{K}^{-1}$  and  $Pr = 0.72$ ), diameter as the characteristic length ( $D = 0.006 \text{m}$ ) and a temperature difference of  $1^{\circ}\text{C}$ . Making use of the correlation present in Eq. (3.25) from [12] for an infinite horizontal cylinder, the Nusselt number was 1.43 and the convective coefficient was  $6.2 \text{Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$ .

$$Nu = \left[ 0.6 + \frac{0.387Ra^{1/6}}{\left[ 1 + \left( \frac{0.559}{Pr} \right)^{9/16} \right]^{8/27}} \right]^2 \quad (Ra < 10^{12}) \quad (3.25)$$

For an infinite vertical cylinder the convective coefficient was calculated using the same parameters, except the characteristic length which was the green bean length ( $L = 0.092 \text{m}$ ). The Rayleigh number was  $14.77 \times 10^4$  ( $Pr = Pr_w$ ) and Nusselt obtained from Eq. (3.26) from [13] was 14.9. Finally the convective coefficient for a vertical cylinder was  $4.2 \text{Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$ .

$$Nu = 0.76Ra^{0.25} \left( \frac{Pr}{Pr_w} \right)^{0.25} \quad (10^3 < Ra < 10^9) \quad (3.26)$$

Considering the condition of force convection of a cylinder with cross airflow, Nusselt can be calculated from Eq. (3.27) [12]. The values of constant  $C$  and  $m$  depends on the Reynolds number, which was 0.5, calculated from a velocity obtained from the simulation ( $v \cong 1 \text{ mm} \cdot \text{s}^{-1}$ ) diameter as a characteristic length ( $D = 0.006 \text{ m}$ ) and air kinematic viscosity ( $\nu = 1.2 \times 10^{-5} \text{ m}^2 \text{ s}^{-1}$ ). For the range of  $0.4 < Re < 4$ ,  $C = 0.989$  and  $m = 0.33$ . Nusselt was 0.69 and the convective coefficient was  $3.0 \text{ Wm}^{-2} \text{ K}^{-1}$ .

$$Nu = C' Re^m Pr^{1/3} \quad (3.27)$$

Another way to estimate the convective coefficient was by assuming arranges as an aligned or staggered tube bank, subjected to airflow. Zhukauskas [12] proposed the correlation present in Eq. (3.28) for tube bank.

$$Nu = C' Re^m Pr^{0.36} \left( \frac{Pr}{Pr_w} \right)^{0.25} \quad (3.28)$$

Constant  $C$  and  $m$  varies depending on the Reynolds number ( $Re = 0.5$ ) and the arrangement (aligned or staggered). Even when the correlation could be applied for Reynolds bigger than 10, a rough approximation was done. For aligned tube bank and  $10 < Re < 100$  ( $C = 0.8$  and  $m = 0.4$ ) Nusselt is 0.54 and the convective heat transfer coefficient is  $2.33 \text{ Wm}^{-2} \text{ K}^{-1}$ . For staggered tube bank and  $10 < Re < 100$  ( $C = 0.9$  and  $m = 0.4$ ) Nusselt is 0.61 and the convective heat transfer coefficient was  $2.64 \text{ Wm}^{-2} \text{ K}^{-1}$ .

Finally, it was concluded that the value obtained experimentally for the convective heat transfer coefficient for green beans was of the same order of magnitude than the different estimations from correlations for cylinders.

In Table 3.5 they are summarized the results obtained for all the parameters for each porous media.

Table 3.5- Parameters for carrot slices and green beans porous media

Parameter	Symbol	Carrots slices	Green beans
Product density	$\rho_p$	$997 \text{ kgm}^{-3}$	$976 \text{ kgm}^{-3}$
Apparent specific heat	$c_{pP}$	Function of temperature	-
Porosity	$\varepsilon$	0.55	0.65
Specific surface	$A_{spec}$	$235 \text{ m}^{-1}$	$313 \text{ m}^{-1}$
Permeability	$K$	$7.21 \times 10^{-8} \text{ m}^{-2}$	$8.15 \times 10^{-8} \text{ m}^{-2}$
Equivalent conductivity	$k_{eq}$	$0.14 \text{ Wm}^{-1} \text{ K}^{-1}$	$0.10 \text{ Wm}^{-1} \text{ K}^{-1}$
Convective coefficient	$h$	$2.4 \text{ Wm}^{-2} \text{ K}^{-1}$	$2.3 \text{ Wm}^{-2} \text{ K}^{-1}$

#### 4. Conclusion

Parameters can be classified in three types: the ones which depend only on thermophysical properties (product density and apparent specific heat), which depends only on the geometry (porosity, specific surface and permeability) and the ones which depends on both (equivalent conductivity and convective heat transfer coefficient). From the results, summarized in Table 3.5, it can be seen that parameters in the first case, were similar for both vegetables since they were composed mainly by water (carrots 87.79% and green beans 90.27%). Green beans density is 2% smaller than carrot density. Pure geometric parameters were of the same order of magnitude for both porous media, but were a bit bigger for green beans than for carrots. It was not strange since product geometries were completely different. Green beans porosity was 18% bigger, specific surface was 33% bigger and permeability was 14% bigger, respect to carrots. These results appear to be in concordance, since the biggest the porosity, the biggest the permeability. In case of the last two parameters, equivalent conductivity and convective heat transfer coefficient, the results were of the same order of magnitude. However, the equivalent conductivity varied more significantly, since it is directly related with the geometric appearance. As the porosity is smaller for carrots, there were more vegetables per bed volume, leading to a higher conductivity, and less air with lower conductivity. That situation explained the equivalent conductivity augmentation on 28.5%. In the case of convective coefficient, differences in geometric characteristics appear not to have a large impact. Fluid (air) and solid phases in porous media have similar thermal properties, and finally the convective coefficients were practically the same (7% higher for carrots bed). In general, parameters which characterize these porous media were similar for both products, even though the different geometries.

## Bibliography

- [1] ASHRAE Handbook—Refrigeration, Chapter 9: Thermal properties of food, 2006.
- [2] Dennis R. Heldman and R. Paul Singh, *Food Process Engineering*, Second Edition, The Avi Publishing Company, Inc., 1981.
- [3] Q.T. Pham, Modelling heat and mass transfer in frozen foods: a review, *Int. J. Refrigeration* 29 (2006) 876-888
- [4] Donald A. Neild and Adrian Bejan, *Convection in porous media*, Third Edition, Springer Science + Business Media, Inc., 2006.
- [5] S. Ben Amara, *Écoulements et transferts thermiques en convection naturelle dans les milieux macroporeux alimentaires: Application aux réfrigérateurs ménagers*, Thèse doctorant de l'Institut National de Paris-Grignon, 2005
- [6] Derek B. Ingham and Iacono Pop, *Transport phenomena in porous media*, Elsevier Science Ltd., 1998.
- [7] Warren M. Rohsenow, James P. Hartnett, Young I. Cho, *Handbook of Heat Transfer*, Third Edition, The McGraw-Hill Companies, Inc., 1998. M. Kaviany, Chapter 9: *Heat Transfer in Porous Media*
- [8] N. Wakao and S. Kaguei, *Heat and mass transfer in packed beds*, Gordon and Breach Science Publishers Inc., 1982.
- [9] G. Alvarez, *Étude de transfert de chaleur et de matière au sein d'un échangeur complexe de type « palette »*, Thèse doctorant de l'École Nationale du Génie Rural des Eaux et des Forêts (Paris), 1992.
- [10] S.B. Amara, O. Laguerre, D. Flick, Experimental study of convective heat transfer during cooling with low air velocity in stack of objects, *International Journal of Thermal Sciences* 43 (2004) 1213-1221
- [11] J.P. Holman, *Transferencia de calor*, McGraw-Hill Book Company, 1972.
- [12] Frank D. Incropera, David, P De Witt, *Fundamentos de transferencia de calor*, 4<sup>a</sup> Edición, Prentice Hall, Mexico 1999.
- [13] M.A. Mijeev, I.M. Mijeeva, *Fundamentos de termotransferencia*, Mir, 1979.

## BULK STORAGE OF FROZEN VEGETABLES AS A MACROPOROUS MEDIA: MODEL EXPERIMENTAL VALIDATION

### **Abstract**

This chapter is dedicated to the experimental validation of the numerical model developed to predict frost formation during storage of frozen vegetables submitted to external temperature fluctuations. The numerical model is able to predict air velocity field, air and product temperatures, and local frost formation. Results are validated in respect to a set of independent experimental results that shown in general a good agreement. Airflow circulation is as expected due to natural convection. Product temperature simulated behavior agrees with measurements, and temperature values differ by less than 12%. Frost formation predicted by the model was  $1.56 \text{ g/week}$ , smaller than the experimental measurement of  $4.67 \text{ g/week}$ , but still within the same order of magnitude. The model predicted correctly the most susceptible regions to frost formation. The effect model parameters was analyzed in order to point out how to improve it. Frost formation is mostly affected by the effective mass diffusivity and convective heat coefficient within the storage container. Better simulated results ( $3.09 \text{ g/week}$ ) are obtained by the adjustment of these parameters.

**Key words:** frozen food; macroporous media; heat and mass transfer; temperature fluctuation; natural convection; frost formation.

## Index

1. Introduction .....	62
2. Numerical modeling .....	63
2.1. Governing equations .....	65
2.1.1. Momentum .....	65
2.1.2. Energy.....	65
2.1.3. Water mass balance .....	65
2.2. Initial conditions .....	66
2.3. Boundary conditions .....	66
2.4. Parameter identification .....	67
2.4.1. Bulk product porosity .....	68
2.4.2. Specific surface.....	68
2.4.3. Product density .....	68
2.4.4. Product specific heat.....	68
2.4.5. Bulk product permeability .....	69
2.4.6. Equivalent conductivity .....	70
2.4.7. Convective heat transfer coefficient .....	72
2.4.8. Heat transfer coefficient across the container wall.....	74
2.4.9. Saturated vapor concentration .....	75
2.4.10. Effective mass diffusivity .....	75
2.5. Numerical resolution.....	75
3. Materials and methods .....	76
3.1. Product .....	76
3.2. Containers .....	76
3.3. Freezers .....	77
3.4. Temperature cycles .....	77
3.5. Frost formation .....	78
4. Results .....	78
4.1. Temperature .....	78
4.2. Frost formation .....	81
4.2.1. Experimental results .....	81
4.2.2. Simulation results .....	82
4.3. Parametric assessment .....	87

5. Conclusion..... 90  
Bibliography..... 90

## 1. Introduction

In the frozen food industry, in particular for vegetables, products are frozen and bulk stored into box pallets at low temperature in cold rooms. Storage duration can range from few months up to one year, before market distribution. During that long-term storage, frozen products may be exposed to air temperature fluctuations that can impact product quality. Thereafter, losses can be expected due to a poor management of storage environmental conditions.

A number of studies in the literature have shown the effect of both, temperature fluctuations and heterogeneity, on product quality. Quality losses and kinetics degradation such as vitamin C, color and drip loss are often considered an important issue to be reduced (Martins et al. [1], Theofania Tsironi et al. [2]).

Frost formation during storage of frozen food is also one of major industrial problems. Experimental studies (Poovarodom [3]) have been dedicated to analyze the influence of temperature changes in average, amplitude and frequency of fluctuations. Laguerre and Flick [4] studied experimentally frost formation on packed bed of potato and melon balls inside hermetic boxes, stored in domestic freezers. They proposed a qualitative simplified model to explain the observed phenomena. These models showed that frost was developed whenever the temperature was low inside the box and/or its fluctuation was also low. They observed less frost in more insulated boxes, less frost at higher frequency and lower amplitude of exterior air temperature variation, and less frost for potatoes than for melon balls due to the lower surface water activity.

Desiccation of frozen food during storage has been studied by several authors [5 - 9], that generally admit that both, large amplitude of fluctuations and low frequencies, increase weight loss in product.

Pallet boxes may be heated or cooled due to external air fluctuation along the storage period, causing the product to change from one position to another inside the pallet, followed by variations on the pallet inside air temperature. Close to the external walls, product and air temperature can be submitted to more intense changes than the ones in the core of the pallet, due to thermal inertia. Water from warmer product is sublimated, transported by the air and finally deposited at the cooler frozen surfaces, where frost formation occurs.

Few works in literature report natural convection in food stacks. Laguerre et al. [10] studied the transient heat transfer by free convection in a packed bed of spheres in a refrigerated cavity. They proposed a porous media approach and compared it with direct CFD method and experimental measures. The numerical results obtained with both approaches were in good agreement with the experimental values. CFD approach required more computational time, and the proposed approach did not predict in detail the fluid flow patterns and temperature at pore scale. Evaporative mass transfer inside bulks submitted to natural convection was studied by Beukema et al. [11]. They developed a two dimensional and two phase model (product-air) to predict temperature and moisture distribution during cooling and bulk storage of fresh

agricultural products in a cylindrical container. They validated the proposed model with experimental values for potatoes during long time periods.

Despite the importance of frost formation during storage of frozen food, there is little work on the modeling of the coupled phenomena: airflow, heat transfer and mass transfer for bulk of frozen food porous media under natural convection.

The objective of this chapter is to establish and validate a numerical model able to predict airflow, heat transfer and frost formation in a cylindrical container filled with bulk frozen vegetables (slices of carrots) exposed to temperature fluctuations. Parameters were obtained from literature or by experimental identification, and the model was validated by performing independent experiments.

## 2. Numerical modeling

In this section, a numerical model is proposed to predict airflow, heat and mass transfer and frost formation into a close container with a bulk of frozen product, during the storage in a cold room. Figure 4.1 depicts the cylindrical container filled with slices of carrots, used in the proposed model.

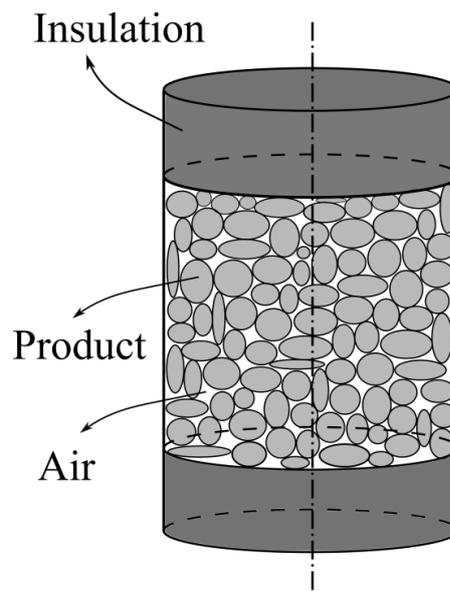


Figure 4.1 - Simulation domain for the numerical simulation of airflow, heat and mass transfer and frost formation filled with slices of carrots.

The container lateral wall was meant to be built with plastic material, and top and bottom surfaces were perfectly insulated. That imposition, although not physically realistic, may represent an intermediate sample of frozen products within a pallet tower, placed inside the cold room.

Product and air inside the container were model as a macroporous media. The container was submitted to air temperature fluctuation only through the lateral wall. This geometry was

chosen in order to simplify the model and to reduce the simulation time, and the calculation domain is shown in Figure 4.2.

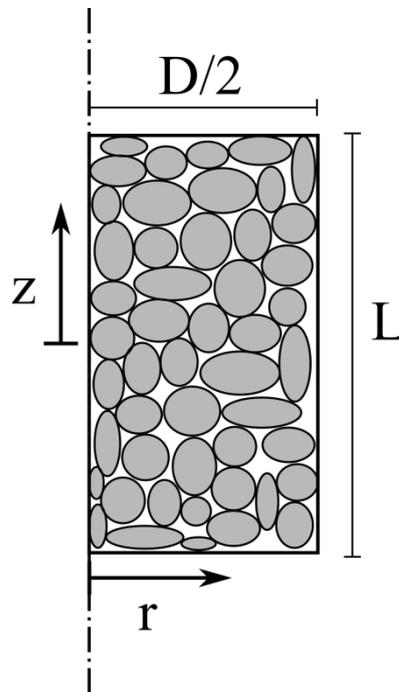


Figure 4.2 - Scheme of calculation domain of the cylindrical container.

The model outputs will be the product and air temperatures, the rate of frost formation, and the cumulative frost during a period of time.

Modeling assumptions are as follows:

- The problem was axisymmetric, suitable to a 2D modeling. Container top and bottom surfaces were assumed to be perfectly insulated.
- The container inside airflow was considered as laminar.
- The Boussinesq approximation was assumed, since the air density variation was very small within the working temperature range. The air density variation under natural convection regime was taken as  $\rho = \rho_{ref}[1 - \beta(T_a - T_{ref})]$  for the buoyancy term.
- Air thermal inertia was neglected in respect to product thermal inertia:  $\frac{\varepsilon\rho_a c_{p_a}}{(1-\varepsilon)\rho_p c_{p_p}} \ll 1$ .
- Internal thermal resistance into carrot slices was neglected, since the predicted Biot number was 0.0042, smaller than the usual limit (0.1). Frozen carrot conductivity  $k_c = 2 \frac{W}{mK}$  @12°C; convective heat transfer coefficient  $h_c = 2.4 \frac{W}{m^2K}$ ; characteristic length (half of the carrot thickness)  $L_c = 3.5 \text{ mm}$ .
- Internal water transfer resistance into carrots was neglected.

- Temperature of the external lateral container wall was known experimentally, as a function of time.
- Radiation heat transfer was neglected inside the container.
- The dispersion term in the energy equation for the porous medium was neglected.

### 2.1. Governing equations

The following equations, momentum, energy and mass transfer were solved according to the previous assumptions.

#### 2.1.1. Momentum

Continuity and momentum equations were used assuming the Boussinesq approximation. The momentum equation integrates also the Darcy term for fluid flow in porous media.

$$\nabla \cdot \vec{v} = 0 \quad (4.1)$$

$$\frac{\rho_a}{\varepsilon} \frac{\partial \vec{v}}{\partial t} + \frac{\rho_a}{\varepsilon^2} (\vec{v} \cdot \nabla) \vec{v} = -\vec{\nabla} P + \mu \nabla^2 \vec{v} - \frac{\mu}{K} \vec{v} - \rho_a \beta (T_a - T_{ref}) \vec{g} \quad (4.2)$$

where  $\varepsilon$  is the porosity,  $\vec{v}$  the Darcy superficial air velocity into the porous medium,  $K$  the porous media permeability and  $\beta$  the thermal coefficient of volumetric expansion.

#### 2.1.2. Energy

Energy equation was written for the air, Eq. (4.3), and for the product, Eq. (4.4), and coupled by the convective heat transfer between them. The specific surface,  $A_{spec}$ , was defined as the total heat transfer surface of carrots over bed volume of porous medium.

$$\rho_a c_{Pa} \varepsilon \frac{\partial T_a}{\partial t} + \nabla \cdot (\vec{v} \rho_a c_{Pa} T_a) = k_a \nabla^2 T_a + h A_{spec} (T_p - T_a) \quad (4.3)$$

$$\rho_p c_{Pp} (1 - \varepsilon) \frac{\partial T_p}{\partial t} = k_{eq} \nabla^2 T_p + h A_{spec} (T_a - T_p) + \left( \frac{\partial C_2}{\partial t} + \frac{\partial C_3}{\partial t} \right) H_{sub} \quad (4.4)$$

where  $k_{eq}$  is the equivalent conductivity of carrots bed and  $h$  the convective heat transfer coefficient inside the container. Last term of Eq. (4.4) takes into account latent heat of ice sublimation, where  $C_2$  and  $C_3$  are ice contents in frost and product per unit volume of porous medium respectively.

#### 2.1.3. Water mass balance

Total water mass balance inside product container is written as follows,

$$\frac{\partial(\varepsilon C_1 + C_2 + C_3)}{\partial t} + \nabla \cdot (-D_{eff} \nabla C_1) + \vec{v} \cdot \nabla C_1 = 0 \quad (4.5)$$

where  $C_1$ , is water content in air and  $D_{eff}$  is the vapor effective or total mass diffusivity in the porous media.

Equation (4.6) describes the frost formation.

$$\frac{\partial C_2}{\partial t} = h_m A_{spec} (C_1 - C_{sat}(T_p)) \quad (4.6)$$

Frost is formed whenever vapor concentration in air is higher than saturated vapor concentration at product temperature ( $C_1 > C_{sat}(T_p)$ ).

Equation (4.7) describes product dehydration, which occurs when vapor concentration in air is smaller than vapor concentration in air in equilibrium with the product ( $C_1 < a_w C_{sat}(T_p)$ ).

$$\frac{\partial C_3}{\partial t} = \frac{1}{\frac{1}{h_m} + R_{skin}} A_{spec} (C_1 - a_w C_{sat}(T_p)) \quad (4.7)$$

In these equations,  $h_m$  was the convective mass transfer coefficient, obtained from the convective heat transfer coefficient using Lewis analogy.  $R_{skin}$  was the mass transfer resistance of the vegetable skin, and  $a_w$  was the water activity of the product. Although there is not skin resistance on peeled carrots, this term was used to take into account the mass transfer resistance due to the thin layer of dehydrated product near the surface [5, 9, 12, 13].

## 2.2. Initial conditions

Mechanical and thermal inertia of air were very small, allowing to assume initial air velocity to be zero and initial air temperature to be equal to that of the product. Product initial temperature profile was obtained by data interpolation from initial temperature measurements at the center of the container and near its wall.

It was assume that air initial vapor concentration was zero ( $C_1 = 0$ ) and there was no frost on product surface ( $C_2 = 0$ ).

## 2.3. Boundary conditions

Modeling assumptions declared in the begging of this chapter allowed to write the following boundary conditions:

$$\vec{v} \left( r, z = -\frac{L}{2} \right) = \vec{v} \left( r, z = \frac{L}{2} \right) = \vec{v} (r = D/2, z) = 0 \quad (4.8)$$

$$\left. \frac{\partial T_a}{\partial z} \right|_{z=\pm L/2} = 0 \quad (4.9)$$

$$\left. \frac{\partial T_p}{\partial z} \right|_{z=\pm L/2} = 0 \quad (4.10)$$

$$k_a \left. \frac{\partial T_a}{\partial r} \right|_{r=D/2} = (T_{wall} - T_a) U \varepsilon \quad (4.11)$$

$$k_{eq} \left. \frac{\partial T_p}{\partial r} \right|_{r=D/2} = (T_{wall} - T_p)U(1 - \varepsilon) \quad (4.12)$$

A symmetry condition along the  $z$  axis was used for all equations, and the partial derivative in respect to  $r$  was zero for all variables. Air velocity along the container inside surfaces was assumed to be null, so no slip condition was used.

The lateral wall heat flux was calculated after the measured external wall temperature along the cycle sampling, together with estimated wall heat transfer coefficient  $U$ . A weighting surface factor was assumed to consider the lateral wall contact with both air and product, by considering the same values of volume fractions ( $\varepsilon, 1 - \varepsilon$ ). Perfect insulation at the top and the bottom of the container was assumed.

As the container was sealed, there was no mass exchange between inside and outside environments, thought the walls.

$$\left. \frac{\partial C_1}{\partial z} \right|_{z=\pm L/2} = \left. \frac{\partial C_1}{\partial r} \right|_{r=D/2} = 0 \quad (4.13)$$

#### 2.4. Parameter identification

Table 4.1 presents the porous media parameters selected to the numerical simulation, taken from literature, calculated, measured or identified. Further details are presented in section 2.4.1 to 2.4.10.

Table 4.1 - Porous media parameters selected for the frost formation modeling of stored frozen carrots exposed to temperature fluctuations.

Parameter	Symbol	Methods	Value
Porosity	$\varepsilon$	Calculated	0.55
Specific surface	$A_{spec}$	Calculated	$235 \text{ m}^{-1}$
Carrot density	$\rho_p$	Chapter 9, ASHRAE Handbook [14]	$997 \text{ kgm}^{-3}$
Specific heat of carrots	$c_{p_p}$	§ 2.5.4	Function of temperature
Permeability	$K$	Measured	$7.21 \times 10^{-8} \text{ m}^{-2}$
Equivalent conductivity*	$k_{eq}$	Measured and identified COMSOL	with $0.13 \text{ Wm}^{-1} \text{ K}^{-1}$

Convective coefficient	$h$	Measured	$2.4 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$
Global heat transfer coefficient	$U$	Calculated	$170 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$
Saturated vapor concentration	$c_{sat}$	Clapeyron equation	Function of temperature
Effective mass diffusivity	$D_{eff}$	Kaviany [20]	$1.97 \times 10^{-5} \text{ m}^2\text{s}^{-1}$

\*Equivalent conductivity was identified by comparing experimental measurements to simulations results.

#### 2.4.1. Bulk product porosity

The porosity  $\varepsilon$  of a porous medium is defined as the ratio of air volume to the total bed volume, and was evaluated by measuring the void volume of the porous media with water. The obtained value was  $\varepsilon = 0.55$ .

#### 2.4.2. Specific surface

The specific surface is the ratio of total heat transfer surface of product to the bed volume. To determine the specific surface, a sample of 100 frozen carrot slices were measured at  $-18^\circ\text{C}$ . The specific surface calculated from these values was  $A_{spec} = 235 \text{ m}^{-1}$  (diameter:  $24.3 \pm 8,1 \text{ mm}$  and thickness:  $7.0 \pm 2.6 \text{ mm}$ ).

#### 2.4.3. Product density

Product density  $\rho$  was calculated using the equation and composition data from Chapter 9, ASHRAE Handbook [14], Thermal properties of foods, neglecting product porosity.

$$\rho = \frac{1}{\sum \frac{X_i}{\rho_i}} \quad (4.14)$$

where  $X_i$  was the mass fraction and  $\rho_i$  the density of each component (water, protein, fat, carbohydrate and ash). The calculated values slightly depend on temperature, and for the reference temperature of  $-15^\circ\text{C}$  the carrot density was  $\rho = 997 \text{ kgm}^{-3}$ .

#### 2.4.4. Product specific heat

An apparent specific heat  $c_p(T)$  was used, Eq. (4.15), based on the enthalpy method [15].

$$c_p(T) = c_{p_{fr}} + X_w H_{fus} \frac{\partial f}{\partial T} \quad (4.15)$$

where  $c_{P_{fr}}$  ( $2000 \text{ J.kg}^{-1}$  [14]) was the specific heat of a completely frozen product,  $X_w$  (0.8738 [14]) was the product water content,  $H_{fus}$  ( $333 \text{ KJ/kg}$ ) was the water latent heat of fusion. The  $f$  function varies from 0 (completely frozen) to 1 (unfrozen) within a temperature range of  $10 \text{ }^\circ\text{C}$  (from  $-11.4 \text{ }^\circ\text{C}$  to  $-1.4 \text{ }^\circ\text{C}$ , the initial freezing point [14]).

#### 2.4.5. Bulk product permeability

Bulk product permeability was identified for a one-dimensional flow, using a method previously reported by Ben Amara [16]. An experimental workbench was built (Figure 4.3) for that task, where slices of carrots were placed on a square section PVC suction duct ( $0.19 \text{ m} \times 0.19 \text{ m} \times 0.40 \text{ m}$ ).

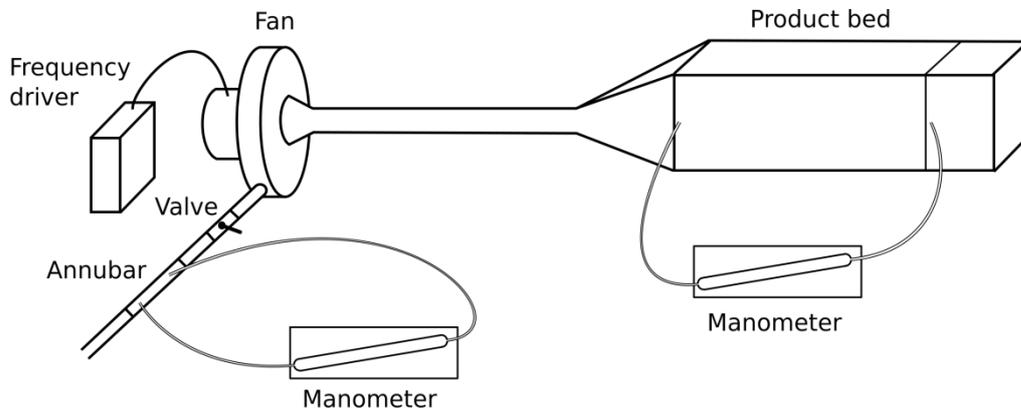


Figure 4.3 -Experimental workbench built to measure bulk product permeability.

Airflow rate and its superficial velocity were measured at the fan discharge with an Annubar flow meter (OxitrolAWR-71), connected to an inclined tube manometer. The pressure drop generated by the bulk product bed (0.4 m in length) was measured with an inclined tube manometer ( $\pm 0.1 \text{ Pa}$ ). Very low velocities were promoted for this experiment, similar in order of magnitude to the ones under natural convection.

Under these conditions, the momentum equation becomes the Darcy's equation, assuming steady state and air at reference temperature ( $T_a = T_{ref}$ ).

$$\frac{\Delta P}{\Delta x} = -\frac{\mu}{K}u \quad (4.17)$$

Air velocity ranged from  $0.04 \text{ m.s}^{-1}$  to  $0.11 \text{ m.s}^{-1}$  and the corresponding pressure drop is displayed in Figure 4.4.

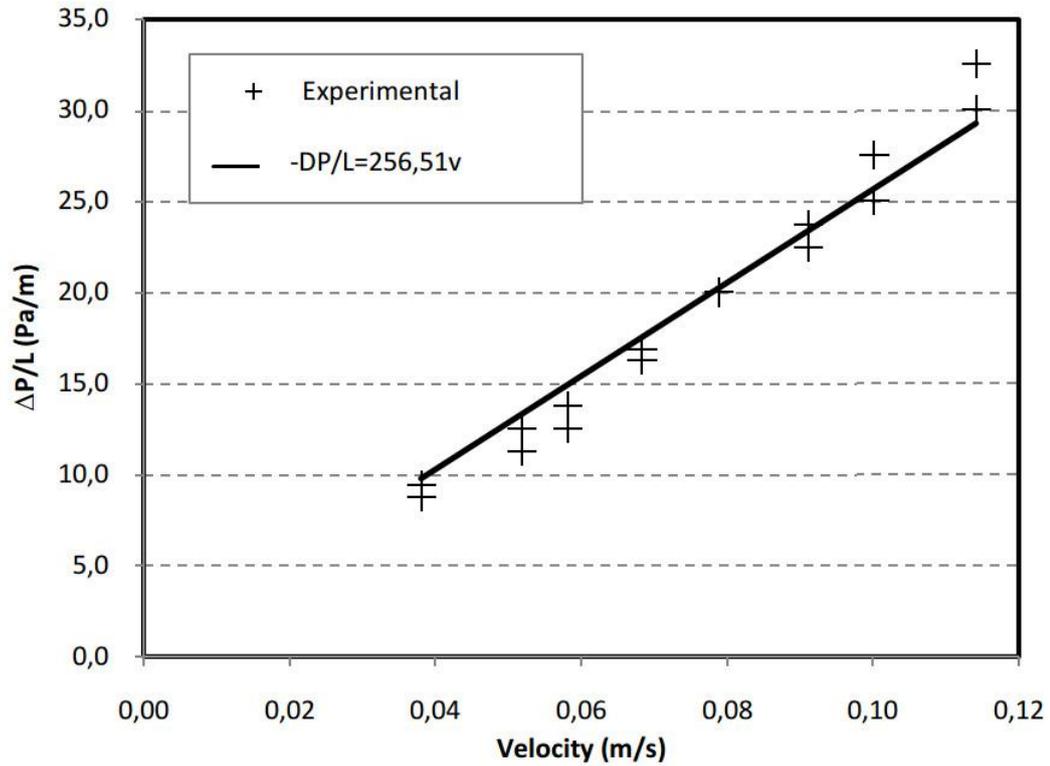


Figure 4.4 - Experimental pressure drops in respect to air velocity in a carrot bed and its linear fitting.

The permeability calculated from these data was  $K = 7.21 \times 10^{-8} m^{-2}$ .

#### 2.4.6. Equivalent conductivity

The equivalent or effective conductivity of the bulk of frozen carrots was identified by solving a one dimensional conduction model, validated experimentally. Frozen carrots were placed in an insulated box (Figure 4.5) its top wall made of a steel plate.

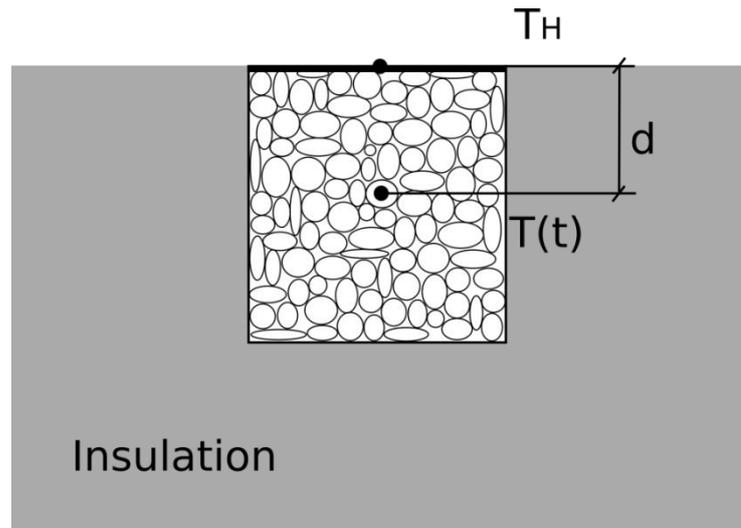


Figure 4.5 - Insulated box built to acquire data to calculate the equivalent or effective conductivity of the bulk of frozen carrots.

A single type T thermocouple was introduced in the inside of a slice of carrot placed at the center of the bulk and at the steel plate, and connected to a data logger (Pico Technology TC-08). The box was kept 24 hours at stable temperature of  $-20^{\circ}\text{C}$  and then heated from the top by a phase change material ( $-10^{\circ}\text{C}$ ), disposed over the steel plate. Sample temperatures were recorded along 2 hours.

Top heating allowed for avoiding natural convection inside the box. A one directional and transient heat conduction model was solved with COMSOL (Eq. 4.18) with adapted boundary conditions: imposed temperature at the top and no heat flux at the bottom of the box.

$$(1 - \varepsilon)\rho_p c_p \frac{\partial T_p}{\partial t} = k_{eq} \frac{\partial^2 T_p}{\partial z^2} \quad (4.18)$$

Equivalent conductivity was then identified by a least square procedure, comparing experimental temperatures and simulated ones, shown in Figure 4.6 for the equivalent conductivity of  $k_{eq} = 0.14 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ .

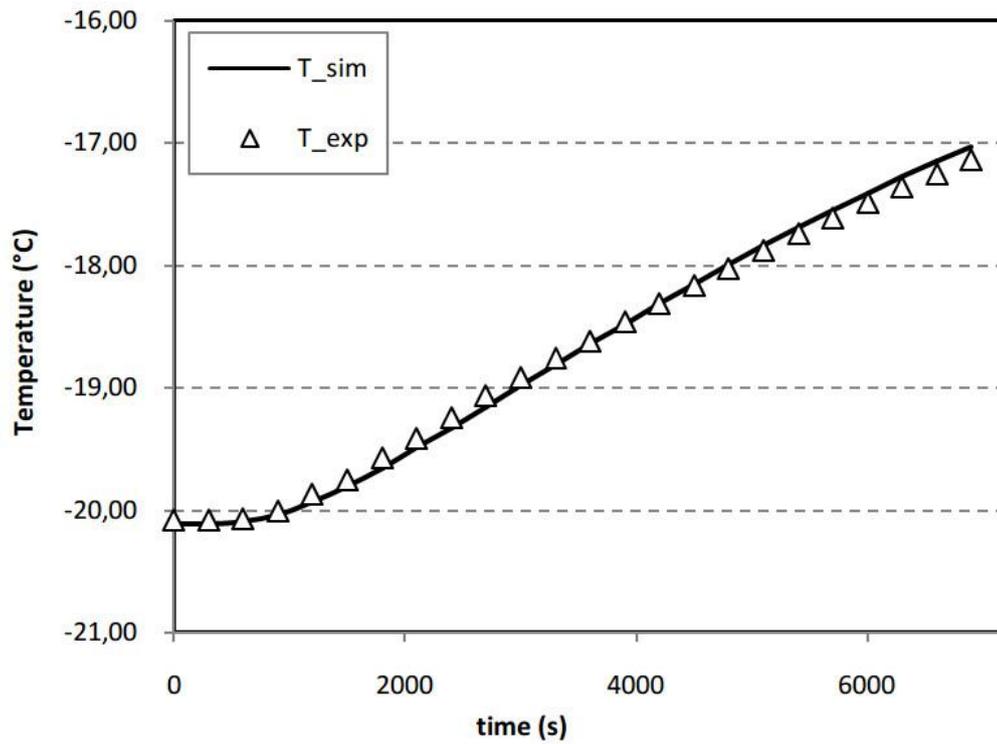


Figure 4.6 - Comparison between experimental and simulated temperatures versus time, to determine equivalent conductivity of the porous media.

Another way to estimate the equivalent conductivity for a porous media is given by the weighted geometric mean model [17], as follows.

$$k_{eq} = k_{solid}^{(1-\varepsilon)} \cdot k_{fluid}^{\varepsilon} \quad (4.19)$$

The equivalent conductivity  $k_{eq}$  calculated by that last equation was  $k_{eq} = 0.18 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ , with air conductivity  $k_{fluid} = 0.026 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ , and frozen carrot conductivity  $k_{solid} = 2.0 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ . The calculated ( $0.18 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ ) and identified equivalent ( $0.14 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ ) conductivities were of the same order of magnitude.

#### 2.4.7. Convective heat transfer coefficient

A non-stationary method was employed in order to obtain an order of magnitude for the convective heat transfer coefficient between frozen slices and air inside the bulk of frozen carrots, similar to the one reported previously by Alvarez [18] and Ben Amara et al. [19], and depicted in Figure 4.7.

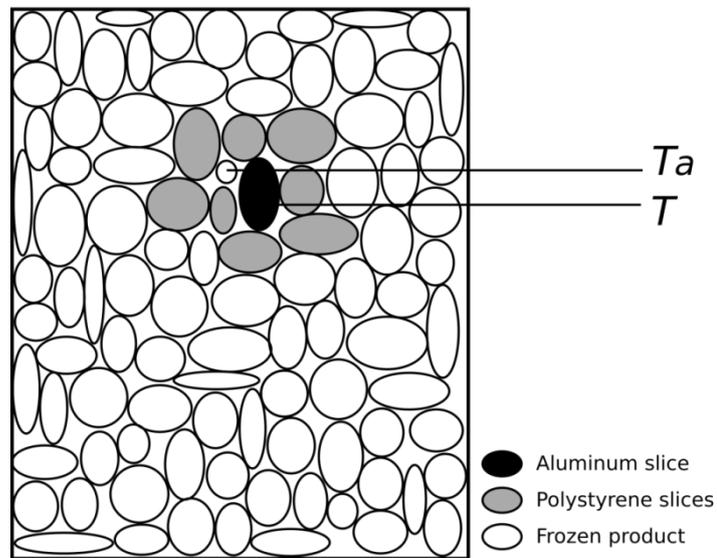


Figure 4.7 - Experimental device used for convection coefficient measure

Measurements were carried out in a cylindrical plastic container ( $17.9\text{ cm}$  diameter and  $15.6\text{ cm}$  height) filled with frozen carrots, and isolated at the top and bottom with  $8\text{ cm}$  of polystyrene layer. An aluminum slice (diameter:  $20.0\text{ mm}$  and thickness:  $6.4\text{ mm}$ ) was placed in the center of the experimental device to act as a temperature probe, equipped with a calibrated type T thermocouple. The probe at high temperature ( $20^\circ\text{C}$ ) was placed at the center of the bulk of frozen carrots at approximately  $-20^\circ\text{C}$ , surrounded by polystyrene slices of similar dimensions, in order to avoid heat conduction. Probe temperature  $T$  and air temperature  $T_a$  were continuously acquired to allow for estimating the convective heat transfer over the probe, as shown in Figure 4.8, for a temperature range of  $2^\circ\text{C} < T - T_a < 5^\circ\text{C}$ .

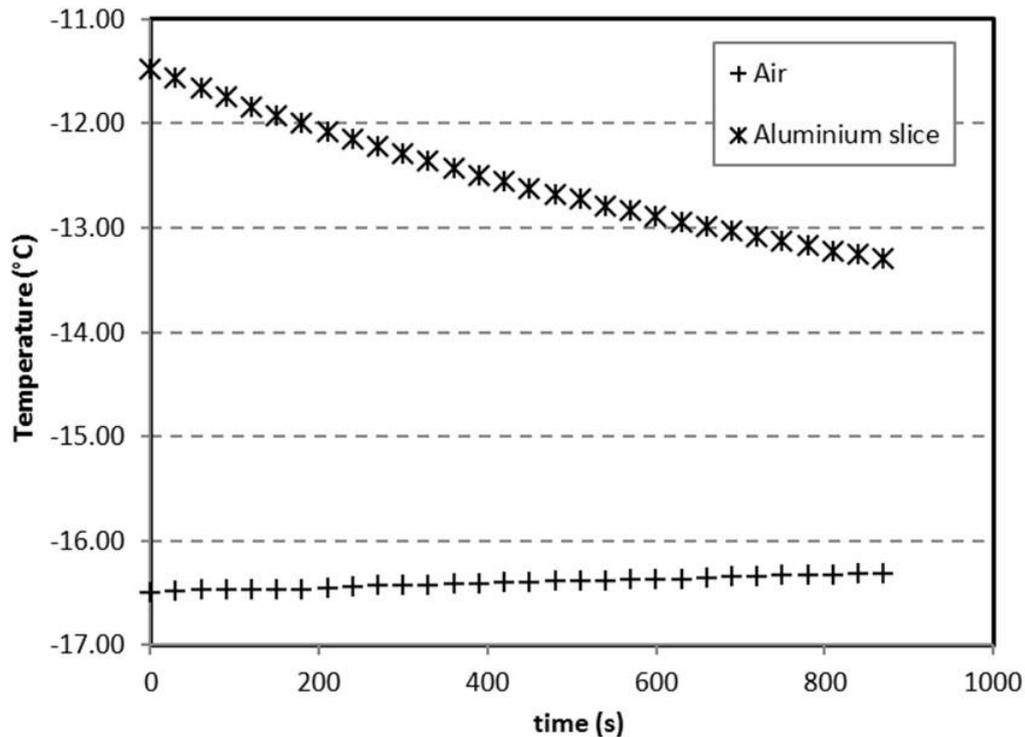


Figure 4.8 - Air and probe temperatures measured in the experimental device depicted in Figure 4.7.

The probe Biot number ( $Bi$ ) was estimated to be less than 0.1 (aluminum conductivity  $273 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$ ; convective heat coefficient  $< 5 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$  and characteristic length as half of slice thickness,  $3.0 \text{ mm}$ ). Once the probe could be modeled by a lumped approach, its uniform internal temperature  $T$  was expressed as follows, for a constant air temperature:

$$T = T_a + (T_o - T_a)e^{-\frac{t}{\tau}} \text{ with } \tau = \frac{mC_p}{hA} \quad (4.20)$$

where  $A$ ,  $m$ ,  $C_p$  and  $T_o$  are the slice heat transfer surface, mass, specific heat and initial temperature respectively.

The convective heat transfer coefficient was estimated from that approach, with a value of  $2.4 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$ .

#### 2.4.8. Heat transfer coefficient across the container wall

This coefficient took into account the conductive thermal resistance of the  $1,0 \text{ mm}$  thick plastic wall, with  $0.17 \text{ Wm}^{-1}\text{K}^{-1}$  thermal conductivity (polypropylene). The wall heat transfer coefficient was  $U = 170 \text{ Wm}^{-2}\text{K}^{-1}$ .

#### 2.4.9. Saturated vapor concentration

Saturated vapor concentration was calculated from equation (4.23), assuming the air as an ideal gas

$$C_{sat}(T) = \frac{P_{sat}(T)M}{RT} \quad (4.23)$$

Saturated vapor pressure was calculated from Clapeyron equation.

$$P_{sat}(T) = P_{ref} e^{\left[ \frac{MH_{sub}}{R} \left( \frac{1}{T_{ref}} - \frac{1}{T} \right) \right]} \quad (4.24)$$

The reference values used for pressure and temperature were  $P_{ref} = 166.0 \text{ Pa}$  and  $T_{ref} = 258.15 \text{ K}$  ( $-15^\circ\text{C}$ ) respectively and  $M$  was the water molar mass.

#### 2.4.10. Effective mass diffusivity

The effective mass diffusivity of the porous media  $D_{eff}$  considers the molecular diffusivity ( $D_m$ ) and the dispersion term ( $D_d$ ). The second one appears to take into account effects of mass transfer due to hydrodynamic mixing of the interstitial fluid at the pore scale. If Peclet number  $Pe$  defined as in Eq. (4.25) is lower than one, molecular diffusion dominates, and otherwise mass dispersion cannot be neglected [20].

$$Pe = ReSc = \frac{vD/2}{D_m} \quad (4.25)$$

### 2.5. Numerical resolution

The set of differential equations was solved with the aid of COMSOL® CFD software running on a Ubuntu 16.04 LTS computer in a PC Intel® Core™ i7-6700K CPU @ 4.00GHz with 15.6 GB RAM. All calculated outputs, including temperatures and water contents, were performed every 120 seconds, in accordance to the experiment time step.

The discretization of the computational domain was done with COMSOL automatic meshing. Physics-controlled mesh was employed, which consist on triangular and quadrilateral elements, with refined near walls. “Fine” and “Finer” meshes were tested for the mesh independence study. Table 4.2 shows the number of domain and boundary elements for each mesh.

Table 4.2 - Elements number for different meshes.

Mesh	/ Fine	Finer
Number of elements	(F)	(Fr)
Domain elements	3501	8179

Boundary elements	179	351
-------------------	-----	-----

Table 4.3 presents the maximum difference between the values of temperature ( $Y = T$ ) and frost formed ( $Y = FF$ ) obtained from the simulation of one day (24 hours) of an impose temperature cycle (cycle 1 presented in section 3.4), with both meshes.

Table 4.3 - Results comparison between meshes fine and finer.

Maximum difference	$ Y_F - Y_{Fr} $	$\frac{ Y_F - Y_{Fr} }{ Y_F } \times 100$
Temperature	0.092 °C	0.05%
Frost formed	0.00059 g	0.21%

As it can be seen, the temperature variations were very small in respect to the order of magnitude of the measured values. The maximum difference in frost formation represented 0.2% of the total frost formed during one day. After that, it was assumed that results were independent of the mesh refinement so a “Fine” mesh was used. The characteristics of this mesh were: 3233 triangular elements, 268 quadrilateral elements, minimum element quality 0.121 and average element quality 0.8824.

### 3. Materials and methods

In order to evaluate the influence of temperature variation on frost formation, containers filled with frozen carrots were placed sequentially in different freezers.

#### 3.1. Product

This study was carried out using fresh commercial grade carrots. Frozen slices were prepared out of fresh carrots, peeled, cut, and frozen in a freezer at temperature of  $-30^{\circ}\text{C}$ . The averaged slices dimensions were mentioned in section 2.4.2.

#### 3.2. Containers

Carrots were storage in cylindrical plastic (polypropylene 5) containers of 3.9 l (diameter  $D = 0.179\text{ m}$ ; height  $H = 0.156\text{ m}$ ; wall thickness  $e = 1.0\text{ mm}$ ). These containers were insulated at the top and bottom with 0.08 m thick expanded polystyrene ( $k = 0.034\text{ W/mK}$ ). Carrots were disposed in the container into four separated regions (A, B, C, D) made with semi rigid plastic grids of the same volume (Figure 4.9). These sets up allowed do generate a central zone separated from a peripheral one; and in two levels, to perform the analysis of water migration into the container.

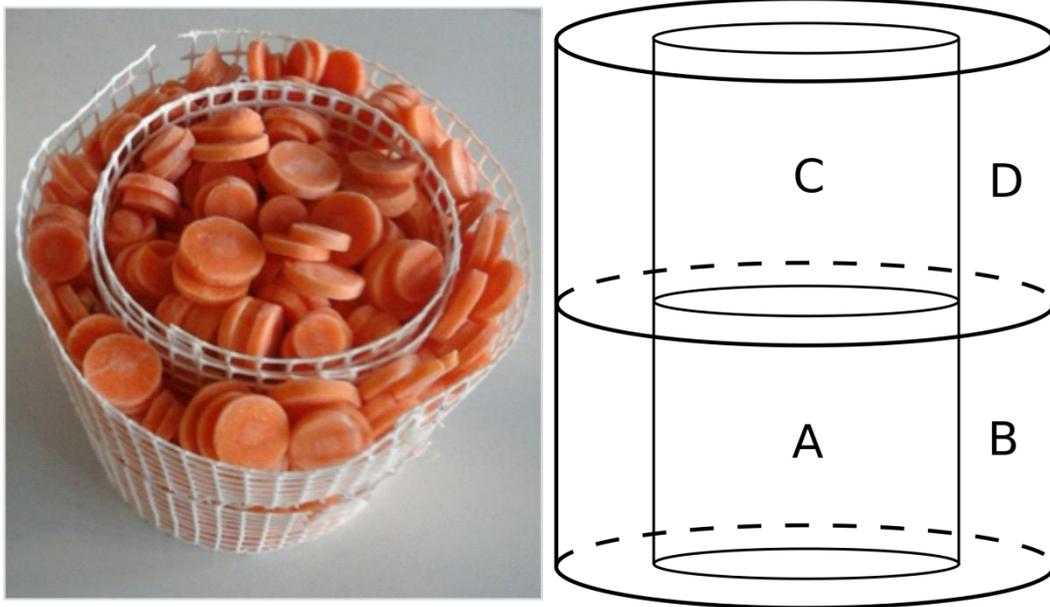


Figure 4.9 - Plastic grids used into the container to measure frost in each region.

Some carrots slices in the container were equipped with thermocouples, allowing to measure the temperature at the center of regions A and C, and near to the surface in regions B and D. Wall and exterior air temperatures were also measure.

### 3.3. Freezers

Three commercial freezers were used, set to the temperatures of  $-18.0 \pm 1.0^{\circ}\text{C}$ ,  $-12.8 \pm 1.2^{\circ}\text{C}$  and  $-5.5 \pm 0.9^{\circ}\text{C}$ .

### 3.4. Temperature cycles

Experiments were carried out with two different air temperature cycles (Table 4.4), which were performed daily for a two month long period, except for the weekends.

Table 4.4 - Temperature cycles 1 and 2

Cycle	Set point ( $^{\circ}\text{C}$ )	1 time (h)	1 Set point ( $^{\circ}\text{C}$ )	2 time (h)
1	-18.0	23	-5.5	1
2	-18.0	18	-12.8	6

Cycle 1 kept the container in the freezer at  $-18^{\circ}\text{C}$  and one hour a day it climbed  $-5.5^{\circ}\text{C}$ ;

Cycle 2 kept the container in the freezer at the same  $-18^{\circ}\text{C}$  and six hour a day at  $-12.8^{\circ}\text{C}$ .

Product, wall and exterior air temperatures were measured for each temperature cycle, using thermocouples type T (copper/constantan) connected to a data logger (Pico Technology TC-08) and a computer.

### 3.5. Frost formation

Frost formation was measured weekly by weight loss for the four regions (A, B, C, D) during the two month of temperature cycling. To evaluate weight loss, containers were opened in a low temperature room ( $-18^{\circ}\text{C}$ ), and each region was removed separately and was shaken during 30 seconds to remove the frost formed on carrots surface. Frost was deposited over an absorbent paper and then it is weighted using a balance of high precision ( $0.001\text{ g}$ ).

The drawbacks of this method are that it may have errors due to several issues, like environmental influences, handling operation or hysteresis effects due to frost removal on each measure. On the other hand, this method is extremely simple, cheap and easily implemented.

## 4. Results

The cycles 1 and 2 used for the experimental measurements were simulated using the proposed model and imposing the container wall temperature measure experimentally during the cycles, as a boundary condition. Results from experiments and simulations were analyzed and compared to validate the model. A study of the effect of the identified parameters in the model was done. Finally an estimation of frost formed in real conditions is present.

### 4.1. Temperature

Product temperatures were measured into the container in the center of each region as described in section 3. Figure 4.10 and Figure 4.11 shows simulated and measured temperature evolution over time, for cycles 1 and 2, respectively.

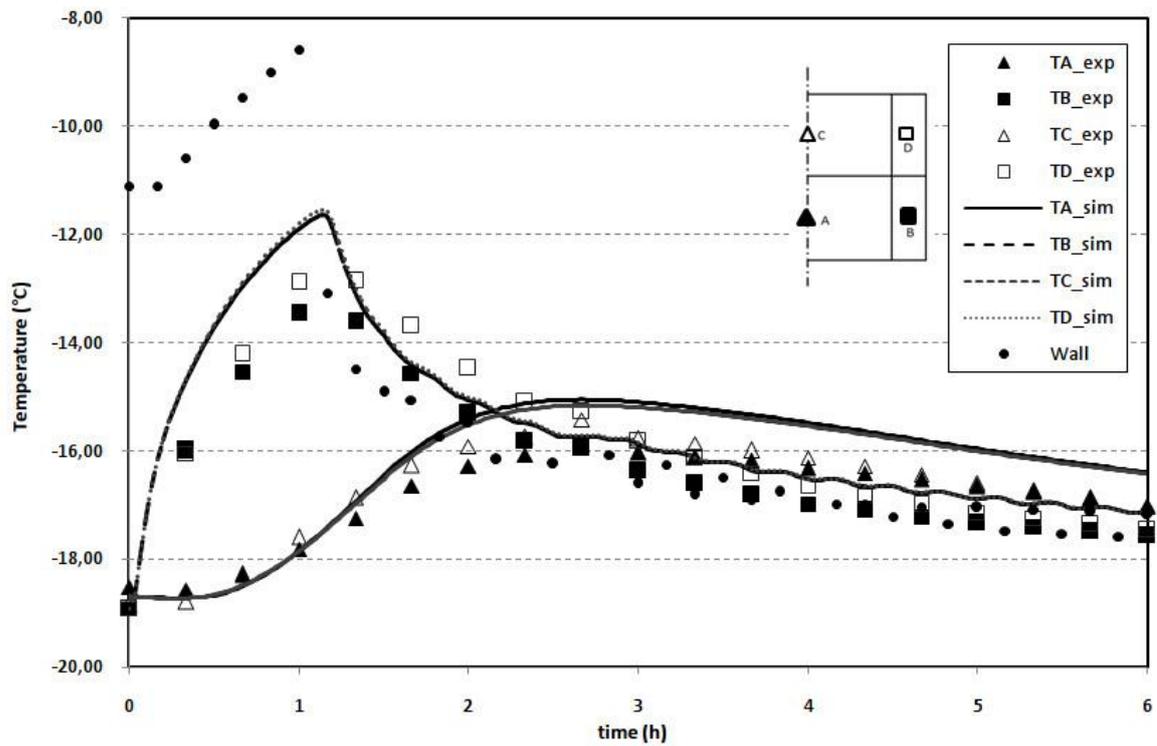


Figure 4.10 - Comparison between experimental and simulated temperatures for cycle 1.

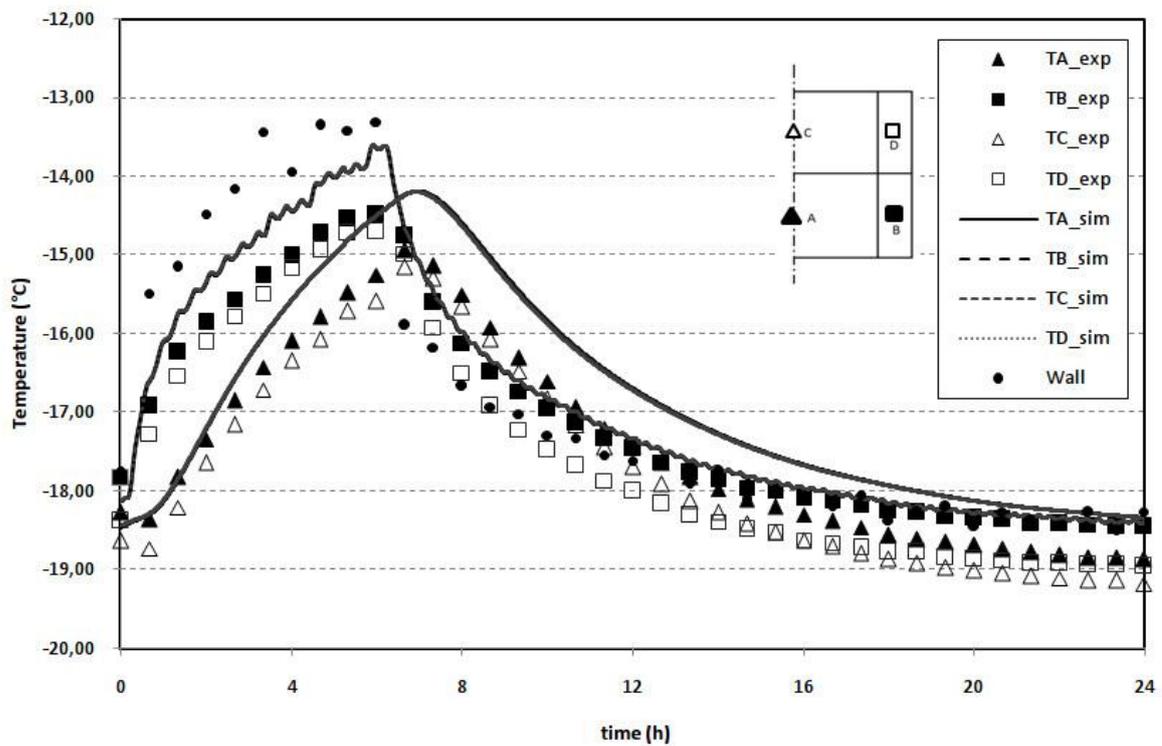


Figure 4.11 - Comparison between experimental measured and simulated temperatures for cycle 2.

From the last figures can be observed a good agreement between experimental values and simulated ones, as they show the same behavior. Nevertheless, simulated temperatures only vary along the radial direction ( $T_B \cong T_D$  and  $T_A \cong T_C$ ). Experimental temperatures show slight differences between top and bottom of the container. Temperature differences  $T_A - T_C$  and  $T_B - T_D$  varied with time and it was smaller than  $1^\circ\text{C}$ . This can be explained by differences in experimental insulation between top and bottom. Indeed the shape of the container lid could generate a thermal resistance at the upper surface. Despite similar thermal behavior from simulations and experimental measures, the simulated temperature curves were always slightly higher than the experimental ones. Table 4.5 presents the maximum deviation between simulated and measured temperatures for each cycle. The biggest differences were  $1.6^\circ\text{C}$  for cycle 1 and  $1.1^\circ\text{C}$  for cycle 2, which represents an error less than 12% and 8% respectively, respect to experimental temperatures in  $^\circ\text{C}$ .

Table 4.5 - Maximum difference between experimental and numerical values of temperatures.

Cycle	$ T_{exp} - T_{sim} _{max}$ ( $^\circ\text{C}$ )			
	TA	TB	TC	TD
1	0.98	1.61	0.87	1.39
2	0.94	0.88	1.11	1.13

In cycle 1 (Figure 4.10), product near the wall quickly changed its temperature, following the behavior of the wall temperature. During the first hour, the product was heated from the wall and its temperature was smaller than the one at the wall. Product temperature increases fast because of the temperature difference between product and wall. After one hour, when the container returns to the freezer at  $-18^\circ\text{C}$ , wall temperature decreases and product was hotter than the wall and there was a heat flux in the opposite direction. Product temperature decreases slowly because temperature difference between product and wall was smaller than during the first hour. Product in the center (A, D) changes its temperature more slowly and there was a delay due to the thermal inertia. Temperature increased during the first two hours and a half and its temperature increase rate increased with time since temperature difference between product in the center and in the periphery become bigger. At six hours experimental values show that practically all the system was in equilibrium.

In cycle 2 (Figure 4.11) the behavior of product temperatures was similar near the wall and in the center. As time heating the cylinder was bigger and temperature difference between product and wall was smaller than in cycle 1, the effect of thermal inertia was smaller.

#### 4.2. Frost formation

Different phenomena are involved during frost formation. Completely frozen products consist of ice and liquid water (bounded water) with high concentration of solved solid. Air and product temperatures may change when submitted to external air cycles. If vapor concentration of the surrounding air is lower than saturated vapor concentration at product surface, ice may sublimate and water vapor is transferred to the air. In that case, the latent heat needed to sublimate water was provided by the product itself. After that, water vapor was transferred to the air by diffusion and free convection. Humid air may undergo condensation by reaching cold surfaces (temperature lower than the air dew point), causing frost formation to start around the product surfaces. At the beginning of the process, when the product surface is frost free, nucleation phenomena occur, giving place to the subsequent crystal growth. That ice crystal deposition increases cycle by cycle.

Phenomena involved can be classified in periodic, like the ones induced by temperature cycles, or non-periodic, as nucleation that occurs at the beginning of the frost formation process. As soon as the nucleuses are formed, water vapor condensates and increases the ice crystal size. Product dehydration is another important non-periodic phenomenon caused by accumulative product water sublimation along cycle repetition. Water vapor from the sublimation front diffuses through this layer, up to the surface. Mass transfer resistance increases with time, reducing the frost formation rate.

##### 4.2.1. Experimental results

Figure 4.12 shows experimental results of the cumulative frost formation into the container during two months, for cycle 1 and 2.

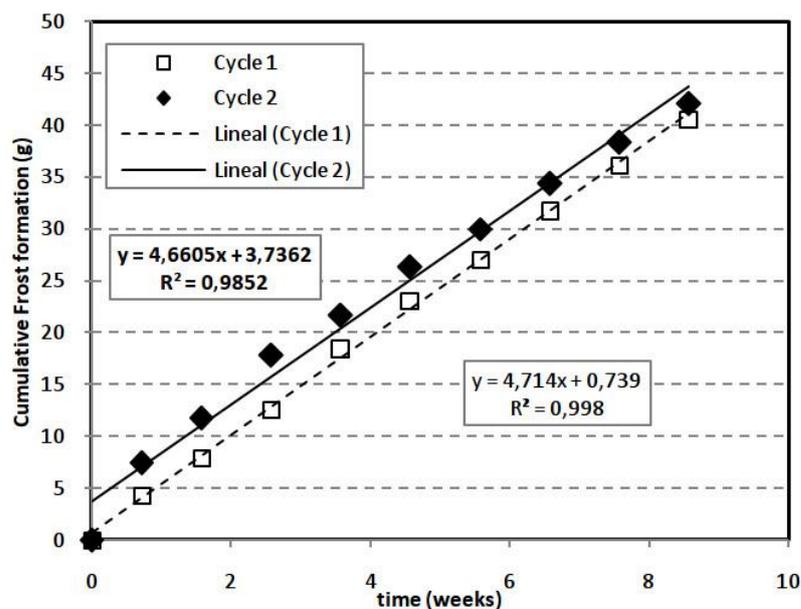


Figure 4.12 - Experimental values of cumulative frost formation for cycles 1 and 2, experiment 1.

The rate of frost formation along the experiment elapsed time was constant, meaning that the periodic phenomena have more impact in frost formation than non-periodic ones. The experimental values could be approximated by a linear correlation, and its slope gave the rate of frost formation. Values for frost formation rates were of the same order of magnitude for both cycles, as their driving forces were of the same order of magnitude, given by  $[P_{sat}(-5^{\circ}C) - P_{sat}(-18^{\circ}C)].1h = 277.1 \text{ Pah}$  for cycle 1 and  $[P_{sat}(-15^{\circ}C) - P_{sat}(-18^{\circ}C)].6h = 242.8 \text{ Pah}$  for cycle 2.

Frost measurements were repeated using four cylinders for cycle 1 and two for cycle 2. Table 4.6

Table 4.6 displays the correspondent rate of frost formation, together with their determination coefficient ( $R^2$ ).

Table 4.6 - Frost formation rate for experiment repetitions

Experiment	Cylinder	FF (g)/week	R <sup>2</sup>
Cycle 1	1	4,7142	0,9986
	2	4,1628	0,9606
	3	4,3815	0,9454
	4	5,4171	0,9935
Cycle 2	1	4,6605	0,9852
	2	3,5567	0,9975

The variability of the measurements was less than 24%, so it was concluded that despite of the little precision of the experimental measurement, the results could be used to have an order of magnitude of the frost formation rate.

#### 4.2.2. Simulation results

Cylinder behavior was simulated and results are displayed in the next two figures, based on a radial plane, with the symmetry axis on the left hand side and the exterior wall on the right hand side.

Figure 4.13 and Figure 4.14 bring product temperature distribution (a) and frost formed (b), with superposed air velocity field, after 1 hour and 2 hours time simulation, respectively, for cycle 1. Cycle started at  $t = 0$  when the container was placed in the freezer at high temperature,  $-5^{\circ}C$ .

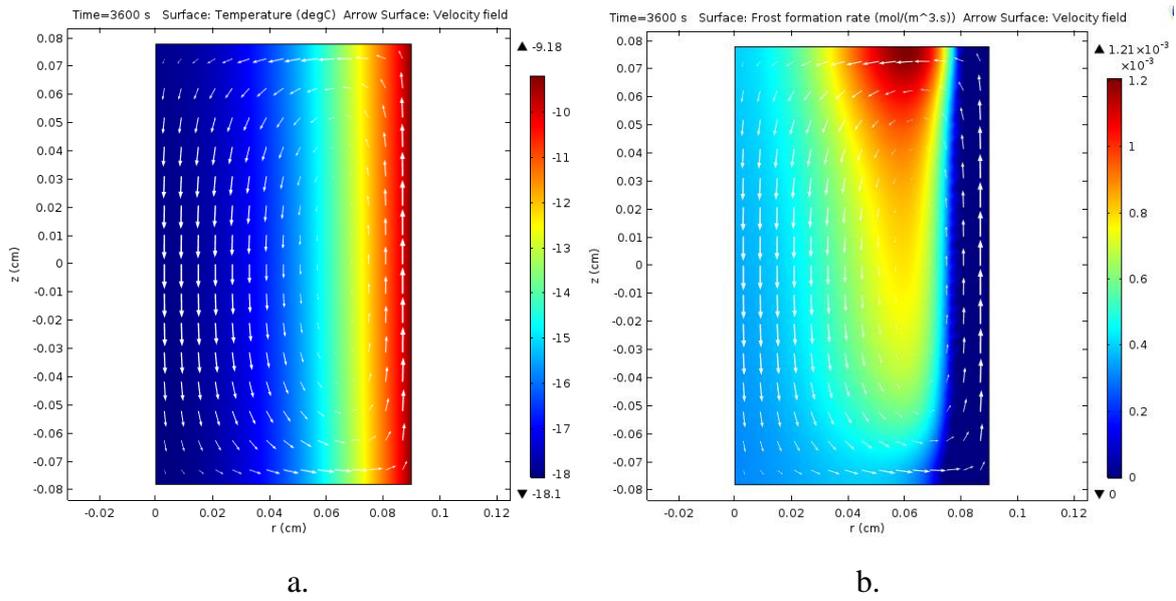


Figure 4.13 - Simulation results for cycle 1, 1 hour time simulation: a. Product temperature ( $^{\circ}\text{C}$ ) and velocity field, b. Rate of frost formation ( $\text{mol} \cdot \text{m}^{-3} \cdot \text{s}^{-1}$ ) and velocity field.

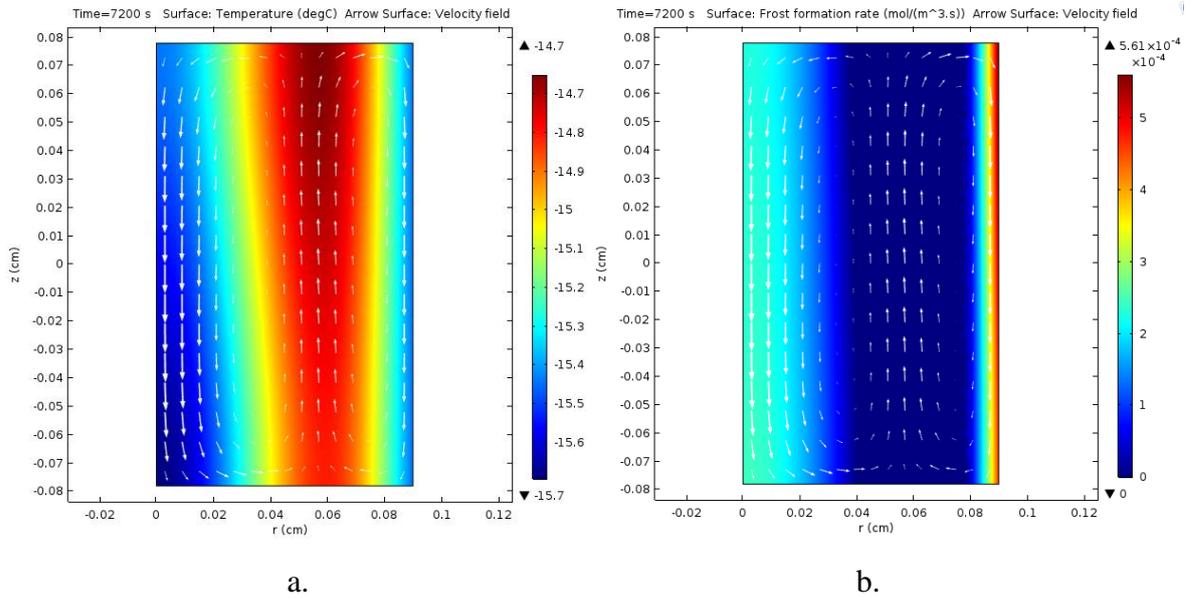


Figure 4.14 -Simulation results for cycle 1, 2 hours time simulation: a. Product temperature ( $^{\circ}\text{C}$ ) and velocity field, b. Rate of frost formation ( $\text{mol} \cdot \text{m}^{-3} \cdot \text{s}^{-1}$ ) and velocity field.

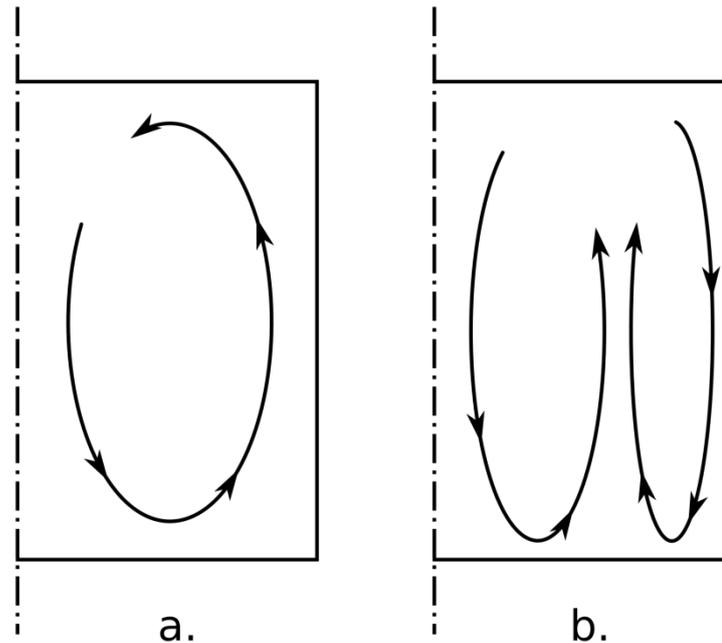


Figure 4.15 - Schematic air circulation into the container: a. Time 1 hour, b. Time 2 hours.

During the first hour the container was heated from the exterior. As can be seen from product temperature distribution (Figure 4.13.a), heat transfer into the container was dominated by conduction, and convection was neglected (temperature depends mainly on radial position). Interior air near the wall increases its temperature and a natural airflow was generated. This air moves up near the wall and down in the center of the container, where its temperature decrease because of the contact with cold product (Figure 4.15.a). Air velocity was of the order of  $1 \text{ mm} \cdot \text{s}^{-1}$  (maximal value:  $1.2 \text{ mm} \cdot \text{s}^{-1}$ ). As air and product temperatures increase, air relative humidity decreases and mass transfer potential (sublimation) increases. Air moved up parallel to the wall transporting the vapor. When the air reached a cold region, in which product temperature was lower than the air dew point, vapor in the air condensate over product surface. In Figure 4.13.b it can be seen that the biggest rate of frost formation was in the top, separated from the wall, but not in the center of the container, because most vapor condensate before arriving to the center of the container. The maximum frost formation rate for this instant was  $2.2 \times 10^{-5} \text{ kgm}^{-3} \text{ s}^{-1}$ .

After 2 hours the cylinder had been into the freezer at  $-18 \text{ }^\circ\text{C}$  for one hour and the container was cooled from the wall. The temperature near the wall was decreasing, but due to porous media thermal inertia, there was a hotter region between the wall and the center of the container (Figure 4.14.a). For this reason appears two air circulations which moves down near the wall and in the center of the container, and moves up in the hotter region (Figure 4.15.b). The order of magnitude of the air velocity was ten times smaller than after 1 hour (maximal value:  $0.2 \text{ mm} \cdot \text{s}^{-1}$ ). In this regime, water from the product in the hotter region sublimates, and then condensate mainly near the wall which was the coldest region in the container (Figure 4.14.b). For this time, the maximum frost formation rate was  $1.0 \times 10^{-5} \text{ kgm}^{-3} \text{ s}^{-1}$ , lower but of the same order of magnitude than after 1 hour. Figure 4.16.a

shows the frost concentration ( $\text{mol} \cdot \text{m}^{-3}$ ) into the container after one day (86400 seconds) of cycle 1. As can be see the biggest concentration was in the wall surface. In Figure 4.16.b the region next to the wall was suppress to have better resolution in the center of the domain, and it can be observed that in the top but separate from the wall there is another high concentration region as was explained before.

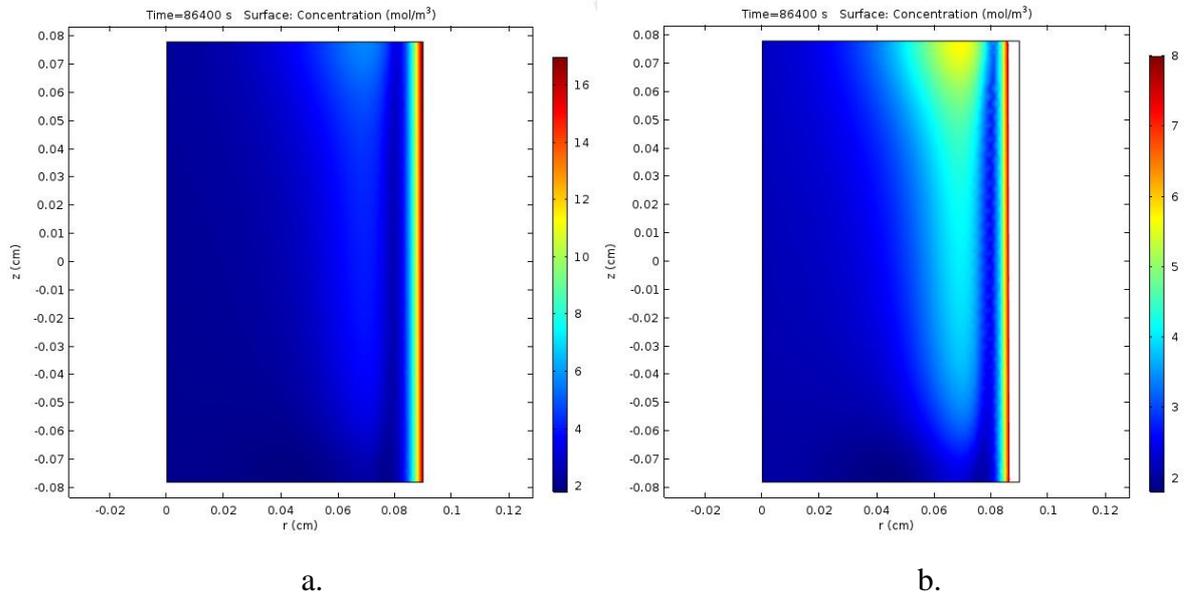


Figure 4.16 - Frost concentration ( $\text{mol} \cdot \text{m}^{-3}$ ) after one day (86400 s) of cycle 1.

Figure 4.17 shows the cumulative frost formation during one day of cycle 1. The rate of frost formation can be separated in two stages with completely different values. During the first hour and a half, there was a high rate ( $0.115 \text{ g/h}$ ) because of the big change in exterior temperature. Then frost continued increasing but with a decreasing rate. After about 10 hours, when achieved a regime and the rate became constant ( $0.0025 \text{ g/h}$ ). Frost continued increasing successively due to the low fluctuation into the freezer at  $-18^\circ\text{C}$ . The rate of frost formation depends on temperature fluctuation and even though temperature fluctuations are small ( $\pm 1^\circ\text{C}$ ) this could be an important problem in the storage of frozen product during long periods of time. From these values, and assuming that during the weekend the small constant rate applies, total frost formed in one week was  $1.56 \text{ g/week}$ . This was smaller than the experimental value,  $4.67 \text{ g/week}$  (mean value of 4 repetitions), but of the same order of magnitude. The same occurs for cycle 2, total frost formed from simulation was  $1.33 \text{ g/week}$ , which was smaller than the experimental value,  $4.11 \text{ g/week}$  (mean value of 2 repetitions).

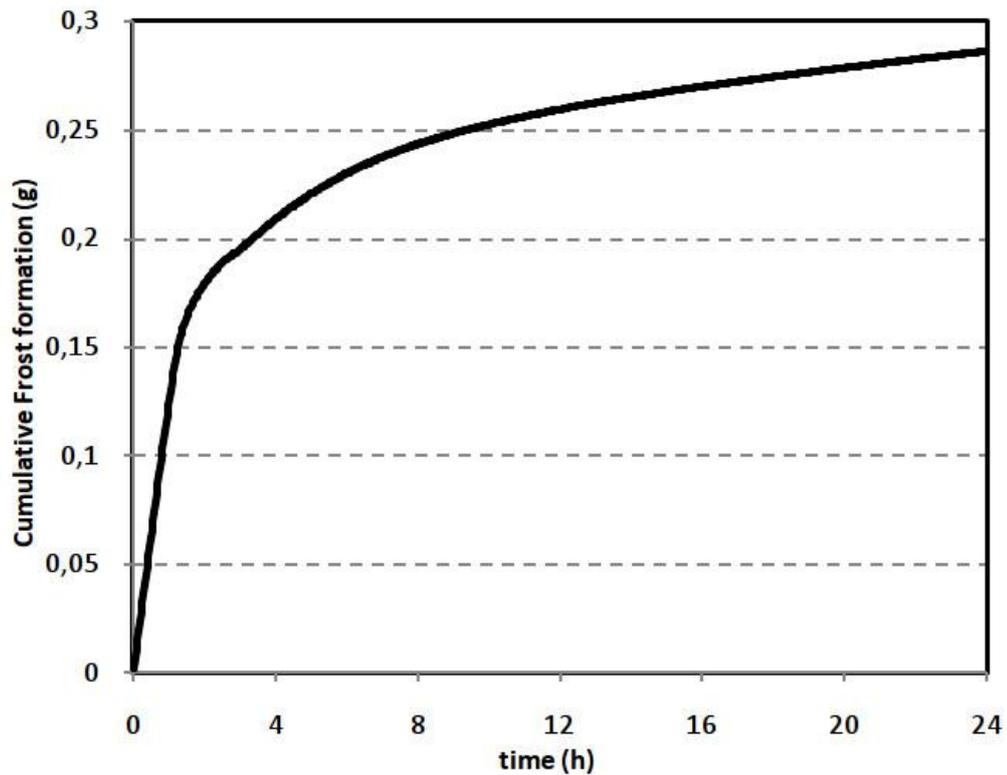


Figure 4.17 - Simulated cumulative frost formation during one day, for cycle 1.

Figure 4.18 presents the averages percentages of frost measured experimentally in each region for cycle 1. The results were 20% in region A, 23% in region B, 27% in region C and 30% in region D. Regions in the top had 7% more frost than the ones in the bottom and regions in the periphery, near the wall, had 3% more frost than regions in the center. So most frost was formed in region D and the lowest was in region A. This result agrees with simulation results (Figure 4.16). The regions near the wall had more frost, but the volume is smaller, so total frost near the wall (regions B and D) was smaller than in region in the top and centered (region A). Another detail to take into account is that when the product nets were removed to measure frost, the frost layer next the container wall was detached and it was not quantified.

The model predicted properly the more susceptible zones to frost formation into the container.

C 27%	D 30%
A 20%	B 23%

Figure 4.18 -Percentage of frost measure experimentally in each region.

#### 4.3. Parametric assessment

Model parametric assessment was performed by changing one by one some parameters value and comparing temperature evolution and frost formation for cycle 1. Selected parameters were: permeability  $K$ , equivalent conductivity  $k_{eq}$ , convective heat transfer coefficient  $h$  between product and air into the container and effective mass diffusivity  $D_{eff}$ , within a range from half to twice its reference value (Table 4.1). Results for product temperature at region are presented in Figure 4.19.

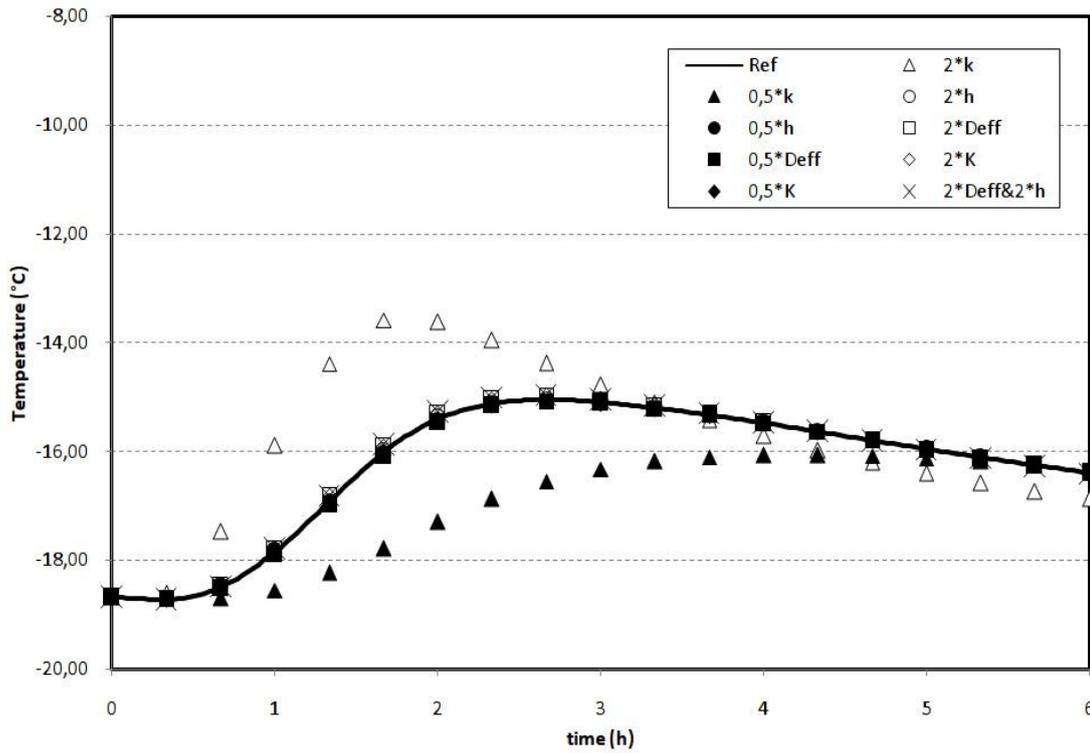


Figure 4.19 - Effect on product temperature at region A due to model parameter variation, for Cycle 1.

As it can be seen in Figure 4.19, conductivity was the most sensitive parameter affecting significantly the predicted temperature evolution. This behavior was expected since conduction heat transfer was the most important phenomenon (temperature fields from Figure 4.13 and Figure 4.14). Temperature rates were proportional to the equivalent conductivity. Convective heat transfer coefficient, permeability and mass diffusivity did not have any significant effect in temperature evolution. Next table summarizes these variations.

Table 4.7 - Relative temperature deviation due to parameter variation effect in the model, at region A for Cycle 1.

Parameters	$2k$	$k/2$	$2h$	$h/2$	$2D_{eff}$	$D_{eff}/2$	$2K$	$K/2$	$\frac{2D_{eff} \& 2h}{2h}$
$ T_A - T_{Aref} _{max}$ (°C)	2.53	1.89	0.02	0.04	0.11	0.07	0.11	0.05	0.15

Results for total frost formation  $FF$  in the container are presented in Figure 4.20.

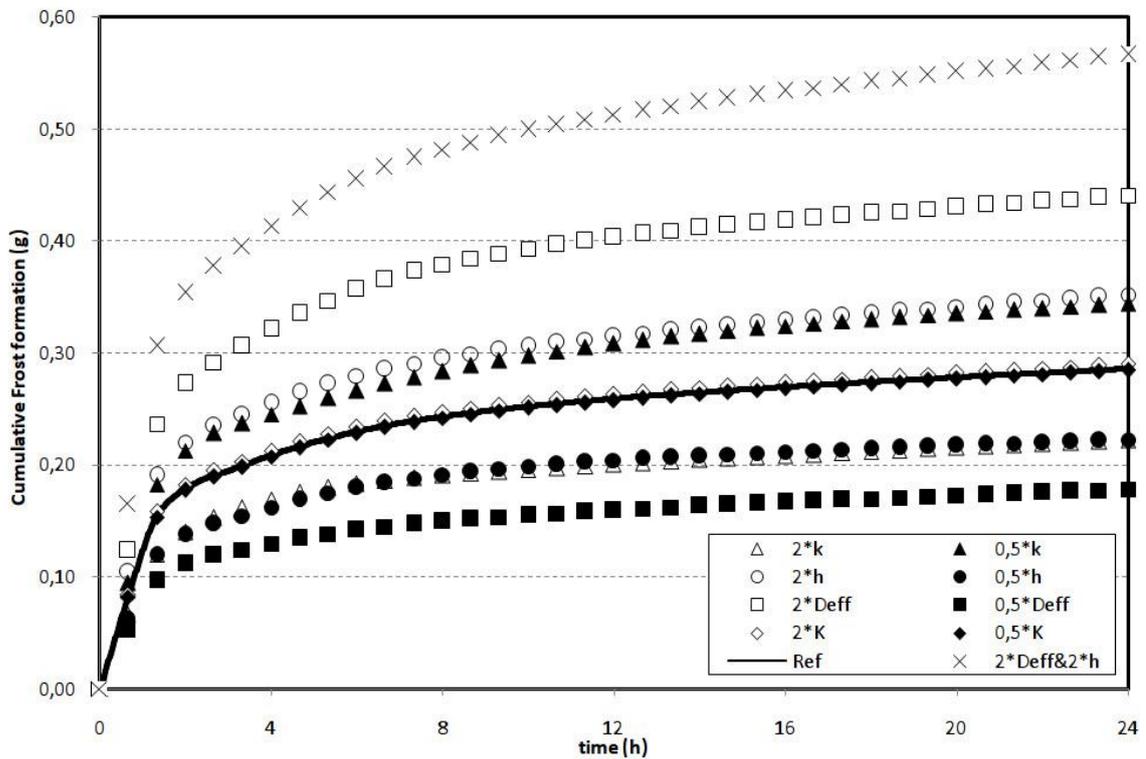


Figure 4.20 - Effect on total frost formation due to model parameter variation, for Cycle 1.

In contrast to temperature, frost formation evolution depends significantly on all the parameters, but permeability. Frost formation increased with increasing convective coefficient or effective mass diffusivity while it decreased with equivalent conductivity of the porous media. The effect of each parameter was evaluated with the maximum variation defined as in equation (4.26) and presented in Table 4.8.

$$\Delta_{FF} = 100 \cdot \left| \frac{FF - FF_{ref}}{FF_{ref}} \right| \quad (4.26)$$

Table 4.8 - Relative frost formation deviation due to parameter variation effect in the model, for Cycle 1

Parameters	$2k$	$k/2$	$2h$	$h/2$	$2D_{eff}$	$D_{eff}/2$	$2K$	$K/2$	$2D_{eff}\&2h$
$\Delta_{FF_{max}}(\%)$	22.80	20.52	26.46	25.00	55.96	38.42	2.26	0.59	99.39

The effective mass diffusivity was the most important parameter, reaching a frost formation 56% higher than the reference value during one day, followed by the convective coefficient with 26%. Finally, the condition varying both parameters simultaneously to twice of the reference value led to an increase in the frost formation of approximately twice the reference value.

Table 4.9 brings the comparison of total frost formed during one day of cycle 1, one day of weekend, and total frost during one week, for each of the selected parameters.

Table 4.9 - Comparison in frost formation for different scenarios

Scenario		Frost (g) / day		Frost (g) /week
		cycle day	weekend	
1	Ref	0.286	0.063	1.557
2	$k/2$	0.344	0.090	1.902
3	$2k$	0.222	0.047	1.206
4	$h/2$	0.223	0.046	1.206
5	$2h$	0.352	0.085	1.930
6	$D_{eff}/2$	0.178	0.042	0,976
7	$2D_{eff}$	0.441	0.091	2.387
8	$K/2$	0.285	0.063	1.551
9	$2K$	0.290	0.063	1.577
10	$2D_{eff}&2h$	0.567	0.126	3.086

Simulation results for all scenarios were smaller than the experimental value of  $4.67g/week$ , but of the same order of magnitude. As it was discussed before, this model assumes constant effective mass diffusivity and in the reference case the dispersion term was ignored. On the other side, the convective heat transfer coefficient, from which the convective mass transfer coefficient was also deduced, was measured experimentally in one point into the container to have an order of magnitude, and was assume to be uniform and constant for the model. In this context, it was reasonable to consider that these values could be twice the reference value. Scenario 10 brought that condition and the obtained value was similar to the experimental one.

## 5. Conclusion

A simpler model of heat and mass transfer for a porous media and in conditions of free convection was developed. The model predicted product temperatures for different temperature cycles with deviations smaller than 12% for cycle 1 and 8% for cycle 2 in respect to experimental measurements. The model was a good tool to identify more susceptible regions for frost formation into the container. The rate of frost formation from the model

(1.56 *g/week*) was lower than in the experiment (4.67*g/week*), but the order of magnitude was correct. Some of the identified parameter could be adjusted to obtain better results in terms of frost formation (3.09 *g/week*).

The importance of different parameters in the frost formation prediction was observed through a sensitivity study, which pointed out the role of the effective mass diffusivity and convective heat transfer coefficient.

## Bibliography

- [1] R.C. Martins, M.G. Almeida, C.L.M. Silva, The effect of home storage conditions and packaging materials on quality of frozen green beans, *International Journal of Refrigeration*, 27 (2004) 850-861
- [2] Theofania Tsironi, Efimia Dermesonlouoglou, Maria Giannakourou, Petros Taoukis, Shelf life modelling of frozen shrimp at variable temperature conditions, *LWT – Food Science and Technology*, 42 (2009) 664 - 671
- [3] N. Poovarodom, Modification de la qualité des denrées alimentaires surgelées au cours de leur conservation: le rôle de l'emballage et l'influence de la température de conservation, Thèse doctorant de l'Université de Technologie de Compiègne
- [4] O. Laguerre, D. Flick, Frost formation on frozen products preserved in domestic freezers, *Journal of Food Engineering*, 79 (2007) 124-136
- [5] Q.T. Pham and J. Willix, A model for food desiccation in frozen storage, *Journal of Food Science*, 49 (1984) 1275-1281
- [6] Q.T. Pham and J. Willix, Weight loss from lamb carcasses in frozen storage: influence of environmental factors, *International Journal of Refrigeration* 8 (1985) 231-235
- [7] Q.T. Pham, J.R. Durbin, J. Willix, Survey of weight loss from lamb in frozen storage, *International Journal of Refrigeration*, 5 (1982) 337-342
- [8] Y. Phimolsiripol, U. Siripatrawan, D.J. Cleland, Weight loss of frozen bread dough under isothermal and fluctuating temperature storage conditions, *Journal of Food Engineering*, 106 (2011) 134-143
- [9] L.A. Campañone, V.O. Salvadori, R.H. Mascheroni, Weight loss during freezing and storage of unpackaged foods, *Journal of Food Engineering*, 47 (2001) 69-79
- [10] O. Laguerre, S.B. Amara, G. Alvarez, D. Flick, Transient heat transfer by free convection in a packed bed of spheres/ Comparison between two modelling approaches and experimental results, *Applied Thermal Engineering*, 28 (2008) 14-24
- [11] K.J. Beukema, S. Bruin, J. Schenk, Heat and mass transfer during cooling and storage of agricultural products, *Chemical Engineering Science*, 37 (1982) 291-298
- [12] L.A. Campañone, V.O. Salvadori, R.H. Mascheroni, Food freezing simultaneous surface dehydration: approximate prediction of weight loss during freezing and storage, *International Journal of Heat and Mass Transfer*, 48 (2005) 1195-1204
- [13] A.M. Tocci, R.H. Mascheroni, Numerical models for the simulation of the simultaneous heat and mass transfer during food freezing and storage, *International Communications of Heat and Mass Transfer*, 22 (1995) 251-260
- [14] ASHRAE Handbook—Refrigeration, Chapter 9: Thermal properties of food, 2006.

- [15] Q.T. Pham, Modelling heat and mass transfer in frozen foods: a review, *International Journal of Refrigeration*, 29 (2006) 876-888
- [16] S. Ben Amara, *Ecoulements et transferts thermiques en convection naturelle dans les milieux macroporeux alimentaires: Application aux réfrigérateurs ménagers*, Thèse doctorant de l'Institut National de Paris-Grignon, 2005.
- [17] Donald A. Neild and Adrian Bejan, *Convection in porous media*, Third Edition, Springer Science + Business Media, Inc., 2006.
- [18] G. Alvarez, *Etude de transfert de chaleur et de matière au sein d'un échangeur complexe de type « palette »*, Thèse doctorant de l'Ecole National du Génie Rural des Eaux et des Forêts (Paris), 1992.
- [19] S.B. Amara, O. Laguerre, D. Flick, Experimental study of convective heat transfer during cooling with low air velocity in stack of objects, *International Journal of Thermal Sciences*, 43 (2004) 1213-1221
- [20] Warren M. Rohsenow, James P. Hartnett, Young I. Cho, *Handbook of Heat Transfer*, Third Edition, The McGraw-Hill Companies, Inc., 1998. M. Kaviany, Chapter 9: *Heat Transfer in Porous Media*

## 5 CONCLUSION

A model of heat and mass transfer was proposed in order to predict frost formation into a closed container filled with frozen vegetables. The problem was studied as a macroporous media composed by the product and the surrounding air. Natural convection air flow was assumed into the container, which promotes water mass transport. The model was developed in the commercial software CFD COMSOL, and it was tested imposing different exterior air temperature fluctuations (boundary conditions). Results of four temperature cycles were compared, varying one by one: average temperature, amplitude and frequency of oscillation. As a general result it was observed that product temperature behavior is as expected, and it is directly associated with frost formation into the container. The bigger the product temperature variation, the bigger the amount of frost formed. Frost formation increases with large amplitude of oscillation, but decreases with higher frequencies and mean temperatures.

Parameters that characterized the porous media were measured and identified for two porous media: slices of frozen carrots- air, and frozen green beans- air. Parameters can be classified in three types: the ones that depend only on thermophysical properties (product density and apparent specific heat), which depends only on the geometry (porosity, specific surface and permeability) and the ones which depend on both (equivalent conductivity and convective heat transfer coefficient). From the results, summarized in Table 3.5, it can be seen that parameters in the first case, were similar for both vegetables since they were composed mainly by water (carrots 87.79% and green beans 90.27%). Green beans density is 2% smaller than carrot density. Pure geometric parameters were of the same order of magnitude for both porous media, but were a bit bigger for green beans than for carrots. It was not strange since product geometries were completely different. Green beans porosity was 18% bigger, specific surface was 33% bigger and permeability was 14% bigger, respect to carrots. These results appear to be in concordance, since the bigger the porosity, the bigger the permeability. In case of the last two parameters, equivalent conductivity and convective heat transfer coefficient, the results were of the same order of magnitude. However, the equivalent conductivity varied more significantly, since it is directly related with the geometric appearance. As the porosity is smaller for carrots, there were more vegetables per bed volume, leading to a higher conductivity, and less air with lower conductivity. That situation explained the equivalent conductivity augmentation on 28.5%. In the case of convective coefficient, differences in geometric characteristics appear not to have a large impact. Fluid (air) and solid

phases in porous media have similar thermal properties, and finally the convective coefficients were practically the same (7% higher for carrots bed). In general, parameters which characterize these porous media were similar for both products, even though the different geometries.

A simpler model of heat and mass transfer for a porous media and in conditions of free convection was developed. The model predicted product temperatures for different temperature cycles with deviations smaller than 12% for cycle 1 and 8% for cycle 2 in respect to experimental measurements. The model was a good tool to identify more susceptible regions for frost formation into the container. The rate of frost formation from the model (1.56 g/week) was lower than in the experiment (4.67g/week), but the order of magnitude was correct. Some of the identified parameter could be adjusted to obtain better results in terms of frost formation (3.09 g/week).

The importance of different parameters in the frost formation prediction was observed through a sensitivity study, which pointed out the role of the effective mass diffusivity and convective heat transfer coefficient.

## **5.1 General conclusion and perspectives**

A model was developed to predict frost formation during the storage of a bulk of frozen vegetables. This model is a first step of the project Flexifroid, in order to create a tool for the industry to predict frost formation during normal storage conditions, or in cases of disconnection from the energy supply.

This work would continue in different ways, in direction to a macroscopic study, improving the model and introducing it into a model of the air flow and heat exchange in the cold room, or microscopic study, analyzing recrystallization and frost densification.

Some possible lines of work are summarized below:

- Improve the model to consider recrystallization phenomena and frost densification.
- Made a micro tomography in a small scale sample of the porous media, in order to understand the phenomena involved during the frost formation.
- Validate the model changing to a cubic container (3D model) with real dimensions.
- Implement a reduced model.

- Model air flow and heat transfer into the cold room with a stack of pallets in the real arrangement.

## **BIBLIOGRAPHY**

Amara, S.B. Laguerre, O. Flick, D. Experimental study of convective heat transfer during cooling with low air velocity in stack of objects, **International Journal of Thermal Sciences** 43, p. 1213-1221, 2004.

Beukema, K.J. Bruin, S. Schenk, J. Heat and mass transfer during cooling and storage of agricultural products, **Chemical engineering Science** 37, p. 291-298, 1982.

Campañone, L.A. Salvadori, V.O. Mascheroni, R.H. Weight loss during freezing and storage of unpackaged foods, **Journal of Food Engineering** 47, p. 69-79, 2001.

Campañone, L.A. Salvadori, V.O. Mascheroni, R.H. Food freezing simultaneous surface dehydration: approximate prediction of weight loss during freezing and storage, **International Journal of Heat and Mass Transfer** 48, p. 1195-1204, 2005.

Chin-Hsiang Cheng, Yu-Chieh Cheng, Predictions of frost growth on a cold plate in atmospheric air, **International Communications in Heat and Mass transfer** 8, p. 953-962, 2001.

Dona, C.L.G. and Stewart Jr, W.E. Numerical analysis of natural convection heat transfer instored high moisture corn, **Journal of Agricultural Engineering Research** 40, p. 275-284, 1988.

Graciela Alvarez, Pierre-Emmanuel Bournet, Denis Flick, Two dimensional simulation of turbulent flow and transfer through stacked spheres, **International Journal of Heat and Mass Transfer** 46, p. 2459-2469, 2003.

Laguerre, O. Amara, S.B. Alvarez, G. Flick, D. Transient heat transfer by free convection in a packed bed of spheres/ Comparison between two modeling approaches and experimental results, **Applied Thermal Engineering** 28, p. 14-24, 2008.

Laguerre, O. Flick, D. Frost formation on frozen products preserved in domestic freezers, **Journal of Food Engineering** 79, p. 124-136, 2007.

Martins, R.C. Almeida, M.G. Silva, C.L.M. The effect of home storage conditions and packing materials on the quality of frozen green beans, **International Journal of Refrigeration** 27, p. 850-861, 2004.

Méndew Bustabad, O. Weight loss during freezing and storage of frozen meat, **Journal of Food Engineering** 41, p. 1-11, 1999.

Mohammad Amini, Ahmad R. Pischevar, Mahmood Yaghoubi, Experimental study of frost formation on a fin-and-tube heat exchanger by natural convection, **International Journal of Refrigeration** 46, p. 37-49, 2014.

Pham, Q. T. Durbin, J. R. and J. Willix, Survey of weight loss from lamb in frozen storage, **Revue Internationale du Froid** 5, p. 337-342, 1982.

Pham, Q.T. Moisture transfer due to temperature changes or fluctuations, **Journal of Food Engineering** 6, p. 33-49, 1987

Pham, Q.T. and Willix, J. A model for food desiccation in frozen storage, **Journal of Food Science** 49, p. 1275-1281, 1984.

Pham, Q.T. and Willix, J. Weight loss from lamb carcasses in frozen storage: influence of environmental factors, **International Journal of Refrigeration** 8, p. 231-235, 1985.

Phimolsiripol, Y. Siripatrawan, U. Cleland, D.J. Weight loss of frozen bread dough under isothermal and fluctuating temperature storage conditions, **Journal of Food Engineering** 106, p. 134-143, 2011.

Pieter Verboven, D. Flick, B.M. Nicolai, G. Alvarez, Modelling transport phenomena in refrigerated food bulks, packages and stacks: basics and advances, **International Journal of Refrigeration** 29, p. 985-997, 2006.

Poovarodom, N. Modification de la qualité des denrées alimentaires surgelées au cours de leur conservation: le rôle de l'emballage et l'influence de la température de conservation, **Thèse doctorant de l'Université de Technologie de Compiègne**.

Qin Haijie, li Weizhong, Dong Bo, Zhao Zhihai, Zhu Weiying, Experimental study of the characteristic of frosting on low-temperatures air cooler, **Experimental Thermal and Fluid Science** 55, p. 106-114, 2014.

Tocci, A.M. and Mascheroni, R.H. Numerical models for the simulation of the simultaneous heat and mass transfer during food freezing and storage, **Int. Communications of Heat and Mass Transfer** 22, p. 251-260, 1995.

Warren M. Rohsenow, James P. Hartnett, Young I. Cho, **Handbook of Heat Transfer**, Third Edition, The McGraw-Hill Companies, Inc. M. Kaviany, 1998.

Wu, X. Ma, Chu, F. Hu, S. Phase change mass transfer model for frost growth and densification, **International Journal of Heat and Mass Transfer** 96, p. 11-19, 2016.